UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PHELIPPE NATHANIEL RIBEIRO OLIVEIRA

PRÁTICAS TRANSLÍNGUES NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE JUIZ DE FORA/MG

JUIZ DE FORA
2018

PHELIPPE NATHANIEL RIBEIRO OLIVEIRA

PRÁTICAS TRANSLÍNGUES NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE JUIZ DE FORA/MG

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Cláudia Peters Salgado

JUIZ DE FORA
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Phelippe Nathaniel Ribeiro.
Práticas translíngues na paisagem linguística de Juiz de Fora/MG / Phelippe Nathaniel Ribeiro Oliveira. -- 2018.
137 f. : il.

Orientadora: Ana Cláudia Peters Salgado
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

1. práticas translíngues. 2. englishes. 3. paisagem linguística. 4. inescrutabilidade. 5. globalização. I. Salgado, Ana Cláudia Peters, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

PHELIPPE NATHANIEL RIBEIRO OLIVEIRA

PRÁTICAS TRANSLÍNGUES NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE JUIZ DE FORA/MG

Dissertação apresentada à Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, aprovada em ____/____/____.

_____
Profª. Drª. Ana Cláudia Peters Salgado (orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profª. Drª. Cláudia Hilsdorf Rocha
Universidade Estadual de Campinas

_____
Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jacome
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 22 de agosto de 2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado, pelas muitas demonstrações de incentivo, confiança e compreensão, assim como todas as valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa e para meu engrandecimento pessoal;

Aos meus pais e à minha irmã, pelo amor;

Aos meus amigos, pela sensibilidade;

Aos meus alunos, pelo aprendizado;

Aos professores do mestrado, pela generosidade;

Aos amigos do GRUPELS, pela partilha;

Aos colegas de trabalho, pela solidariedade;

À Márjori, pelo incentivo;

Ao Stitch, pela companhia;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus professores, em especial à *teacher* Helaine (*in memoriam*), que despertaram em mim o amor pelo estudo das línguas, e aos meus alunos, que o alimentam diariamente.

Caros amigos:
As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas "servem". Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. […] Vivemos dominados por uma percepção redutora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico da competência dos linguistas. Contudo, as línguas que sabemos — e mesmo as que não sabemos que sabíamos — são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente.
(Mia Couto - E se Obama fosse africano?)

RESUMO

Esta pesquisa de base qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 1994) tem por finalidade coletar ocorrências de *lookalike English* (BLOMMAERT, 2012) a partir da paisagem linguística (GORTER, 2006) da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, e propor sua análise sob uma orientação translíngue (CANAGARAJAH, 2013) para a linguagem, a qual acreditamos permitir uma compreensão mais esclarecedora dos complexos processos subjacentes a estas práticas linguísticas. Revisitamos os principais modelos teóricos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX, tais como *World Englishes* (KACHRU, 1991), *English as Global Language* (CRYSTAL, 2003), *English as a Lingua Franca* (JENKINS, 2006; MAURANEN, 2017) e *English as A Local Language* (HIGGINS, 2009), os quais têm sido usados para se descrever a expansão global da língua inglesa e sua diversificação a partir do contato com outras línguas, a fim de evidenciarmos um dinamismo característico deste processo e traçar as bases conceituais necessárias à compreensão da virada multilíngue (MAY, 2014), à qual pretendemos alinhar nossas considerações. Discutimos como a mobilidade (BLOMMAERT, 2010) possibilitada pelos episódios mais recentes da globalização tem dado origem a novas formas de multilinguismo urbano em uma sociedade frequentemente descrita como superdiversa (VERTOVEC, 2005; BUDACH & SAINT-GEORGES, 2017). Apoiados em pressupostos teóricos recentes da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, tais como o entendimento de língua como uma prática local (PENNYCOOK, 2010), nas contribuições metodológicas da tradição etnográfica (BLOMMAERT, 2013; BLOMMAERT & JIE, 2010) e da análise de narrativas (DE FINA, 2009, 2015; DE FINA & JOHNSTONE, 2015), buscamos evidenciar nos *accounts* (SCOTT & LYMAN, 1968) produzidos em nosso trabalho de campo a natureza translíngue de tais práticas (CANAGARAJAH, 2013) e examiná-las através das lentes da multivocalidade (HIGGINS, 2009) e da inescrutabilidade (LEE, 2017), noções que nos permitem discutir questões de identidade e legitimidade envolvidas em práticas translíngues.

Palavras-chave: globalização; *englishes*; práticas translíngues, paisagem linguística, inescrutabilidade.

ABSTRACT

This qualitative study (DENZIN & LINCOLN, 1994) aims to collect examples of lookalike English (BLOMMAERT, 2012) from the linguistic landscape of Juiz de Fora, Minas Gerais, and treat them from a translingual orientation (CANAGARAJAH, 2013) to language, which we believe to foster a deeper discussion of the complex processes underlying such language practices. We reexamine the most important theoretical models developed during the second half of the 20th century, such as World Englishes (KACHRU, 1991), English as Global Language (CRYSTAL, 2003), English as Lingua Franca (JENKINS, 2006; MAURANEN, 2017) and English a Local Language (HIGGINS, 2009), which have been used to describe the global expansion and diversification of English through its contact with other languages, in order to reveal the inherent dynamics of this process and build the conceptual foundations to the understanding of the multilingual turn (MAY, 2014), with which we expect to align our considerations. We discuss how the mobility (BLOMMAERT, 2010) brought about by the latest events of globalization has originated new forms of urban multilingualism in a society frequently described as super-diverse (VERTOVEC, 2005; BUDACH & SAINT-GEORGES, 2017). By drawing on more recent theoretical constructs in Sociolinguistics and Applied Linguistics, such as an understanding of language as a local practice (PENNYCOOK, 2010), as well as methodological contributions both from the ethnographic tradition (BLOMMAERT, 2013; BLOMMAERT & JIE, 2010) and narrative analysis (DE FINA, 2009, 2015; DE FINA & JOHNSTONE, 2015), we examine the accounts (SCOTT & LYMAN, 1968) produced during our fieldwork in order to unveil the translingual nature of such language practices, which are further discussed through the lenses of multivocality (HIGGINS, 2009) and inscrutability (LEE, 2017) in order to address identity and legitimacy issues embedded in these practices.

Keywords: globalization; englishes; translingual practices; linguistic landscape; inscrutability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: modelo *World Englishes* 22
Figura 2: SEAKALM 73
Figura 3: SCISSÔ 73
Figura 4: captura de tela *A Limp House* 74
Figura 5: *Bucket Kickers* 74
Figura 6: LOC FEST 75
Figura 7: PERSOMBRINK 91
Figura 8: *Facebook Bucket Kickers* 92
Figura 9: ilustração de *mesh* 93
Figura 10: Espaço *soulcat* 98
Figura 11: captura de tela do site *urbandictionary.com* 98
Figura 12: captura de tela do site da clínica Espaço *soulcat* 99
Figura 13: Facebook da clínica Espaço *soulcat* 100
Figura 14: Sobrinho's Bar 106
Figura 15: Primu's Laminados e Acabamentos 107
Figura 16: Padaria e Lanchonete Eduardo's 107
Figura 17: *Facebook* Luciano Gesso's 110
Figura 18: Trailler do Raffa's Lanches" 111
Figura 19: FEST POINT 113
Figura 20: FEST PARK 113
Figura 21:HAPPY FEST 113
Figura 22: BRINKD'S FEST 114
Figura 23: FEST BRINQ 114
Figura 24: *SCISSÔ* 117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: quadro-resumo 1: análise comparativa das ocorrências 126
Quadro 2: quadro-resumo 2: análise comparativa das ocorrências 127
Quadro 3: quadro-resumo 3: análise comparativa das ocorrências 128

LISTA DE SIGLAS

WE – World Englishes

EIL – English as an International Language

ELF – English as a *Lingua Franca*

LFC – Lingua Franca Core

TESOL – Teaching English to Speakers of Other Languages

LL – Linguistic Landscape

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

1 UMA QUESTÃO DE RÓTULO: *ENGLISH AS*... ..... **18**

1.1 ***World Englishes*** **21**

1.2 ***An International Language*** **27**

1.3 ***A Lingua Franca*** **29**

1.4 ***A Local Language*** **33**

2 POR UM NOVO PARADIGMA **41**

2.1 A virada multilíngue **41**

2.2 Uma outra Sociolinguística **43**

2.3 A lente da superdiversidade **48**

2.4 Língua é prática **51**

2.5 A orientação translíngue **54**

3 METODOLOGIA **61**

3.1 As bases da pesquisa qualitativa **61**

3.2 A tradição etnográfica **64**

3.3 A paisagem linguística como *locus* de pesquisa **68**

3.4 Coleta e análise de dados **72**

3.4.1 Conversas etnográficas **75**

3.4.2 Análise das narrativas **79**

4 DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS **83**

4.1 De *lookalike* a *translingual*: parece, mas não é? **84**

4.2 Múltiplos significados... ou nenhum! **94**

4.2.1 Multivocalidade **95**

4.2.2 Inescrutabilidade **104**

4.3 Reflexões sobre identidade e legitimidade **116**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **129**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **133**

INTRODUÇÃO

Como um dos principais agentes à frente desta pesquisa qualitativa, permito-me fazer uso da primeira pessoa por alguns parágrafos de modo a produzir, à semelhança do que coletamos em nosso trabalho de campo, um relato de algumas das experiências que aguçaram meu olhar para a discussão que aqui proponho. Ingressei no curso de mestrado em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora aproximadamente 10 anos depois de me graduar em Letras. Durante todo esse tempo, atuei como professor de língua inglesa, portanto meu retorno formal ao ambiente acadêmico para uma pós-graduação foi inevitavelmente marcado e motivado pela minha experiência profissional.

Como professor, sempre busquei compreender, ainda que intuitivamente, as estratégias empregadas pelos meus alunos ao se comunicarem em sala de aula e construírem, muitas vezes, “pedaços” de língua que desencontravam dos modelos que os livros, os pais, colegas docentes e até eu mesmo esperávamos ouvir, mas que, na verdade, resultavam de complexas práticas linguísticas e de negociação de significado altamente eficazes nos contextos em que ocorriam. Essa visão me permitiu relativizar, empiricamente, a noção de erro e buscar fomentar, em sala de aula, agentividade: não só dos meus alunos, mas a minha própria, por tanto tempo sufocada pelos contextos instrucionais dos quais participei que perpetuavam crenças arraigadas na chamada orientação monolíngue (CANAGARAJAH, 2013), e reduziam, assim, o espaço para minha voz como falante em prol de normas majoritariamente definidas a partir de um mítico modelo de falante nativo do inglês. Esta mesma visão, felizmente, também determinou profundamente o tipo de pesquisa que me propus a realizar no mestrado, e por este motivo acredito ter encontrado na Linguística Aplicada e na Sociolinguística campos férteis nos quais estas inquietações poderiam se transformar em objeto de estudo. Uma experiência aparentemente trivial em específico foi determinante neste processo e me permitiu construir a ponte entre minhas observações como professor e a possibilidade de tratá-las como pesquisador, a qual hoje, depois de concluída esta pesquisa, percebo como um germe do trabalho de campo que mais tarde sistematizei a partir de uma compreensão mais aprofundada da etnografia.

Pouco antes de iniciar o primeiro ano do programa, em fevereiro de 2016, precisei deixar meu veículo em uma oficina para que uma manutenção no ar-condicionado fosse feita. J., o mecânico, prometeu-me enviar pelo *zap* (abreviatura para *WhatsApp* popular no Brasil, que por si só poderia ser exaustivamente analisada sob a ótica translíngue!) fotos e informações complementares antes de realizar o reparo, e assim o fez poucas horas após eu ter deixado seu estabelecimento. As imagens não eram muito esclarecedoras, em parte por sua baixa qualidade e em parte (a maior, acredito) pela minha falta de familiaridade com o funcionamento de um condensador automotivo. Pedi mais detalhes a J., que assim me respondeu:

"o cazamento ta na ponta do meu dedo"
"pucha o zum que da pra ver"

O contexto por nós dois estabelecido desde nosso primeiro contato profissional permitiu-me decodificar sua mensagem sem grandes dificuldades: "cazamento", na verdade, referia-se ao "vazamento" que me levou a procurar seus serviços, e atribuí a troca da consoante inicial com alguma certeza aos fatídicos erros de digitação que se popularizaram na mesma proporção das telas do tipo *touchscreen* dos *smartphones* atuais. Consegui, também, ampliar a fotografia suficientemente para visualizar uma mancha escura que supus ser o problema ao qual J. se referia.

Seus poucos caracteres ofereceram-me um campo fértil para divagações a respeito da maneira como termos como "zoom", em grande parte impulsionados pelas muitas possibilidades tecnológicas atuais, que por sua vez alcançam um número cada vez maior de pessoas, têm se deslocado pelo mundo e sido incorporados por falantes das mais diversas línguas aos seus repertórios de maneiras inéditas, criativas e imprevisíveis.

Uma construção aparentemente simples como aquela oferece inúmeras camadas e possibilidades de análise. É possível explorar o nível fonético a fim de se a entender as escolhas por "ch" em "puxar" e "u" para a representação gráfica da vogal /u:/ de *zoom*; ou, ainda, analisar esta construção sob o ponto de vista morfológico de modo a compreender a atribuição do gênero masculino a "zum" através da escolha do determinante "o"; poderíamos, também, explorar a interface

sintático-semântica de modo a explicitar o papel temático atribuído a *zoom* que motiva a escolha lexical por “puxar” em português. Estas são todas análises válidas, e sem dúvida contribuem para o entendimento de diferentes nuances do produto resultante desta prática; contudo, elas são limitadas por um certo cognitivismo que, por muito tempo, conforme argumenta Canagarajah (2013, p. 27) e de acordo com o que discutiremos nos dois primeiros capítulos, determinou algumas incursões da Sociolinguística que se propuseram a dar conta da disseminação global da língua inglesa, mas se revelam insuficientes à compreensão de complexos fenômenos linguísticos observados no atual estágio da globalização.

Naquele primeiro momento, faltavam-me ferramentas teórico-analíticas, tais como as noções de mobilidade, recursos e a natureza translíngue que parece se manifestar tão frequentemente em práticas linguísticas nos espaços urbanos atualmente, que me permitissem “puchar o zum” naquela construção e ver além das escolhas ortográficas ou lexicais feitas por J. ao construir seu sintagma a partir de recursos cujas origens, desconfio, pouco lhe importava. Por estas razões, e motivado pelo meu contato com outras pesquisas de viés qualitativo durante o período de creditação e nos eventos acadêmicos na área dos quais participei (tais como o 11th International Symposium on Bilingualism, na Universidade de Limerick, na Irlanda, o 18th World Congress of Applied Linguistics, no Rio de Janeiro, e o IV CONEL, na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória) concluí que uma abordagem dessas práticas sob esta perspectiva parecia estar mais bem alinhada aos trabalhos que têm buscado discutir a relação entre globalização e linguagem atualmente, e poderia, portanto, produzir resultados mais esclarecedores. Mais do que realizar um levantamento quantitativo de ocorrências translíngues ou restringir nossa análise aos aspectos estritamente intralinguísticos destas manifestações que ouvimos, lemos e encontramos dispostas ao nosso redor, almejamos revelar como elas são ideologicamente marcadas pelos falantes e os permitem negociar significados a partir de diálogos entre o local e o global, e assim constroem linguisticamente espaços superdiversos nos quais suas identidades são projetadas.

Esta proposta encontrou no Grupo de Pesquisa em Linguagem e Sociedade (GRUPELS), do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Cláudia Peters Salgado, um terreno fértil ao seu desenvolvimento. Ela se articula diretamente com o projeto de pesquisa APQ-01602-15, aprovado e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais

(FAPEMIG) (edital 01/2015), intitulado **A mobilidade social e suas implicações na paisagem linguística de Juiz de Fora/MG**. Este projeto busca descrever e evidenciar manifestações multilíngues em uma cidade frequentemente considerada monolíngue, mas cuja paisagem linguística revela considerável presença de recursos oriundos de diversas línguas, os quais podem ser observados em nomes de estabelecimentos comerciais, placas e letreiros, pichações, entre outros.

Em uma quantidade significativa dos registros feitos por outra pesquisadora integrante do grupo (SOARES, 2018), identificamos o que Blommaert chama de *lookalike English* (BLOMMAERT, 2012, p. 61), noção que detalharemos melhor o ao analisarmos nossos dados. Em síntese, Blommaert emprega esta expressão para se referir a inscrições encontradas na paisagem linguística que, apesar de se assemelharem à língua inglesa em algum grau (portanto a ideia de *lookalike*), não remetem a um significado claro em inglês. Nossa pesquisa nasceu desta ideia e com este propósito: refletir sobre este "parece, mas não é" linguístico que, novamente, configurava-se a partir das lentes hegemônicas adotadas por variedades linguísticas dominantes. Ao final de nosso trabalho, esperamos contribuir para um entendimento mais amplo não só do papel que a língua inglesa tem desempenhado nos mais diversos sistemas sociolinguísticos com as quais têm entrado em contato por tanto tempo, mas para a própria noção de *língua*. Esperamos, ainda, contribuir para a consolidação da orientação translíngue e apontar futuros caminhos de pesquisa que possam se beneficiar desta discussão.

Iniciamos nosso percurso no capítulo 1 revisitando diferentes modelos que têm sido propostos desde a segunda metade do século XX que buscam descrever o inglês em função de seu movimento de expansão global, e lhe atribuíram os mais diversos rótulos: *global language, international language, lingua franca*... Mas que se revelaram limitados na medida em que, quanto mais se espalhava, mais a língua inglesa se transformava e extrapolava os critérios estruturais que lhe eram impostos junto com estas denominações. Assim, apoiados em Higgins (2009), discutimos a necessidade de se compreender a língua em seu aspecto local, o que demanda um significativo reposicionamento epistemológico para o qual conceitualmente esperamos contribuir no segundo capítulo. Aqui discutiremos noções fundamentais que têm ganhado força na literatura sociolinguística nos últimos 20 anos como resultado de algumas *viradas* que a área observou, tais como a multilíngue (MAY, 2014). Tais mudanças de paradigma têm buscado atualizar seu aparato conceitual e

suas ferramentas metodológicas de modo a investigar de maneira mais satisfatória as manifestações linguísticas observadas nos estágios mais recentes da globalização, marcada por oferta tecnológica e mobilidade sem precedentes. Assim, mostraremos que noções como **mobilidade,** língua como **prática** (PENNYCOOK, 2010) e **superdiversidade** (VERTOVEC, 2005; BUDACH & SAINT-GEORGES, 2017) se articulam e nos permitem o entendimento de uma orientação que tem sido amplamente adotada nos estudos linguísticos: a **translíngue** (CANAGARAJAH, 2013). Por meio dela, as fronteiras entre línguas são concebidas de maneira mais fluidas e dinâmicas, e nos abrimos a um entendimento mais amplo do que as pessoas têm feito concretamente com os recursos linguísticos que encontram à sua disposição ao se comunicarem umas com as outras em espaços urbanos cada vez mais plurilíngues.

No capítulo 3, apresentaremos as escolhas metodológicas feitas em nosso trabalho. Discutiremos as bases teóricas da pesquisa qualitativa (DENZIN E LINCOLN, 1994) e mostraremos como a tradição etnográfica (BLOMMAERT, 2013; BLOMMAERT & JIE, 2010) fornece-nos ferramentas úteis à observação e compreensão detalhadas de fenômenos sociais, as quais, no nosso caso, envolvem os agentes responsáveis pelas práticas que nos propomos a analisar. Discutiremos as premissas teóricas que orientaram nossas conversas (BRIGGS, 1986; FONTANA & FREY, 1994) e nos apoiaremos nas contribuições metodológicas de De Fina (2009, 2015), De Fina & Johnstone (2015); Blommaert (2013) e Blommaert & Jie (2010) para analisar os *accounts* (SCOTT & LYMAN, 1968) que foram produzidos durante nosso trabalho de campo, a fim de identificarmos e descrevermos os processos subjacentes às práticas analisadas, assim como discutirmos como elas carregam posicionamentos ideológicos e permitem a seus agentes a construção linguística de suas identidades.

No último capítulo, analisaremos os dados coletados durante nosso trabalho e introduziremos uma noção fundamental à sua análise: a ideia de **inescrutabilidade** (LEE, 2017), noção desenvolvida pelo professor e pesquisador da Universidade da Califórnia/Irvine, Jerry Won Lee, cuja sessão tivemos o privilégio de assistir durante nossa participação no 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada (AILA). Mostraremos como esta proposta parece atender à crescente demanda por um paradigma de compreensão capaz de discutir satisfatoriamente questões de significado e legitimidade a partir de práticas translíngues.

1 UMA QUESTÃO DE RÓTULO: *ENGLISH AS...*

Conforme apresentado na Introdução, um dos principais objetivos deste trabalho é analisar inscrições encontradas na paisagem linguística (GORTER, 2006) ao nosso redor como práticas translíngues nas quais recursos que remetem à língua inglesa são frequentemente empregados. Optarmos inicialmente pelo verbo "remeter" pois, como veremos adiante, uma parcela significativa das ocorrências registradas não segue necessariamente regras gramaticais da língua inglesa estabelecidas *a priori*, mas emergem a partir de complexas práticas linguísticas nas quais normais e significados são localmente negociados e construídos. Além disso, em determinados casos, a consciência sobre a procedência ou o pertencimento destes recursos a uma língua A ou B parece não fazer diferença para os falantes em suas práticas comunicativas cotidianas, conforme buscaremos exemplificar através da análise de nossos dados no capítulo 4.

Antes de articularmos as perspectivas teóricas que julgamos mais esclarecedoras para a compreensão de tais manifestações como práticas translíngues, o que faremos no segundo capítulo, acreditamos ser necessário olhar, inicialmente, para a própria língua inglesa e tecermos algumas considerações a seu respeito que nos permitam responder a mesma pergunta feita por Crystal (2003) em **English as a Global Language**[1]: *why English*? Por que o inglês, e não outra língua? Quais são os principais fatores históricos, políticos, geográficos, sociais e culturais que contribuíram (e ainda contribuem) para o movimento da língua inglesa pelo mundo e a tornam presente, em maior ou menor grau, no mundo todo, tornando-a "global"? Ao longo deste capítulo, tentaremos refletir sobre este rótulo que parece ter se tornado lugar comum quando pensamos no *status* da língua inglesa no mundo globalizado; contudo, antes de desafiar o termo, busquemos compreender suas origens.

Na obra acima, Crystal afirma que uma língua atinge um *status* verdadeiramente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países (2003, p. 3), o que, segundo o autor, pode ocorrer basicamente de duas maneiras: ao ser adotada como língua oficial a ser usada, por exemplo, pelo governo, imprensa e sistema educacional, ou ao ser priorizada como língua estrangeira a ser ensinada, mesmo não sendo reconhecida como oficial (CRYSTAL,

[1] CRYSTAL, D. **English as a global language.** Cambridge: Cambridge University Press. 2003

2003, p. 4). A primeira maneira é, essencialmente, um caminho resultante de forças políticas, conforme vemos em Bourdieu:

> A língua oficial está enredada com o Estado, tanto em sua gênese como em seus usos sociais. É no processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado lingüístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas etc.), esta língua de Estado torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas lingüísticas são objetivamente medidas (BOURDIEU, 2008, p. 32).

Já a segunda maneira apontada por Crystal parece-nos carecer de alguma problematização na atual configuração global do mundo. As políticas linguísticas que preconizam o ensino de língua inglesa como "estrangeira" não nos parecem ser causa, mas sim o efeito da valorização do **capital simbólico** atrelado ao inglês (BOURDIEU, 2008, p. 59), noção à qual retornaremos no capítulo 4.

Por ora, e de modo a retomar nosso questionamento inicial – por que o inglês? – cabe-nos ressaltar que este movimento de práticas linguísticas em direção ao idioma, que Higgins (2009) denomina **centrípeto**, não é um fenômeno recente. Na verdade, sua origem costuma ser localizada temporalmente no século XVIII durante a Revolução Industrial, conforme nos mostra Crystal:

> A nova terminologia do avanço tecnológico e científico teve um impacto imediato na língua, acrescentando dezenas de milhares de palavras ao léxico inglês. Mas, mais importante, o fato de que estas inovações estavam jorrando de um país falante de inglês significou que aqueles de fora que desejavam aprender sobre tais avanços precisariam aprender inglês – e aprendê-lo bem – se desejassem deles se beneficiar (CRYSTAL, 2003, p. 80)[2]

No começo do século XIX, a Inglaterra ocupava a posição de liderança industrial e comercial no mundo (2003, p. 10). Ao final do mesmo século, a população dos Estados Unidos era de quase 100 milhões de pessoas, maior do que qualquer país da Europa Ocidental, e sua economia desenvolvia-se num ritmo superior a qualquer outra nação. Se durante o século XIX o imperialismo britânico havia dado o pontapé inicial no movimento da língua inglesa pelo mundo, durante o século XX o poder econômico norte-americano foi o grande responsável pela

[2] Do original: "The new terminology of technological and scientific advance had an immediate impact on the language, adding tens of thousands of words to the English lexicon. But, more important, the fact that these innovations were pouring out of an English- speaking country meant that those from abroad who wished to learn about them would need to learn English – and learn it well – if they wished to benefit."

manutenção e disseminação do papel *global* da língua inglesa, pois, conforme argumenta Crystal, "uma nação militarmente poderosa pode ser necessária para se estabelecer uma língua, mas é necessária uma nação economicamente poderosa para mantê-la e expandi-la[3]" (2003, p. 10).

Se o germe do *status* global da língua inglesa remonta à Revolução Industrial e à oportunidade de acesso às inovações e ao conhecimento da época, foi no século XX que a necessidade de uma *lingua franca* (MAURANEN, 2017) ganhou ainda mais força em função de outros acontecimentos políticos. Logo no início do século, com a assinatura do Tratado de Versalhes em 1919, foi criada a Sociedade das Nações (ou Liga das Nações, em tradução para a versão do nome em inglês, *League of Nations*), uma organização internacional idealizada pelas nações vencedoras da Primeira Guerra Mundial cujos idiomas oficiais eram o inglês e o francês. A Sociedade das Nações representou uma prefiguração da atual ONU, que foi fundada em 1945 e, desde então, vários organismos de cooperação internacional surgiram, tais como o Banco Mundial (1945), a UNESCO e a UNICEF (ambas em 1946), a Organização Mundial da Saúde (1948) e a Agência Internacional de Energia Atômica (1957) (CRYSTAL, 2003, p. 12). Foi nesse contexto de cooperação internacional sem precedentes que a adoção de uma *lingua franca* fez sentido como uma alternativa a recursos onerosos e até então impraticáveis de tradução, e o poder econômico norte-americano contribuiu para que o inglês preenchesse esta lacuna.

Desde então, e motivado por inúmeros outros fatores, dentre os quais Crystal destaca os culturais como, por exemplo, a ascensão da mídia e entretenimento em língua inglesa, e avanços tecnológicos que permitiram o acesso a essas informações e maior deslocamento das pessoas durante o século XX (CRYSTAL, 2003, p. 86), o uso do idioma cresceu exponencialmente no mundo inteiro e estima-se que mais de 1,5 bilhão de pessoas possam se comunicar em inglês atualmente (CRYSTAL, 2003, p. 69). Uma das consequências de uma língua tornar-se global, de acordo com Crystal, é o fato de que "ninguém a possui mais. Ou, em vez disso, todos que a aprenderam agora a possuem – 'têm sua parte nela' talvez soe mais preciso – e têm o direito de usá-la da maneira como quiserem[4]" (CRYSTAL, 2003,

[3] Do original: "It may take a militarily powerful nation to establish a language, but it takes an economically powerful one to maintain and expand it."
[4] Do original: "... it is that nobody owns it any more. Or rather, everyone who has learned it now owns it – 'has a share in it' might be more accurate – and has the right to use it in the way they want".

pp. 2-3). E é exatamente por causa desta prerrogativa de uso idiossincrático do idioma nos contextos de globalização pós-colonial e pós-moderna que, segundo Canagarajah, “o inglês tem passado por outras mudanças com relação às diversas novas línguas e comunidades com as quais tem entrado em contato[5]” (2013, p. 56).

Estas variações têm sido alvo de estudos de muitos pesquisadores há bastante tempo, os quais, por meio de diferentes modelos teóricos, têm buscado melhor compreender a língua inglesa em função de seu contato com muitas outras línguas no curso de seu movimento global. Alguns deles receberam mais desenvolvimento teórico e introduziram conceitos amplamente adotados na literatura sociolinguística nos últimos 30 anos, tais como os rótulos *World Englishes* (WE), *English as an International Language (*EIL) e *English as a Lingua Franca* (ELF), os quais apresentaremos brevemente a seguir a fim de entendermos de maneira comparada as contribuições que a orientação *translíngue* sugerida por Canagarajah (2013) pode trazer para os estudos sobre contatos linguísticos e multilinguismo em suas configurações atuais, cujas manifestações na paisagem linguística local nos propomos a investigar neste trabalho.

Acreditamos que este breve percurso seja necessário na medida em que a própria abordagem translíngue que adotaremos no tratamento das práticas aqui analisadas fundamenta-se a partir de importantes conceitos que foram sendo lapidados a partir destes primeiros modelos, mas busca superar algumas de suas limitações epistemológicas. Assim, tentaremos evidenciar como nos últimos 30 anos houve um considerável movimento no sentido de se entender a difusão global da língua inglesa em termos cada vez mais locais, e de que maneiras a orientação *translíngue* proposta por Canagarajah (2013) se articula com abordagens anteriores.

1.1 *World Englishes*

Um dos primeiros e mais conhecidos modelos que se propôs a dar conta da difusão global da língua inglesa ficou conhecido por *World Englishes* (WE), e teve nos trabalhos do linguista Braj Kachru suas principais contribuições. Este modelo foi proposto há aproximadamente 30 anos e constitui uma importante tentativa em se

[5] Do original: “ In recent contexts of post-colonialism and postmodern globalization, English has been undergoing further changes in relation to the diverse new languages and communities it has been coming into contact with. ”

pluralizar as variedades do inglês para além das duas formas de maior prestígio que foram amplamente pesquisadas e descritas desde a década de 50 – o inglês americano e o inglês britânico (KACHRU, 1991, p. 180) até seu desenvolvimento. O próprio uso da forma *englishes*, no plural, reflete este esforço, pois, conforme destaca Rajagopalan a respeito da oposição *World* ***English*** x ***Englishes***, "a denominação que escolhemos frequentemente carrega consigo associações e implicações que têm grandes consequências para a maneira como abordamos o próprio fenômeno. Ela até mesmo nos predispõe de um jeito ou de outro[6]" (RAJAGOPALAN, 2012, p. 374).

O diagrama dos três círculos concêntricos proposto por Kachru em 1985 constitui, nas palavras do linguista, uma esquematização do "perfil sociolinguístico" do inglês à época de sua formulação (KACHRU, 1985 *apud* KIRKPATRICK, 2007, p. 28), e organiza a disseminação global da língua inglesa em termos históricos e com relação às suas diferentes funções sociais nos lugares onde é usada.

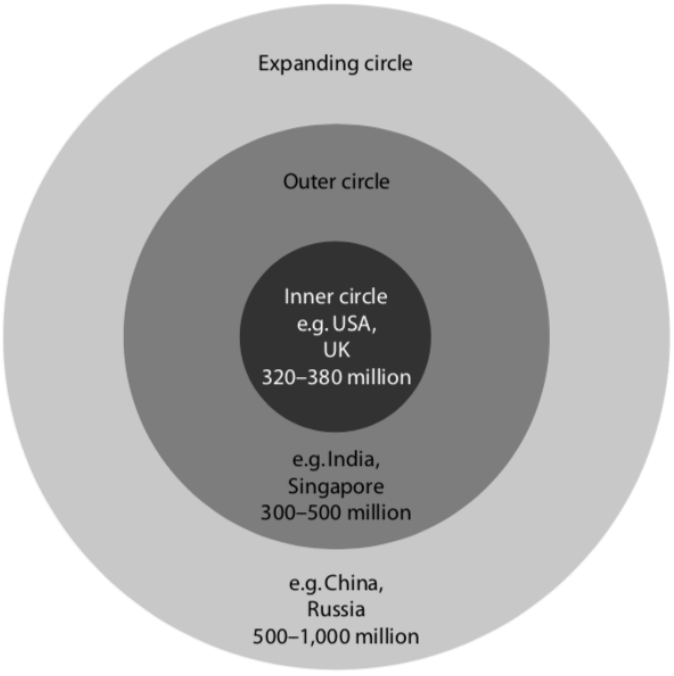


Fig. 1: modelo dos três círculos concêntricos proposto por Braj Kachru em 1985[7]

[6] Do original: "This is so because the appellation we choose often carries with it associations and implications that have major consequences for the way we approach the very phenomenon. It even predisposes us in one way or another."

[7] CRYSTAL, D. **English as a global language.** Cambridge: Cambridge University Press. 2003. p. 61.

O círculo de dentro, *Inner Circle*, corresponde aos países considerados "donos" da língua inglesa, ou, como coloca Crystal, "as bases tradicionais do inglês", nas quais ele é utilizado como primeiro idioma nas interações sociais (CANAGARAJAH, 2013, p. 58), tais como os Estados Unidos, a Inglaterra e o Canadá. Este círculo é rotulado de *norm-providing* (ou "provedor de normas", em tradução nossa) pois se pensava que as regras nele empregadas também seriam adotadas pelos falantes dos outros círculos.

O próximo círculo, rotulado *Outer Circle*, ou círculo de fora, corresponde aos países que tiveram uma relação colonial com as nações do *Inner Circle*, e neles a língua inglesa foi adotada como segunda língua para uso intranacional (CANAGARAJAH, 2013, p. 58). Este círculo recebe o rótulo *norm-developing* pois, conforme nos explica Canagarajah, estas comunidades "desenvolveram suas próprias normas com o passar do tempo com relação a suas próprias línguas e valores[8]" (2013, p. 58). A grande contribuição do modelo *World Englishes*, segundo este autor, contempla exatamente este círculo: estabelecer a legitimidade destas variedades pós-coloniais do inglês: o inglês indiano e o inglês nigeriano, por exemplo, passam a ser tão válidos para a Índia e para a Nigéria, respectivamente, quanto o inglês britânico sempre foi para seus falantes (CANAGARAJAH, 2013, p. 58).

O círculo rotulado *Expanding Circle* (círculo em expansão) corresponde à parte mais externa do diagrama, e nele se encontram "as nações que reconhecem a importância do inglês como uma língua internacional, embora elas não tenham um passado de colonização pelos países do *Inner Circle* e também não deram ao inglês qualquer *status* administrativo especial[9]" (CRYSTAL, 2003, p. 60). Estão incluídos neste círculo países como o Brasil, a China, a Polônia e outros. A este círculo é atribuído o rótulo *norm-dependent* pois, como não se pensava que estes países faziam um uso próprio da língua inglesa, afirmação que buscaremos problematizar ancorados nas contribuições de Higgins (2009) ao final deste capítulo, as regras a serem observadas aqui deveriam ser aquelas adotadas no *Inner Circle*.

O modelo kachruviano foi um passo fundamental, como mencionado

[8] Do original: "... they have developed their own norms over time, in relation to their own languages and values, ..."

[9] Do original: "The *expanding* or *extending circle* involves those nations which recognize the importance of English as an international language, though they do not have a history of colonization by members of the inner circle, nor have they given English any special administrative status."

anteriormente, no reconhecimento de variedades pós-coloniais do inglês emergentes para além das variedades colonizadoras britânica e americana. A noção de que a diferentes *englishes* aplicavam-se regras próprias colocou em xeque uma suposta superioridade das variedades do inglês faladas em países do *Inner Circle*, e propõe-se que variedades locais passem a ser vistas como igualmente válidas para seus falantes. Além disso, este modelo representa um primeiro movimento de distanciamento da classificação do inglês entre *native/second/foreign language* (língua nativa/primeira língua/língua estrangeira, respectivamente), a qual era basicamente definida considerando-se a língua falada pelos colonizadores como o padrão de proficiência a ser alcançado.

Apesar destas importantes contribuições, este modelo foi alvo de críticas que evidenciaram suas limitações em, nos termos de Canagarajah, pluralizar de modo suficiente o inglês ou "refletir as mudanças dinâmicas em práticas comunicativas[10]" (2013, p. 58): primeiramente pelo fato de o modelo ser majoritariamente definido a partir da noção de regra/norma, ou seja, apenas as variedades que parecem contar com alguma estabilidade estrutural seriam consideradas *english*, como depreendemos de:

> As variedades reconhecidas pelo [modelo] WE demandam um nível de estabilidade que deixa de fora outros usos emergentes e criativos que também são significativos e funcionais em contextos locais. Os modelos legitimados de WE também toleram uma quantidade limitada de mistura com outras línguas, tratando uma mistura excessiva como evidência de incompetência. A partir dessa perspectiva, a pluralização de WE não vai longe o suficiente[11] (CANAGARAJAH, 2013, p. 59, 60).

Além disso, Canagarajah questiona a necessidade de se atrelar tais variedades a espaços geograficamente definidos, e afirma que "a construção deste modelo em termos de Estados-Nações ignora muitas variedades do inglês já existentes e ainda em evolução[12]" (2013, p. 58), mas que não se encontram necessariamente vinculadas a um território oficialmente reconhecido ou dele não dependam, como é o caso do chamado *Chicano English*, nos Estados Unidos, ou os

[10] Do original: "... WE doesn't go far enough in pluralizing English or reflecting the dynamic changes in communicative practices."
[11] Do original: "The varieties recognized by WE require a level of stability that leaves out other creative and emergent uses that are still meaningful and functional in local contexts. The legitimized WE models also tolerate limited mixing from other languages, treating excessive mixing as evidence of incompetence. From this perspective, the pluralization of WE doesn't go far enough"
[12] Do original: The construction of this model in terms of nation-states ignores many currently existing and still evolving varieties of English."

Asian Englishes (BOLTON, 2008 *apud* CANAGARAJAH, 2013, p. 59), que operam em nível transnacional.

Kirkpatrick também nos alerta para o problema de não levarmos em consideração, para os países integrantes do *Outer Circle*, o tipo de relação colonial mantida com o colonizador, o que, segundo Mufwene, influencia diretamente o tipo de inglês que se desenvolveu naquela região (MUFWENE, 2001 *apud* KIRKPATRICK, 2007, p. 29), refletindo os diferentes esforços feitos pelo colonizador em impor, em maior ou menor grau, as regras de sua variedade.

Por fim, o papel da língua inglesa nos países integrantes do *Expanding Circle* também é subestimado nessa proposta (KIRKPATRICK, 2007, p. 29). Canagarajah afirma que, no modelo WE, estes países utilizariam a língua inglesa como estrangeira para contato com nações em posição semelhante (2013, p. 58), mas, conforme exemplifica Kirkpatrick a partir do caso da China, o uso do inglês para propósitos internos de ordem educacional, comercial e científico ilustra funções originalmente não previstas para o idioma nas nações integrantes do *Expanding Circle*, onde, em muitos casos, ele é usado de acordo com regras localmente estabelecidas e pode até mesmo originar novas variedades. (KIRKPATRICK, 2007, p. 30; HIGGINS, 2009, p. 2).

De modo a superar as limitações deste modelo, que considera a noção de regra como primária para o reconhecimento das variedades emergentes a partir de situações de contato, Canagarajah sugere que

> uma abordagem mais razoável é considerar como os processos das pessoas de negociarem diversas línguas para seus propósitos levam-nas a adotar estratégias de construção de significado e co-construção de normas intersubjetivas semelhantes às práticas translíngues[13] (2009, p. 60)

Os pressupostos teóricos que sustentam estas práticas, noção central a este trabalho, serão detalhados no próximo capítulo. Por ora cabe ressaltar que, em oposição ao enfoque dado a regras observado no modelo kachruviano, Canagarajah nos mostra que uma orientação translíngue representa uma empreitada teórica mais frutífera na medida em que nos permitiria identificar os "processos subjacentes à construção de todas estas variedades [...] É melhor tratar o contato e práticas como

[13] Do original: "A more reasonable approach is to consider how people's processes of negotiating diverse languages for their purposes lead them to adopt strategies of meaning-making and co-construction of intersubjective norms similar to translingual practices."

[noções] mais primárias e variedades como sempre emergentes e mutáveis em diversos níveis de localização[14]" [CANAGARAJAH, 2013, p. 60).

O linguista sustenta tal afirmação a partir de achados empíricos de House (2003) e Jenkins (2007) que corroboram o papel secundário das regras no *Expanding Circle*, cujos falantes multilíngues não parecem adotar as mesmas normas previstas no *Inner Circle* em suas práticas linguísticas. Canagarajah afirma, ainda, que "eles negociam suas diferenças em relações interpessoais (quaisquer sejam suas nacionalidades) adotando estratégias pragmáticas efetivas para a co-construção de normas que facilitam a comunicação[15]" (2013, p. 60).

Por fim, uma última ressalva que deve ser feita sobre este modelo está relacionada às próprias bases tradicionais do inglês que integram o *Inner Circle*. Apesar de seu principal objetivo ser validar linguisticamente as variedades fora deste círculo, este modelo falha ao tratar as variedades encontradas dentro do *Inner Circle* como "uniformes ou monolíticas, quando, na verdade, existem diversas normas e usos dentro destes países[16]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 60), pois, nas palavras do autor, "os *englishes* do *Inner Circle* também são variedades localizadas[17]" (2013, p. 60).

Concluímos, portanto, que o modelo *World Englishes* lança importantes conceitos sobre os quais vêm se estruturando, desde os anos 80, outras abordagens que objetivavam o reconhecimento de variedades emergentes da língua inglesa, principalmente no contexto pós-colonial, a partir de usos próprios por falantes multilíngues que não necessariamente adotavam as mesmas regras previstas nas variedades faladas pelos colonizadores ou "primeiros donos do idioma". Observaremos que esta tendência fortalecer-se-á depois dos anos 90 e suscitará novos paradigmas de compreensão de fenômenos linguísticos que têm sido objeto de inúmeros estudos desde os movimentos iniciais de difusão da língua inglesa em escala global, observados mais intensamente a partir da segunda metade do século XX.

---

[14] Do original: " more productive undertaking is to identify the processes underlying the construction of all these varieties, that is, the translingual practice—as I have articulated above. It is better to treat contact and practices as more primary and varieties as always emergent and changing at diverse levels of localization."

[15] Do original: "They negotiate their differences in interpersonal relationships (whatever nationality they come from) by adopting effective pragmatic strategies for the co-construction of norms that facilitate communication."

[16] Do original: "Furthermore, WE treats Inner Circle varieties as uniform or monolithic when, in fact, there are diverse norms and uses within these countries. "

[17] Do original: "In other words, Inner Circle Englishes are also localized varieties."

1.2 *An International Language*

A denominação *English as an International Language* (EIL), ou Inglês como uma Língua Internacional, não corresponde a exatamente um modelo teórico específico, mas é um rótulo adotado por Canagarajah (2013) de modo a se referir a alguns modelos que, apesar de ligeiramente diferentes entre si, "abordam melhor a relação entre as variedades [do inglês] em contato translocal[18]" (2013, p. 61), e não somente dentro de cada um dos círculos kachruvianos. Dentre estas propostas, o linguista destaca as contribuições de McArthur (1987), Gorlach (1988, 1990), Crystal (2004) e Modiano (2004).

Uma primeira distinção que pode ser feita entre os modelos WE e EIL é que, neste, as variedades passam a ser diferenciadas em termos funcionais, não hierárquicos (CANAGARAJAH, 2013, p. 61). Isso se deve basicamente a dois fatores: primeiramente, o demográfico, uma vez que o número de falantes que usam o inglês como língua adicional, seja como ESL (*English as a Second Language*) ou EFL (*English as a Foreign Language*) já há algum tempo excede o número de falantes que a usam como única ou primeira língua – aqueles tradicionalmente rotulados de "falantes nativos". Por este motivo, os proponentes de EIL defendem que, neste contexto, todos os falantes negociem suas variedades nos mesmos termos, pois, conforme argumenta Canagarajah, "o poder não depende apenas do prestígio da língua" (2013, p. 61) e, atualmente, existem comunidades nos *Outer* e *Expanding circles* que exercem mais poder por fatores econômicos, comerciais ou industriais do que as nações integrantes do *Inner Circle*. (CANAGARAJAH, 2013, p. 61).

Além da questão demográfica, há que se considerar a própria natureza da globalização nos dias atuais, a qual demanda maiores esforços de cooperação internacional e *networking* em diversas áreas, tais como economia, produção e até mesmo operações militares; portanto, segundo o autor, "em tais contextos, o inglês tem que ser negociado e as normas de um não podem ser impostas aos outros[19]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 61).

Contudo, a essência destes modelos agrupados sob o rótulo EIL, assim como

[18] Do original: "which I will call English as an International Language (EIL), addresses better the relationship between the varieties in translocal contact."
[19] Do original: "In such contexts, English has to be negotiated and one's norms cannot be imposed on others"

fizeram a maioria das abordagens sobre bilinguismo e contatos linguísticos antes da chamada virada multilíngue (MAY, 2014), parte da mesma "estratégia enumerativa de se contar línguas e romantizar uma pluralidade linguística baseada nessas supostas contagens[20]" (PENNYCOOK, 2010, p. 82). Aqui, novamente, percebemos a preconização da estrutura como critério para a definição destas variedades, o que, como vimos na discussão sobre o modelo WE, mostra-se limitada à compreensão de práticas e variações linguísticas altamente dinâmicas, como depreendemos de: "estes modelos definem as variedades emergentes majoritariamente em termos formais, cada uma constituindo um sistema separado. Eles dão maior importância à gramática como fonte de coerência e identidade a estas variedades[21]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 61).

A solução proposta por este modelo para dar conta das dificuldades que falantes de diferentes variedades poderiam experimentar ao se comunicarem em nível transnacional é a projeção de uma outra variedade, uma espécie de "norma compartilhada neutra" que recebeu diferentes denominações na literatura: *World Standard Spoken English* (CRYSTAL, 1997), *World Standard Auxiliary English* (MCARTHUR, 1987), *English as an International Language* (MODIANO, 1999), e *International English* (GORLACH, 1990). Esta hipótese, para Canagarajah, também se mostra uma solução teórica limitada na medida em que, além de ser uma mera projeção futura sem qualquer evidência empírica, o autor defende que, em suas interações no idioma, "as pessoas mantêm suas próprias variedades do inglês e adotam estratégias pragmáticas para co-construírem normas intersubjetivas para a produção de significado" (CANAGARAJAH, 2013, p. 62). Além disso, o linguista destaca que a ideia de neutralidade é questionável, considerando que as variedades dominantes adotadas por nações mais poderosas possivelmente influenciariam em maior grau esta "norma compartilhada".

Concluímos, portanto, que apesar de representar mais um avanço teórico na discussão sobre a difusão global da língua inglesa ao buscar equalizar hierarquicamente as variedades do inglês, a proposta EIL revela-se contraditória na medida em que "a necessidade de as pessoas adotarem uma outra variedade (ainda

[20] Do original: " ... the enumerative strategy of counting languages and romanticizing a plurality based on these putative language counts."
[21] Do original: "these models define the emergent varieties largely in terms of form, constituting each into a separate system. They provide greater importance to grammar as giving coherence and identity to these varieties"

que neutra) no lugar de sua própria suscita as mesmas questões de poder e hegemonia que motivou as pessoas a localizarem e apropriarem o inglês inicialmente[22]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 61).

1.3 *A Lingua Franca*

Mais do que apenas um modelo teórico que se propôs a dar conta da disseminação da língua inglesa mundo afora durante os eventos mais recentes da globalização, o modelo *English as a Lingua Franca* (ELF) constitui-se como um verdadeiro programa de pesquisa, do qual podemos destacar importantes contribuições como as de Jenkins (2006), Seidlhofer (2005) e Mauranen (2017). Esta última nos ajuda a entender melhor o escopo do termo em:

> O termo *lingua franca* é normalmente usado para significar uma língua de contato, ou seja, uma língua veicular [usada] entre falantes que não compartilham uma primeira língua. Enquanto algumas *lingua francas* são pidgins ou jargões que não têm falantes nativos mas surgem em situações de contato como uma mistura de duas línguas separadas, outras são línguas naturais que já existem [e são] usadas para propósitos veiculares. [...] Apesar de o termo *lingua franca* ser hoje comumente usado para línguas naturais que estejam particularmente disseminadas, especialmente, e às vezes até exclusivamente, o inglês, é válido ter em mente que qualquer língua, por menor que seja, pode também ser usada como *lingua franca*[23] (MAURANEN, 2017, p. 7).

De modo análogo ao que observamos acontecer nos modelos EIL, o qual projetava o uso futuro de uma possível norma compartilhada e supostamente neutra que serviria à comunicação em nível transnacional, os trabalhos em ELF debruçaram-se exaustivamente à coleta de dados de base empírica que permitisse a identificação dos componentes do chamado *Lingua Franca Core* (LFC), através de "estudos baseados em *corpus* que geraram uma identificação de características fundamentais que se dizem críticas à inteligibilidade entre variedades, e

[22] Do original: "The need for people to adopt another variety (albeit neutral) over their own raises the same ques "tions of power and hegemony that motivated people to localize and appropriate English in the first place."

[23] Do original: "The term lingua franca is normally used to mean a contact language, that is, a vehicular language between speakers who do not share a first language. While some lingua francas are pidgins or jargons that have no native speakers but arise in contact situations as a mixture of two separate languages, others are existing natural languages used for vehicular purposes. […] Although the term lingua franca is today commonly used for natural languages that are particularly widespread, especially, sometimes even exclusively, English, it is worth keeping in mind that any language, however small, can equally well be used as a lingua franca."

características não fundamentais que não se esperam afetar a inteligibilidade[24]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 63). Na abordagem ELF vemos também uma tentativa de se valorizar o papel dos falantes fora dos *Inner* e *Outer Circles* (principalmente, mas não somente, em função da questão demográfica discutida no modelo EIL) na construção de suas próprias normas que não necessariamente correspondem às dos "falantes nativos", conforme afirma Jenkins em:

> Meu uso próprio do termo 'world Englishes' é, portanto, um que provavelmente não é controverso para a maioria dos pesquisadores de WE no sentido de que ele se refere a *todas* as variedades do inglês independente de qual dos três círculos de Kachru (Kachru, 1985) elas venham. Todas, de acordo com esta interpretação, são variedades autênticas do inglês independente de serem ou não consideradas 'padrão', 'culta', e afins, ou quem são seus falantes. Em outras palavras, minha interpretação não traça distinções em termos de legitimidade linguística, entre, digamos, o inglês canadense, indiano ou japonês no sentido de que governos, gramáticos prescritivos, e o público em geral tendem a fazer[25] (JENKINS, 2009, p. 200)

Esta posição não é unânime, todavia, e a participação dos falantes do *Inner Circle* em eventos linguísticos mediados por ELF e ao seu papel na construção do LFC parece-nos uma questão conceitualmente mal delimitada no modelo. Até mesmo Jenkins, uma das principais vozes desta proposta, assume posições antagônicas em seus trabalhos. Tomemos por exemplo seu artigo **Current Perspectives on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca[26]**, de 2006, no qual a autora afirma:

> Primeiramente, longe de priorizar as normas do círculo de dentro, os pesquisadores de ELF excluem especificamente os falantes de [inglês como] língua materna de sua coleta de dados. De fato, em sua forma mais pura, ELF é definido como uma língua de contato usada apenas pelos não-falantes de inglês como língua materna[27] (JENKINS, 2006, p. 160).

---

[24] Do original: "corpus-based studies have generated an identification of core features that are claimed to be critical for intelligibility across varieties, and non-core features that are not supposed to affect intelligibility."

[25] Do original: "My own use of the term 'world Englishes' is thus one that is likely to be non-controversial for most scholars of WE in that it refers to *all* local English varieties regardless of which of Kachru's three circles (Kachru 1985) they come from. All, according to this interpretation, are bona fide varieties of English regardless of whether or not they are considered to be 'standard', 'educated', and the like, or who their speakers are. In other words, my interpretation does not draw distinctions in terms of linguistic legitimacy between, say, Canadian, Indian, or Japanese English in the way that governments, prescriptive grammarians, and the general public tend to do."

[26] JENKINS, J. Current perspectives on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca. **TESOL Quarterly.** v. 40, n. 1, p. 157-181, mar. 2006.

[27] Do original: "Firstly, far from prioritising inner circle norms, ELF researchers specifically exclude mother tongue speakers from their data collection. Indeed, in its purest form, ELF is defined as a contact language used only among non–mother tongue speakers."

Em artigo[28] publicado em 2009, Jenkins assume uma posição menos categórica com relação a este ponto, o que reflete os avanços das pesquisas sobre multilinguismo e *World Englishes* resultantes, principalmente, das contribuições de Canagarajah (2007) e Pennycook (2007) na abordagem ELF. Neste artigo, Jenkins afirma que seu uso do termo *lingua franca* refere-se, na prática, ao:

> inglês sendo usado por falantes não-nativos de inglês do *Expanding Circle*, simplesmente porque estes falantes existem em maiores números do que os falantes de quaisquer um dos outros dois contextos (CRYSTAL, 2003; GRADDOL, 2006). Contudo, isto não quer dizer que falantes dos *Outer* e *Inner Circles* estejam excluídos de uma definição de ELF. A maioria dos pesquisadores de ELF têm uma visão mais ampla do que restrita, e incluem todos os usuários de inglês em sua definição de ELF. O ponto crucial, contudo, é que quando os falantes do *Inner Circle* participam em comunicação em ELF, eles não determinam a pauta linguística[29] (JENKINS, 2009, p. 201).

Esta é uma questão particularmente problemática na medida em que o modelo ELF é amplamente construído, pelo menos em seu momento inicial, a partir da noção de norma, assim como observamos na abordagem do inglês como uma língua internacional, e isto acabava reificando a língua inglesa como um construto monolítico e representava um movimento antagônico aos muitos trabalhos anteriores que, desde a segunda metade do século XX, empenhavam-se a traçar o caminho exatamente oposto, de pluralização do inglês, reconhecimento da fluidez de fronteiras linguísticas e da voz dos falantes das muitas variedades do idioma.

Além disso, a construção de um LFC neutro, conforme defende Canagarajah, seria impossível e desnecessária, uma vez que vai contra as evidências encontradas por Meierkord (*apud* CANAGARAJAH, 2013, p. 64) que comprovam o quão dinâmicas e complexas são as interações em situação de contato linguístico, as quais a autora demonstrou serem marcadas por "uma impressionante correspondência às regras do inglês como L1[30]; fenômenos de transferências, padrões de desenvolvimento e formas **nativizadas** (nossa opção de tradução para

---

[28] JENKINS, J. English as a Lingua Franca: interpretations and attitudes. **World Englishes**, vol. 28, n. 2, 2009. p. 200–207.

[29] Do original: "… English being used among non-native English speakers from the Expanding Circle, simply because these speakers exist in larger numbers than English speakers in either of the other two contexts (see e.g. Crystal 2003; Graddol 2006). However, this is not intended to imply that Outer or Inner Circle speakers are excluded from a definition of ELF. The vast majority of ELF researchers take a broad rather than narrow view, and include all English users within their definition of ELF. The crucial point, however, is that when Inner Circle speakers participate in ELF communication, they do not set the linguistic agenda."

[30] Aqui entendido como primeira língua adquirida

nativised); processos de simplificação, regularização e nivelamento[31]". Estes resultados demonstram, para a autora, que a língua em situações de contato deve ser tratada como "uma variedade em fluxo constante, envolvendo diferentes constelações de falantes de diversos *englishes* individuais a cada interação" (MEIERKORD, 2004 *apud* CANAGARAJAH, 2013, p. 64). O linguista conclui, portanto que:

> Não há uma variedade estável que marca a comunicação na zona de contato. Esta comunicação funciona porque os falantes estão preparados para adotarem estratégias para co-construírem normas *in situ*, alcançarem inteligibilidade por meio de (e não apesar de) as suas variedades e identidades locais[32] (CANAGARAJAH, 2013, p. 65).

A própria abordagem ELF, com o passar dos anos, foi se reposicionando teórica e metodologicamente e, em incursões mais recentes, tem buscado aproximar-se da noção de língua como uma prática social que observamos acima em Canagarajah. Em artigo de 2015, Jenkins destaca a necessidade de o modelo se reconfigurar conceitualmente dada a diversidade dos dados encontrados na identificação do LFC:

> A orientação original sobre a comunicação em ELF focava fortemente, se não exclusivamente, na forma. À luz de evidências empíricas recentes, isto deu lugar alguns anos depois a um entendimento de que são os processos subjacentes a estas formas que são primordiais, e consequentemente a um foco nos usuários de ELF e ELF como uma prática social. [...] ELF necessita de uma nova teorização com respeito a sua natureza essencialmente multilíngue: uma natureza que sempre esteja presente na teoria e no trabalho empírico sobre ELF, mas os quais, creio, não foram colocados em primeiro plano de maneira suficiente[33] (JENKINS, 2015, p. 49).

Estas são algumas das inconsistências conceituais identificadas nesta abordagem por Canagarajah, as quais o autor atribui a uma "falta de clareza filosófica" por trás do modelo (2013, p. 67). As contribuições das pesquisas em ELF

---

[31] Do original: "overwhelming correspondence to the rules of L1 Englishes; transfer phenomena, developmental patterns and nativised forms; simplification, regularisation and levelling processes."

[32] Do original: " ... there is no stable variety that marks contact zone communication. Such communication works because speakers are prepared to adopt strategies to co-construct norms in situ, and achieve intelligibility through (not despite) their local varieties and identities."

[33] Do original: "The original orientation to ELF communication focused heavily, if not exclusively, on form. In light of increasing empirical evidence, this gave way some years later to an understanding that it is the processes underlying these forms that are paramount, and hence to a focus on ELF users and ELF as social practice. It is argued in this article, however, that ELF is in need of further retheorisation in respect of its essentially multilingual nature: a nature that has always been present in ELF theory and empirical work, but which, I believe, has not so far been sufficiently foregrounded."

são, apesar disso, inquestionáveis na medida em que mantêm uma tradição anterior de rompimento com normas pré-estabelecidas por falantes nativos de inglês e, ainda que acidentalmente, abrem caminhos para a consolidação da noção de língua como uma dinâmica prática social que deve ser compreendida em suas nuances locais, noção que encontramos mais bem desenvolvida tanto na orientação translíngue proposta por Canagarajah, que nos serve com principal base conceitual, quanto nas considerações de Higgins (2009) sobre a importância de se compreender as nuances do uso localizado no tempo e no espaço da língua inglesa, o que discutiremos na próxima seção.

1.4 *A Local Language*

Na última seção deste capítulo, ao longo do qual estamos buscando traçar um percurso histórico dos diferentes modelos teóricos que se voltaram à compreensão da expansão global da língua inglesa principalmente na segunda metade do século XX, apresentaremos algumas das contribuições feitas por Christina Higgins em **English as a Local Language**[34] (2009). Acreditamos que o trabalho da autora seja particularmente interessante ao desenvolvimento desta trajetória na medida em que, na contramão das propostas anteriores, que essencialmente se propuseram a compreender a língua inglesa em termos cada vez mais "globais", Higgins nos oferece um novo olhar para este movimento ao propor "desestabilizar as conceptualizações do inglês como uma língua global chamando atenção para as bricolagens cultural e linguística nas quais o inglês é frequentemente encontrado" (HIGGINS, 2009, p. 2), destacando a importância de nos atentarmos para as maneiras particulares como a língua inglesa participa localmente de outros sistemas sociolinguísticos.

A pesquisadora busca, assim, explicitar de que maneiras o uso do inglês "pode servir a uma esfera local de consumo material através de sua interseção com uma esfera de produção cultural global[35]", resultando em manifestações linguísticas híbridas. Contudo, mais do que se ater a aspectos puramente linguísticos destas construções, Higgins aproxima-se muito mais de abordagem baseada na noção de

[34] HIGGINS, C. **English as a Local Language**. Bristol: Multilingual Matters. 2009.
[35] Do original: "… English can serve a local sphere of material consumption through intersecting with a sphere of global cultural production."

prática do que todos os modelos anteriormente discutidos, como constatamos em:

> Em vez de investigar os aspectos linguísticos de formas locais do inglês ou o efeito do inglês em línguas locais, meu objetivo aqui é desenvolver um arcabouço que teoriza como as línguas trabalham juntas em sociedades multilíngues colocando práticas multilíngues no centro teórico[36] (HIGGINS, 2009, p. 2)

Ao prefaciar esta obra, Pennycook esclarece de que maneiras as considerações da autora se alinham aos modelos teóricos até aqui apresentados e melhor atendem à atual e crescente demanda dos estudos sociolinguísticos sobre multilinguismo e seus atuais desafios. Pennycook inicialmente questiona se, à medida que o inglês continua a se movimentar para cada vez para mais longe de seus supostos círculos iniciais, o aparato teórico-metodológico adotado pela Sociolinguística ainda é capaz de dar conta das "novas condições da linguagem", e desafia uma premissa que atravessa os modelos até aqui apresentados. Para o autor, a ideia de que o inglês continuará se espalhando pelo globo e se diversificando em novas variedades não basta à compreensão desta nova realidade, pois "muitos destes conceitos simplesmente não parecem dar conta das formas de multilinguismo urbano híbrido nas quais o inglês agora participa[37]" (PENNYCOOK, 2009, p. ix).

Isto, segundo o autor, deve-se basicamente a dois fatores: primeiramente, os estudos linguísticos precisam contemplar a nova realidade da vida urbana, com sua "mobilidade aumentada, populações itinerantes, agitação social, crises na saúde e no clima, acesso incrementado a diversas mídias, em particular as formas de cultura popular, e novas tecnologias[38]". Por outro lado, e como um desdobramento deste primeiro fator, parece existir "uma preocupação crescente de que precisamos repensar as maneiras através das quais a linguagem tem sido conceituada[39]" (PENNYCOOK, 2009, p. ix).

Para Higgins, a necessidade de se adotar um novo olhar sobre a linguagem

---

[36] Do original: "Instead of investigating the linguistic aspects of local forms of English or the effect of English on local languages, my goal here is to develop a framework that theorizes how languages work together in multilingual societies by placing multilingual practices at the theoretical center."
[37] Do original: "… many of these concepts simply do not seem to address the forms of hybrid urban multilingualism in which English now participates."
[38] Do original: "... enhanced mobility, shifting populations, social upheaval, health and climate crises, increases access to diverse media, particularly forms of popular culture, and new technologies"
[39] Do original: "… the growing concern that we need to rethink the ways in which language has been conceptualized. "

deve-se, fundamentalmente, à incapacidade de modelos anteriores, como aqueles que apresentamos ao longo deste capítulo, darem conta de manifestações linguísticas mais complexas para as quais o aparato teórico da Sociolinguística tem se mostrado limitado, como vemos em:

> Línguas hibridizadas frequentemente desafiam descrições linguísticas, ao se mudarem e metamorfosearem, às vezes em línguas novas, à medida que os falantes as utilizam. Elas também desafiam noções prevalentes de bilinguismo, uma vez que muitos falantes de línguas híbridas não são capazes de separar línguas discretas do espectro de línguas que eles falam[40] (HIGGINS, 2009, p. 4).

Os modelos anteriores, amplamente concebidos a partir da noção de norma, de fato analisaram exaustivamente *codeswitching*, variedades localizadas do inglês e vernáculos urbanos, mas excluíram de sua abordagem os aspectos sociopolíticos do inglês como uma língua internacional (HIGGINS, 2009, p. 4), os quais, segundo a autora, correspondem ainda hoje a uma perspectiva minoritária na vasta literatura sobre o inglês global. Esta perspectiva, para a qual Higgins espera contribuir, considera o hibridismo linguístico um aspecto central do uso do inglês, que a autora identifica como:

> ... um componente de 'vernáculos urbanos', ou maneiras de usar a linguagem que são mais bem descritas como amálgamas do que alternâncias de códigos (tradução nossa para *codeswitches*) entre línguas (MAKONI et al., 2007). Estes novos códigos são caracterizados por um jogo de referências culturais locais e globais [...] em adição ao uso criativo e habilidoso de muitas línguas. Para a maioria dos falantes multilíngues, tal língua [o inglês] é parte de sua prática diária[41] (HIGGINS, 2009, p. 2)

Um aspecto que deve ser repensado nesta mudança de paradigma defendida por Higgins é própria a questão do espaço, noção que, desde os modelos WE e EIL, conforme vimos em Canagarajah (2013), mostrou-se problemática e parece representar um desafio ainda maior atualmente, como argumenta Pennycook:

---

[40] Do original: "Hybridized languages often defy linguistic descriptions, as they shift and morph, sometimes into new languages, as speakers use them. They challenge prevailing notions of bilingualism as well, as many hybrid language speakers are not able to separate discrete languages from the spectrum of languages that they speak."

[41] Do original: For many multilinguals, English is a component of 'urban vernaculars', or ways of using language that are better described as amalgams rather than as codeswitches between languages (Makoni et al., 2007). These new codes are often characterized by an interplay of local and global cultural references, as in the case of 2PAC STORE, in addition to the creative and skillful use of several languages. For most multilinguals, such language use is part of everyday practice.

> Central a esta reconsideração da linguagem é um movimento para longe de se localizar a diversidade em termos nacionais/geográficos. A difusão global do inglês muito obviamente se empresta a tal reconceptualização, e, ainda, muito impressionantemente, uma quantidade considerável de trabalhos em *World Englishes* tem reproduzido precisamente a epistemologia da qual eles devem escapar. Uma vez que nos abrimos a um entendimento do inglês de como ele é usado em múltiplos domínios, é evidente de que há muito boas condições de nos afastarmos de 'nações' como a base para as nossas descrições do inglês. A partir de uma perspectiva *World Englishes* (WE), é comum repreender outras visões do inglês por não acomodarem relatos suficientes de diversidade em seus modelos[42] (PENNYCOOK, 2008, p. 30.1)

Depreendemos deste trecho que as empreitadas que se propuseram a investigar os resultados do contato da língua inglesa com outros sistemas sociolinguísticos recorreram à noção de espaço compreendida em termos essencialmente geográficos, tais como as nações, como elemento que garantisse coesão às práticas linguísticas de falantes multilíngues e agruparam-nas de acordo com suas normas emergentes em novas variedades, o que, por fim, acabava reificando uma noção que inicialmente se buscou desconstruir ou, ao menos, pluralizar.

A alternativa teórica proposta por Higgins para a questão do espaço é a noção de *domínio*, que a autora desenvolve em:

> ...a diversas formas do inglês são atribuídos diferentes valores dependendo de onde eles são usados e quem os usa com quem. Em outras palavras, cada domínio condiciona, e é constituído por, diferentes gêneros discursivos (Bakhtin, 1986), e os aspectos linguísticos de cada gênero são moldados pela natureza específica daquela esfera de comunicação em particular[43] (HIGGINS, 2009, p. 3)

Esta é uma noção que nos permite um nível de análise mais detalhado da riqueza das práticas linguísticas nas quais a língua inglesa é empregada, uma vez que, dentro de um mesmo espaço geograficamente definido, podem coexistir

---

[42] Do original: "Central to this rethinking of language is a move away from locating diversity in national/geographic terms. The global spread of English very obviously lends itself to such a re-thinking, and yet, quite remarkably, a considerable amount of work on world Englishes has reproduced precisely the epistemology it needs to escape. Once we open up an under- standing of English as it is used across multiple domains, it is evident that there are very good grounds to move away from nations as the basis for our descriptions of English. From a World Englishes (WE) perspective it is common to chide other views of English for not accommodating sufficient accounts of diversity in their models."

[43] Do original: "various forms of English are given different kinds of values depending on where they are used and who uses them with whom. In other words, each domain conditions, and is constituted by, different speech genres (Bakhtin, 1986), and the linguistic aspects of each genre are shaped by the specific nature of that particular sphere of communication."

diversos domínios dentro dos quais o uso e a valorização de recursos linguísticos oriundos do inglês estão condicionados a aspectos sociopolíticos que não foram contemplados pela maioria dos modelos que se propuseram a investigar a propagação global da língua. A abordagem baseada em domínios, defende a autora, "revela as possibilidades e limitações que contextos criam para várias práticas multilíngues[44]" (HIGGINS, 2009, p. 4). Os dados que a pesquisadora utiliza para desenvolver esta noção mostram, ainda, que:

> ... ao invés de compartimentalizar suas línguas em diferentes esferas de comunicação, falantes frequentemente aproveitam de seus repertórios multilíngues dentro de domínios únicos de uso, tais como salas de aula (Batibo, 1995; Brock-Utne, 2002; Muthwii & Kioko, 2004; Rubagumya, 1990, 1994), conversas casuais (Abdulaziz & Osinde, 1997; Blommaert, 1999a, 2005b; Myers-Scotton, 1993a), e em formas de cultura popular tais como letras de músicas (Githinji, 2006)[45] (HIGGINS, 2009, p. 3).

Higgins esclarece que, apesar do *locus* destas pesquisas estar restrito ao leste do continente africano, tais ocorrências não se limitam a esta região, já que milhões de falantes no mundo produzem a partir de suas práticas linguísticas diferentes tipos de hibridização, que a autora define nos termos de Bakhtin como:

> uma mistura de várias 'línguas' coexistindo dentro das fronteiras de um mesmo dialeto, uma mesma língua nacional, uma mesma ramificação, um mesmo grupo de diferentes ramificações ou diferentes grupos de tais ramificações, no passado histórico assim como paleontológico das línguas[46] (BAKHTIN, 1981 *apud* HIGGINS, 2009, p. 3)

Partindo destes pressupostos, Higgins espera contribuir, ao trazer práticas linguísticas híbridas para o centro de sua análise, para dois grandes objetivos: primeiramente, a "desinvenção das línguas", compreendida aqui nos termos de Makoni e Pennycook (2005), um processo que consiste em "desmontar" fronteiras e conceitos linguísticos a partir da nova realidade sociolinguística na qual estão inseridos falantes multilíngues; e para a desconstrução da dicotomia que parece ter

---

[44] Do original: "The domain-based approach to multilingualism taken in this book reveals both the affordances and the limitations that contexts create for various multilingual practices."

[45] Many investigations of language use in Tanzania and Kenya have shown that rather than compartmentalizing their languages into distinct spheres of communication, speakers often take advantage of their multilingual repertoires within single domains of use such as school classrooms (e.g., in casual conversation (Abdulaziz & Osinde, 1997; Blommaert, 1999a, 2005b; Myers-Scotton, 1993a), and in forms of popular culture such as song lyrics (e.g. Githinji, 2006).

[46] Do original: "a 'mixing of various "languages" co-existing within the boundaries of a single dialect, a single national language, a single branch, a single group of different branches or different groups of such branches, in the historical as well as paleontological past of languages (Bakhtin, 1981)."

sido estabelecida por uma quantidade considerável de pesquisas sociolinguísticas, na qual Higgins identifica dois polos:

> O lado 'opressivo' desta dicotomia é frequentemente caracterizado por um foco nos efeitos hegemônicos e imperialistas do inglês, e, nesta literatura, associações históricas com colonialismo são predominantes (Kumaravadivelu, 2006; Phillipson, 1992). O lado 'criativo' desta dicotomia é ocupado por um foco na localização e apropriação do inglês em comunidades locais e nos tipos de expressão criativa que ocorrem, comumente em formas híbridas (Bamgbose et al., 1995; Kachru, 1986, 1992). Este corpo de pesquisa geralmente busca retificar as fortes reivindicações feitas por aqueles que vêem o inglês como uma língua imperialista através de demonstrações de como a língua foi alterada por falantes do mundo inteiro e encaixada em contextos locais e registros locais[47]" (HIGGINS, 2009, p. 5, 6)

Dessa forma, com sua análise do inglês como uma língua que participa localmente de práticas que ocorrem dentro de diversos domínios, as quais resultam em formas marcadas por alto grau de hibridização, Higgins busca desafiar, com relação à dicotomia apresentada acima, "ambas perspectivas teóricas no que diz respeito à sociopolítica do inglês, particularmente porque nenhuma das duas dá conta do que é encontrado no uso linguístico entre falantes em sociedades pós-coloniais[48] (HIGGINS, 2009, p. 6). A este respeito, a autora alerta para a necessidade de se buscar evidenciar, para além da forma, as implicações ideológicas por trás da língua inglesa em contextos específicos, como concluímos a partir de:

> Dado seu status histórico e contemporâneo como a língua mais hegemônica do mundo, nós precisamos saber como ideologias com relação ao inglês emergem e adaptam através de práticas linguísticas híbridas, e como elas se relacionam às teorias atuais do inglês global[49] (HIGGINS, 2009, p. 6)

---

[47] Do original: "The 'oppressive' side of this dichotomy is often characterized by a focus on the hegemonic and imperialistic effects of English, and in this literature, historical associations with colonialism are quite prevalent (e.g. Kumaravadivelu, 2006; Phillipson, 1992). The 'creative' side of the dichotomy is occupied by a focus on the localization and appropriation of English in local communities and the types of creative expression that occur, often in hybrid forms (e.g. Bamgbose et al., 1995; Kachru, 1986, 1992a). This body of research generally seeks to redress the strong claims made by those who view English as an imperialistic language through demonstrations of how the language has been altered by speakers around the world and made to fit local contexts and local registers".

[48] Do original: "A major goal of this book is to show how hybridization challenges both of these theoretical perspectives regarding the socio-politics of English, particularly since neither one can always account for what is found in language use among speakers in post-colonial societies".

[49] Do original: Given its historical and contemporary status as the world's most hegemonic language, we need to know how ideologies regarding English emerge and adapt through hybrid language practices, and how they relate to current theories of global English.

De modo a oferecer um caminho metodológico para tal investigação, a pesquisadora adota o conceito de multivocalidade, noção baseada nos estudos de Bakhtin (1986) sobre polifonia. Detalharemos melhor este construto teórico-analítico durante a discussão de nossos dados no capítulo 4; por enquanto, apenas nos limitaremos a explicitar de que maneira Higgins sugere que a aplicação deste conceito nos permite revelar as muitas instâncias ideológicas que tais formas híbridas podem indexar:

> O conceito de multivocalidade se refere às muitas simultaneidades que o inglês pode indexar em sociedades pós-coloniais e multilíngues, incluindo a natureza dual do inglês como uma língua imperialista e o inglês como uma língua que foi reapropriada para seu contexto local[50] (HIGGINS, 2009, p. 6).

Ao concluirmos este capítulo, esperamos ter evidenciado que as diferentes perspectivas teóricas que se propuseram a compreender os resultados da disseminação global do inglês, especialmente depois da década de 50, experimentaram um constante refinamento teórico que nos permitiu um deslocamento de uma abordagem majoritariamente estrutural, como vimos nos modelos WE e EIL, na direção, principalmente ao final da primeira década do século XXI, de um entendimento cada vez maior do componente sociopolítico destas práticas, que Higgins desenvolve minuciosamente em seu trabalho.

Além disso, a noção de espaço também experimentou considerável incremento teórico. Em abordagens mais recentes, percebemos uma preocupação crescente em se analisar práticas linguísticas dentro de espaços definidos como domínios nos quais o inglês participa como um recurso linguístico empregado por falantes multilíngues em suas interações, as quais, por sua vez, podem resultar em construções marcadas por alto grau de hibridização linguística, desafiando as próprias bases ontológicas sobre as quais estruturamos nosso entendimento de língua. Este fenômeno requer um olhar para além de aspectos puramente linguísticos, que nos permita compreender de que maneiras tais construções encerram questões ideológicas e nos permitem repensar conceitos tradicionalmente empregados em estudos sobre a expansão global da língua inglesa e sua participação em contextos multilíngues.

---

[50] Do original: “The concept of multivocality refers to the several simultaneities that English can index in post-colonial and multilingual societies, including the dual nature of English as an imperialistic language and English as a language that has been reappropriated for its local con- texts.”

No próximo capítulo, mostraremos como estes desafios, potencializados pelos processos mais recentes da globalização, demandaram o surgimento de uma nova orientação para os estudos da linguagem que representasse uma alternativa teórico-metodológica para os problemas encontrados ou identificados pelas incursões apresentadas neste capítulo.

2 POR UM NOVO PARADIGMA

No capítulo anterior, apresentamos brevemente alguns modelos teóricos que foram propostos a partir da segunda metade do século XX, momento em que, conforme vimos em Crystal (2003), a expansão global da língua inglesa intensificou-se e colocou o idioma em contato com outras línguas e comunidades pelo mundo.

Vimos que os esforços destas primeiras empreitadas, tais como os modelos WE e EIL, foram feitos no sentido de se estabelecer variedades do inglês que não necessariamente adotavam as mesmas normas previstas no *Inner Circle* (KACHRU, 1991), as bases territoriais de maior poder militar e econômico que impulsionaram o movimento global do idioma. Apoiados em contribuições mais atuais, como as de Higgins (2009), concluímos que manifestações recentes de multilinguismo nas quais recursos oriundos do idioma são encontrados desafiavam as noções tradicionalmente estabelecidas sobre contatos linguísticos e multilinguismo e demandavam um aparato teórico-metodológico atualizado que nos permitisse contemplar o alto grau de hibridização de construções que emergem nestes contextos.

Neste capítulo, esperamos ilustrar como uma orientação translíngue parece fornecer as ferramentas necessárias à uma compreensão mais aprofundada de tais práticas. A escolha do título é intencionalmente ambígua: ele faz referência tanto à necessidade defendida por autores da área de um reposicionamento epistemológico da Sociolinguística frente às atuais demandas dos estudos sobre multilinguismo, e também demarca quais são as principais perspectivas teóricas às quais nos afiliamos e por meio das quais buscaremos analisar as práticas translíngues que constituem nosso objeto de estudo.

2.1 A virada multilíngue

Nos últimos dez anos, os estudos sobre multilinguismo têm ocupado cada vez mais uma posição central nas pesquisas sociolinguísticas. Esta tendência é o que May (2014) chama de *multilingual turn* (adotaremos a tradução “virada multilíngue” em nosso trabalho). May nos mostra que esta agenda de pesquisa surge no bojo dos episódios mais recentes da globalização, que, como veremos em breve, têm influenciado profundamente a maneira como as pessoas se comunicam em uma

realidade cada vez mais marcada pela superdiversidade (VERTOVEC, 2005). Este conceito será fundamental à compreensão dos atuais desafios que os estudos sobre a linguagem têm encontrado, e o discutiremos em detalhes na seção 2.3. Por ora, retomaremos às seguintes considerações de May que nos permitem entender melhor a relação entre estes fenômenos e de que maneira eles se refletem nas pesquisas sociolinguísticas atualmente:

> Multilinguismo, ao que parece, é o tópico do dia – pelo menos na linguística aplicada crítica. Motivada pela globalização, e pelo que Vertovec (2007) descreveu como 'superdiversidade', a linguística aplicada crítica tem cada vez mais voltado sua atenção para os repertórios linguísticos dinâmicos, híbridos e transnacionais de falantes multilíngues (frequentemente migrantes) em aglomerações urbanas que rapidamente se diversificam no mundo todo[51] (MAY, 2014, p. 1).

Ao contrário das primeiras abordagens que buscaram dar conta da expansão global da língua inglesa em função das normas emergentes a partir do seu contato com outros idiomas e seu uso por outros falantes, como vimos nos modelos WE, EIL e ELF apresentados no primeiro capítulo, os estudos dentro da virada multilíngue trazem para o centro de sua análise o repertório dos falantes, nos quais "línguas estão tão profundamente entrelaçadas e fundidas umas às outras que o nível de fluidez torna difícil determinar quaisquer fronteiras que possam indicar que há línguas diferentes envolvidas" (MAKONI e PENNYCOOK, 2012 *apud* MAY, 2014, p. 1).

Assim, ao invés de uma concepção de línguas como entidades "demarcadas, unitárias e reificadas" (MAY, 2014, p. 1) e suas noções correlatas, tais como "falante nativo" e "língua materna", que foram amplamente adotadas em abordagens anteriores, as pesquisas que se vinculam a este novo paradigma propõem "entendimentos fluidos mais complexos de 'voz'[52]" (MAKONI e PENNYCOOK, 2012 *apud* MAY, 2014, p. 1), a visão de língua como uma prática social e uma Sociolinguística de recursos móveis. Todos estes são importantes conceitos que detalharemos ao longo deste capítulo, pois representam as bases conceituais necessárias ao entendimento da orientação translíngue que adotamos nesta

[51] Do original: "Multilingualism, it seems, is the topic du jour—at least in critical applied linguistics. Driven by globalization, and what Vertovec (2007) has described as "superdiversity," critical applied linguists have increasingly turned their attention to the dynamic, hybrid, and transnational linguistic repertoires of multilingual (often migrant) speakers in rapidly diversifying urban conurbations worldwide."

[52] Do original: "… the more complex fluid understandings of 'voice'".

pesquisa.

May nos alerta, contudo, para algumas “ironias” que esta “virada” traz à tona. Primeiramente deve-se ter consciência de que esta nova demanda por um entendimento mais minucioso dos complexos repertórios multilíngues de falantes em ambientes urbanos não significa que este fenômeno seja novo em sua substância ou tenha surgido apenas com a modernidade tardia; May afirma, na verdade, que esta descoberta supostamente recente do multilinguismo revela a própria falta de historicidade e uma certa postura etnocêntrica da Linguística Aplicada ocidental (MAY, 2014, p. 2), pois pesquisadores orientais já haviam proposto esta discussão há mais de 20 anos com limitado impacto no campo naquele momento.

Além disso, apesar deste interesse relativamente repentino e recente por multilinguismo, o autor afirma que ainda não houve consideráveis esforços no sentido de se discutir sua relação com áreas mais aplicadas das pesquisas linguísticas, tais como aquisição de segunda língua e ensino de língua para falantes de outras línguas (TESOL[53]), as quais “continuam a tratar o processo de aquisição de uma língua adicional (mais frequentemente, o inglês) como um processo idealmente hermético não contaminado pelo conhecimento e uso de outras línguas[54]” (MAY, 2014, p. 2)

Este tipo de problematização foge ao escopo do nosso trabalho. Aqui buscaremos nos filiar a esta nova empreitada a fim de evidenciar, a partir de práticas linguísticas que analisaremos sob a ótica translíngue, manifestações de multilinguismo urbano encontradas na paisagem linguística ao nosso redor, na expectativa de contribuirmos para um entendimento cada vez mais amplo do papel que a língua inglesa tem desempenhado nos mais diversos locais em que seus recursos são empregados.

2.2 Uma outra Sociolinguística

May afirma que a virada multilíngue nos estudos linguísticos se deve, em grande parte, aos eventos mais recentes da globalização, cujo impacto na maneira como as línguas entram em contato e são utilizadas pelas pessoas no mundo todo

[53] TESOL: teaching of English to speakers of other languages
[54] Do original: “both of which continue to treat the acquisition of an additional language (most often, English) as an ideally hermetic process uncontaminated by knowledge and use of one’s other languages.”

parece-nos inquestionável neste ponto. Em **The Sociolinguistics of Globalization**[55], obra frequentemente referenciada por estudos que buscam compreender os reflexos da atual configuração global do mundo nas questões linguísticas, Blommaert nos alerta para as novas condições da linguagem, as quais se encontram igualmente impregnadas pelo alto grau de fluidez e mobilidade que caracterizam a vida na sociedade contemporânea:

> A linguagem humana mudou na era da globalização: não mais presa a comunidades estáveis e fixadas, ela se move pelo globo, e se muda no processo. O mundo se tornou uma complexa 'rede' de vilas, cidades, bairros e povoados conectados por laços materiais e simbólicos de maneira frequentemente imprevisíveis[56] (BLOMMAERT, 2010, p. 1).

Assim como May (2014), Blommaert defende que, apesar de este não ser um fenômeno novo em sua substância, ele o é em "intensidade, escopo e escala" (BLOMMAERT, 2010, p. 1). O linguista nos ajuda, ainda, a compreender melhor este movimento ao distinguir dois enquadres da globalização que apontam para processos e períodos bastante diferentes: a globalização geopolítica, processo mais longo, lento e profundo que, apesar de em muito anteceder ao século XIX, é nele que experimenta sua consolidação na expansão capitalista após a Revolução Industrial, e a globalização geocultural, que o autor define como:

> um outro sentido no qual usamos o termo globalização atualmente. [...] Ele se refere aos desenvolvimentos mais recentes dentro da globalização [geopolítica], majoritariamente resultantes do surgimento de novas tecnologias de comunicação, processos de acúmulo e divisão de trabalho crescentes e intensificados, e desigualdades globais aumentadas e intensificadas que resultam em novos fluxos migratórios (que por sua vez resultam na superdiversidade em áreas metropolitanas)[57] (BLOMMAERT, 2010, p. 13, 14.).

A globalização geocultural, para o linguista, torna obsoleto o legado

---

55 BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

56 Do original: "Human language has changed in the age of globalization: no longer tied to stable and resident communities, it moves across the globe, and it changes in the process. The world has become a complex 'web' of villages, towns, neighbourhoods and settlements connected by material and symbolic ties in often unpredictable ways."

57 Do original: "There is, of course, another sense in which we currently use the term globalization. This latter sense can be called geocultural globalization. It refers to more recent developments within globalization, largely an effect of the emergence of new communication technologies, increasing and intensified global capitalist processes of accumulation and division of labour, and increased and intensified global inequalities resulting in new migration flows (in turn resulting in super-diversity in metropolitan areas)."

modernista com o qual se buscou analisar “língua”, “cultura” e “lugar” por muito tempo (e ainda hoje mostra-se forte não só nas pesquisas linguísticas, mas nas mais diversas áreas). Na atual configuração global do mundo, estas noções revelam-se “mistas, híbridas, tanto locais quanto “deslocalizadas” (ou “deslocalizáveis”), dinâmicas e instáveis[58]” (BLOMMAERT, 2010, p. 18), e demandam um novo conjunto de ferramentas teórico-metodológicas que nos permitam removê-las de uma posição fixada no tempo e no espaço que lhes atribuiu uma linguística mais tradicional, como vemos na sincronia saussureana.

Blommaert alinha sua obra ao trabalho de outros autores que também se empenharam em compreender a relação da globalização com a linguagem, tais como Heller (1999), Fairclough (2006), Calvet (2006) e Pennycook (2007), e com isso defende que, apesar de estas incursões já acontecerem há algum tempo, muitas vezes falharam ao tratarem a globalização apenas como um novo contexto no qual a linguagem se manifesta, e não como uma força que a desestabiliza substancialmente na medida em que a sociedade também é profundamente transformada pelos seus processos. Por este motivo o autor sustenta que, ao invés de “remendos” teóricos que tratam a linguagem de maneira paralela à globalização e a reduzem a questões de método, uma “consideração séria destas questões demandaria posicionamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos também[59]” (BLOMMAERT, 2010, p. 2), e conclui, portanto, que:

> O que é necessário é um novo vocabulário para descrever eventos, fenômenos e processos, novas metáforas para representá-los, novos argumentos para explicá-los – aqueles elementos de imaginação científica que chamamos de teoria[60] (BLOMMAERT, 2010, pp. 1-2).

e que o grande desafio da Sociolinguística neste contexto é:

[58] Do original: “Established notions such as ‘language’, ‘culture’ or ‘place’ are not useful in an analysis of objects that are necessarily mixed, hybrid, local as well as delocalized (or delocalizable), dynamic and unstable.”
[59] Do original: “… while a serious consideration of them would require ontological, epistemological and methodological statements as well – it would see it as issues of theory.”
[60] Do original: “What is needed is a new vocabulary to describe events, phenomena and processes, new metaphors for representing them, new arguments to explain them – those elements of scientific imagination we call theory.”

> "despensar" (em tradução nossa para *unthink*) suas distinções e inclinações clássicas e se "repensar" como uma sociolinguística de recursos móveis, concebida em termos de redes trans-contextuais, fluxos e movimentos. Este "despensar" e repensar já deveria ter acontecido há muito tempo (Wallerstein 2001 nos lembra disto), e a sociolinguística ainda carrega muitas marcas de sua história peculiar, na medida em que focou em variação estática, distribuição local de variedades, contato linguístico estratificado etc (BLOMMAERT, 2010, p. 1).

Uma vez identificadas as limitações dos conceitos com os quais a Sociolinguística operou por muito tempo e seu desafio de se reposicionar como ciência dada a presente configuração global do mundo, Blommaert propõe um novo paradigma de compreensão para os fenômenos linguísticos atuais, o qual denomina "uma sociolinguística de recursos móveis".

Necessárias ao entendimento deste novo paradigma são as noções de **recursos** e **mobilidade**. Detalharemos nosso entendimento de **recursos** apoiados em Pennycook (2010) na seção 2.4. Por ora, explicitaremos de que maneira os fenômenos linguísticos atuais parecem estar condicionados pela ideia de **mobilidade**, que Blommaert define como a "inserção da linguagem em um espectro de ação humana que não é definido puramente em relação à localização temporal e espacial, mas em termos das **trajetórias** temporais e espaciais[61]" (BLOMMAERT, 2010, p. 21, grifo nosso) dos eventos linguísticos. Ao destacarmos a importância de se compreender tais eventos em termos de suas trajetórias, ampliamos o entendimento da noção de mobilidade:

> O foco na [...] mobilidade leva pesquisadores a salientar que se levamos em conta a trajetória de pessoas reais pelo tempo, espaço e fronteiras, então perspectivas simplistas, estacionárias, estáticas e previsíveis sobre vidas e interações não são mais possíveis. Examinar interações não pode, portanto, ser limitado a olhar para o que acontece no aqui-e-agora entre aqueles que interagem, mas deve incluir suas histórias, geografias, as formações discursivas que influenciam suas contribuições e a natureza dissipadora da organização de todas estas dimensões. A mobilidade afeta não somente as trajetórias dos indivíduos; ela também reorganiza a malha social[62] (BUDACH e SAINT-GEORGES, 2010, p. 66).

[61] Do original: "It is the insertion of language in a spectrum of human action which is not defined purely in relation to temporal and spatial location, but in terms of temporal and spatial trajectories that is the main objective here."

[62] Do original: "The focus on the first notion – mobility – leads researchers to highlight that if we take into account the trajectory of real people across time, space, and borders, then simplistic, stationary, static and predictable perspectives about human lives and interactions are no longer possible. Examining interactions thus cannot be limited to looking at what happens in the here-and-now between interactants but must include taking into account their histories, geographies, the discourse formations that influence their contributions, and the dissipative nature of the organization of all these dimensions. Mobility does not only affect individuals' trajectories; it also reorganizes the social fabric."

Neste ponto as considerações de Canagarajah sobre a mobilidade também nos parecem particularmente interessantes na medida em que o linguista discute a aplicação deste conceito aos recursos linguísticos mais especificamente, pois "da mesma maneira como a relação das pessoas com as línguas muda com a mobilidade, nosso entendimento de língua também está mudando[63]", e isso ocorre, essencialmente, "porque não apenas as pessoas, mas a língua também é móvel, acompanhada por pessoas ou não[64]" (CANAGARAJAH, 2017, p. 7). No que dizem respeito a recursos linguísticos, estes movimentos também não são uma experiência nova em sua substância, defende Canagarajah, mas atraíram considerável atenção recentemente

> em função dos novos desenvolvimentos sociais, tecnológicos e geopolíticos. Estes desenvolvimentos intensificaram a compressão do espaço/tempo (Harvey, 2005) que vemos na vida social contemporânea. Textos, línguas e recursos semióticos estão cruzando fronteiras facilmente na medida em que diversas zonas temporais e geográficas são aproximadas[65] (CANAGARAJAH, 2017, p. 2).

Como exemplos concretos desta nova ordem sociolinguística caracterizada pela mobilidade, Blommaert cita a facilidade de contato por meio eletrônico entre migrantes e seus países de origem, e suas consequências tanto no processo de inovação quanto de manutenção de línguas diaspóricas; as novas formas de prestígio que línguas numericamente menores ou marginalizadas podem ganhar por ocasião do turismo; a disseminação global de algumas formas linguísticas através de movimentos culturais populares, tais como o hip-hop e o reggae (BLOMMAERT, 2010, p. 5). O autor ainda afirma que todas essas dimensões da mobilidade "entram em colapso nos espaços concretos onde as pessoas vivem e interagem umas com as outras" e, por outro lado, "seus repertórios e padrões multilinguísticos tornam-se menos previsíveis e significativamente mais complexos[66]" (2010, p. 5).

---

[63] Do original: "Just as people's relationships with languages change with mobility, our understanding of language is also changing."
[64] Do original: "This is because not only people, but language is also mobile, whether accompanied by people or not."
[65] Do original: "Though it is not a new experience, migration has attracted considerable recent attention due to new social, technological, and geopolitical developments. These developments have intensified the space/time compression (Harvey 2005) we see in contemporary social life. Texts, languages, and semiotic resources are crossing boundaries easily as diverse temporal and geographical zones are brought closer."
[66] Do original: "All of these dimensions of mobility still collapse in concrete spaces where actual people live and interact with one another; the structure of people's repertoires and the patterns of multilingual language use, however, become less predictable and significantly more complex"

2.3 A lente da superdiversidade

Um conceito das ciências sociais que tem sido comumente adotado nos últimos dez anos para a descrição dos espaços nos quais os atuais fluxos da globalização colocam pessoas e línguas em contato é a noção de **superdiversidade**. Este termo foi inicialmente proposto pelo sociólogo norte-americano Steven Vertovec em artigo para a BBC[67] em 2005 ao analisar as mudanças na natureza e no perfil da imigração observada na Grã-Bretanha a partir dos anos 90. Em um outro artigo[68] também de sua autoria publicado pela Universidade de Oxford em 2006, o autor afirma que:

> Nos últimos dez anos, a natureza da imigração para a Grã-Bretanha trouxe consigo uma transformadora '**diversificação da diversidade**' não apenas em termos das etnias e países de origem, mas também com respeito à variedade de variáveis significantes que afetam onde, como e com quem as pessoas vivem[69] (VERTOVEC, 2006, p. 1, grifo nosso).

No mesmo texto, Vertovec traz um levantamento estatístico da então situação linguística de Londres, onde afirma que 300 línguas eram faladas nas mais diversas configurações e associações (VERTOVEC, 2006, p. 10). Seu estudo não se debruça exaustivamente sobre questões linguísticas, mas se propõe, naquele momento, a alertar para o fato de que, apesar dos surpreendentes achados dos cientistas sociais sobre a nova constituição demográfica britânica, pouco era feito em termos de políticas que contemplassem essa crescente onda de multilinguismo, discussão que ainda hoje se mostra extremamente relevante e atual, mas foge ao escopo desta pesquisa.

Conforme nos mostram Budach e Saint-Georges, a superdiversidade tem sido empregada, desde então, também pelos estudos linguísticos como uma lente através da qual pesquisadores têm olhado para a linguagem de modo a capturar "condições contemporâneas de contatos linguístico e cultural[70]" (2017, p. 63)

---

[67] VERTOVEC, S. **Super-diversity revealed.** Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/4266102.stm> Acesso em 17 maio 2017.

[68] VERTOVEC, S. **The Emergence of Super-Diversity in Britain.** Oxford: Universidade de Oxford. 2006.

[69] Do original: "Over the past ten years, the nature of immigration to Britain has brought with it a transformative 'diversification of diversity' not just in terms of ethnicities and countries of origin, but also with respect to a variety of significant variables that affect where, how and with whom people live."

[70] Do original: "Scholars have adopted the 'superdiversity lens', considering it a useful and generative

caracterizados por uma diversificação sem precedentes. As autoras argumentam que a apropriação deste termo pelas pesquisas em Linguística Aplicada e na Sociolinguística não causa nenhuma surpresa, pois

> particularmente a sociolinguística tem um interesse antigo em 'analisar e interpretar a diversidade (linguística)' (Parking e Arnaut, 2014). Além do mais, questões ligadas à migração, mobilidade, ou contato linguístico estão no centro do projeto sociolinguístico desde suas empreitadas iniciais (Gumperz e Hymes, 1972)[71] (BUDACH e SAINT-GEORGES, 2017, p. 64).

As autoras afirmam, ainda, que este conceito se alinha perfeitamente à visão pós-estruturalista que a Sociolinguística tem fomentado dentro da virada multilíngue, na qual identidades e comunidades de fala têm sido analisadas como complexas, híbridas, instáveis e mutáveis, de maneira análoga à qual Vertovec descreve as "comunidades étnicas" para as quais originalmente propõe o termo (BUDACH e SAINT-GEORGES, 2017, p. 64). Esta perspectiva permitiria elucidar, através da investigação das complexas práticas linguísticas que ocorrem nestes espaços, "como as pessoas articulam seu pertencimento a diferentes mundos sociais e comunidades simultaneamente[72]" (BUDACH e SAINT-GEORGES, 2017, p. 65)

As autoras afirmam que a lente da superdiversidade contribui para o reposicionamento epistemológico das pesquisas sociolinguísticas na medida em que nos permite agrupar sob um mesmo foco correntes que anteriormente eram tratadas de maneira desconexa, funcionando, portanto,

> como um 'meta-termo', e sob seu teto diferentes ramos de pesquisa podem ser abrigados que contribuíram ao longo dos anos à "desreificação" das noções tradicionais de língua, comunidade, ou comunicação. Por exemplo, há um grande enfoque nos *espaços urbanos*, considerados laboratórios para o estudo da complexidade e heterogeneidade da organização social que contribuiu para o fim de uma visão de língua como uma entidade estável e demarcada[73] (BUDACH e SAINT-GEORGES, 2017, p. 65).

---

concept to approach contemporary conditions of cultural and linguistic contact.

[71] Do original: "After all, particularly sociolinguistics have had a long term interest in 'analyzing and interpreting (linguistic) diversity' (Parkin and Arnaut 2014). Issues linked to migration, mobility, or language contact have moreover been at the core of the sociolinguistic project since its early endeavors (Gumperz and Hymes 1972)."

[72] Do original: "…how people articulate belonging to different social worlds and communities simultaneously."

[73] Do original: "It functions a bit like a 'meta-term', and under its roof different strands of research can be housed that have contributed over the years to de-reifying traditional notions such as language, community, or communication. For example, there is a strong focus on language in *urban spaces*, considered as laboratories for the study of complexity and heterogeneity in social organization that has contributed to the final demise of a view of language as a stable, bounded entity."

Em termos práticos, as autoras afirmam que dois conceitos da Sociolinguística têm sido tomados de modo a operacionalizar esta mudança de perspectiva gerada pela lente da superdiversidade: *translanguaging* (GARCÍA, 2009) e indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003). Optaremos por não traduzir o primeiro termo por alguns motivos. Primeiramente, esta é uma noção fundamental em nossa pesquisa, e gostaríamos de abordá-la mais detalhadamente, discutindo as implicações que o prefixo "trans-" encerra de maneira mais aprofundada, o que faremos na última seção deste capítulo. Além disso, ainda não encontramos na literatura em português termos que deem conta do uso frequente e intencionalmente ambíguo do termo *language* (língua/linguagem), cujo uso no gerúndio (como vemos em *translanguaging)*, conforme argumentam García *et al.*, reflete "nosso entendimento de língua(gem) como uma prática comunicativa dinâmica" (2017, p. 1). Além do mais, a própria presença de um termo tradicionalmente associado a uma outra língua é mais do que bem vinda neste texto, pois é emblemática da fluidez das fronteiras linguísticas que aqui discutimos e dos processos por meio dos quais recursos tradicionalmente associados a uma língua X ou Y podem interagir na constituição de repertórios linguísticos híbridos e dinâmicos.

Também retomaremos às noções de indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003) e ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) no quarto capítulo, pois estes são construtos teórico-analíticos úteis, conforme nos mostram Melo e Moita Lopes (2014), que nos permitem discutir como recursos semióticos diversos, incluindo índices linguísticos, podem mobilizar valores indexicais e revelarem, portanto, os posicionamentos ideológicos de falantes que optam pelo emprego de recursos linguísticos associados ao inglês.

Por enquanto, acreditamos que cumprimos o principal objetivo desta seção ao demonstrar de que maneira a noção de superdiversidade relaciona-se com a virada multilíngue da Sociolinguística (dentro da qual também propomos este trabalho), articulando perspectivas teóricas anteriormente tratadas de maneira paralela e abrindo caminhos metodológicos mais adequados à investigação de repertórios linguísticos que são profundamente marcados pelo alto grau de mobilidade das pessoas e de recursos linguísticos, que, por sua vez, integram comunidades substancialmente diferentes daquelas observadas em estágios anteriores da globalização, como nos mostra Canagarajah:

> Pessoas de diversos grupos étnicos e nacionais que se estabelecem em um espaço urbano são capazes de formar novas comunidades com características mistas de suas línguas criando um novo repertório compartilhado para conduzir sua vida social em sua nova habitação. Estas comunidades superdiversas são mais estratificadas e mistas quando comparadas aos enclaves étnicos separados que caracterizaram ondas prévias de ocupação migratória[74] (CANAGARAJAH, 2017, p. 2).

2.4 Língua é prática

Se ao adotarmos o paradigma da mobilidade como perspectiva teórico-metodológica somos desafiados a repensar a natureza do próprio objeto que nos propomos a investigar, devemos dar conta, antes de proceder com nossa análise, da seguinte questão: do que se constitui essa língua móvel, capaz de se deslocar pelo mundo até mesmo de maneira independente dos movimentos humanos? A fim de capturarmos sua essência e alcançarmos um entendimento de língua que faça mais sentido no contexto atual da globalização, Blommaert sugere que precisamos voltar nossa atenção para "**recursos** reais e situados em seu uso por pessoas reais em contextos reais[75]" (2010, p. 43, grifo nosso). O autor propõe que é a partir de tais recursos que repertórios linguísticos se constituem, os quais, afirma Blommaert, são

> construídos a partir pedaços e peças de 'línguas' convencionalmente definidas, assumindo a forma de registros e gêneros, de padrões específicos de língua em formas comunicativas tais como um cartão telefônico, um pôster ou um letreiro comercial. O alvo de nossa análise são os recursos, e mesmo que tais recursos possam ser convencionalmente identificados como 'pertencentes' a uma língua X ou Y, é bom lembrar que o ponto chave é a remoção de tais recursos de suas origens convencionais. [...] Isto, eu diria, é uma sociolinguística de recursos móveis, não mais uma sociolinguística de línguas imóveis[76] (BLOMMAERT, 2010, p. 43).

O entendimento de língua como um conjunto de recursos com origens

---

[74] Do original: "People from diverse national and ethnic groups that settle in an urban space are able to form new communities with mixed features from their languages becoming a new shared repertoire to conduct their social life in the new habitation. These superdiverse communities are more layered and mixed compared to the separated ethnic enclaves that characterized previous waves of migrant settlement."

[75] Do original: "... we need to look at resources, actual situated resources as deployed by real people in real contexts, ..."

[76] Do original: "... constructed out of bits and pieces of conventionally defined 'languages' and concretely assuming the shape of registers and genres, of specific patterns of language in communicative forms such as a phone card, a poster or a shop sign. The target of our analysis is resources, and even if such resources can be conventionally tagged as 'belonging' to language X or Y, it is good to remember that the whole point is about the dislodging of such resources from their conventional origins. This, I would say, is a sociolinguistics of mobile resources, no longer a sociolinguistics of immobile languages."

diversas afasta-se completamente do legado modernista que postulou a noção de língua como um sistema autônomo e limitado de regras dominadas por falantes, uma perspectiva que parece fazer cada vez menos sentido em um mundo caracterizado por uma mobilidade humana e linguística sem precedentes mas, que por muito tempo, foi adotada para a análise de práticas linguísticas que extrapolavam as limitações teóricas que lhes eram impostas e não capturavam seu dinamismo e complexidade, como vimos nos modelos teóricos apresentados no primeiro capítulo que tentaram compreender o contato da língua inglesa com outros sistemas sociolinguísticos. Canagarajah desenvolve esta questão ainda mais minuciosamente, e nos mostra que, em uma Sociolinguística que se orienta por este paradigma, os recursos linguísticos são apenas uma parte de um conjunto maior e mais complexo, como vemos em:

> No contexto da mobilidade, os estudiosos estão considerando as línguas como soltas (ou desvinculadas, desamarradas) – isto é, eles estão se empenhando em entender os fluxos de recursos semióticos pelo tempo e espaço, destacados de uma estrutura imposta. De modo a fazê-lo, eles tratam estes recursos (dos quais os recursos verbais também são parte) como significantes flutuantes. Eles podem ser apropriados pelas pessoas em um lugar e tempo específicos para seus propósitos de construção de significado. Eles se tornam sedimentados em gramáticas, e indexam valores e normas com o passar do tempo, através de uma história de uso social. Tal perspectiva resistiria à territorialização de línguas como pertencentes a um lugar ou comunidade, com normas estáticas e significados derivando de uma estrutura pré-construída[77] (CANAGARAJAH, 2017, p. 7).

Ao descrever a maneira como recursos linguísticos altamente móveis podem ser apropriados e submetidos a regras localmente negociadas e estabelecidas por falantes, mesmo que diferentes daquelas às quais tradicionalmente estes recursos se encontram vinculados, Canagarajah dialoga diretamente com o entendimento de língua como uma **prática** proposto por Pennycook (2010). Este é um outro conceito fundamental à concretização da mudança para o paradigma da mobilidade proposto por Blommaert na medida em que nos convida a adotar um entendimento de língua "como uma **atividade** em vez de uma estrutura, como algo que fazemos em vez de

[77] Do original: "In the context of mobility, scholars are considering languages unbound – that is, they are endeavoring to understand the flows across time and space of semiotic resources, unfettered from an imposed structure. In order to do so, they treat these resources (of which verbal resources are also a part) as floating signifiers. They can be appropriated by people in a specific time and place for their meaning-making purposes. They become sedimented into grammars, and index values and norms over time, through a history of social use. Such a perspective would resist the territorialization of labeled languages as belonging to one place or community, with static norms and meanings deriving from a preconstructed structure."

um sistema do qual nos valemos, como uma parte material da vida social e cultural em vez de uma entidade abstrata"[78] (PENNYCOOK, 2010, p. 1, grifo nosso). É, portanto, por meio da investigação das práticas linguísticas, ou seja, aquilo que é feito de maneira concreta com os recursos disponíveis num determinado local, que poderemos compreender os fluxos sociolinguísticos que o atravessam, os valores que diferentes recursos indexam para aquela comunidade e as ideologias que eles carregam.

É importante destacar que, ao nos referirmos à língua como prática local, não estamos apenas nos referindo ao uso linguístico em si, mas, principalmente, à maneira como os recursos devem ser compreendidos em relação ao espaço nos quais estão disponíveis e são empregados. Pennycook nos alerta, a este respeito, que "falar em prática não é o mesmo que falar sobre uso"[79], pois "a noção de uso sugere um objeto anterior que pode ser tomado e usado para determinadas finalidades. A noção de uso, portanto, sugere que as línguas existam mundo afora…"[80] (2010, p. 13), o que acaba recuperando a visão compartimentalizada de língua como sistemas autônomos, demarcados, unitários e prontos que parece não se alinhar ao dinamismo atual que marca as manifestações que nos propomos a investigar, enquanto a noção de prática nos permite dar conta dos processos complexos e dinâmicos através dos quais repertórios são construídos

> a partir de fragmentos e pedaços de 'línguas' convencionalmente definidas e assumem concretamente a forma de registros e gêneros, ou de padrões específicos de linguagem em formas comunicativas tais como um cartão telefônico, um pôster ou uma placa[81] (BLOMMAERT, 2010, p. 43).

Pennycook enfatiza, ainda, que adotar uma perspectiva centrada em práticas não representa um movimento em direção a abordagens funcionalistas, mas sim um movimento no sentido da *atividade linguística* propriamente dita (2010, p. 11), que deve ser entendida em sua relação com os espaços nos quais acontece, já que

---

[78] Do original: "To look at language as a practice is to view language as an activity rather than a structure, as something we do rather than a system we draw on, as a material part of social and cultural life rather than an abstract entity."

[79] Do original: "To talk of practice is not the same as talking about use".

[80] Do original: "… the notion of use suggest a prior object that can be taken up and employed for certain purposes. The notion of language use therefore suggests that languages exist out there in the world…"

[81] Do original: "We are witnessing repertoires here, constructed out of bits and pieces of conventionally defined 'languages' and concretely assuming the shape of registers and genres, of specific patterns of language in communicative forms such as a phone card, a poster or a shop sign."

estes, por meio da linguagem, são imaginados e inventados (2010, p. 19).

2.5 A orientação translíngue

Tentamos, ao longo deste capítulo, acompanhar um movimento expressivo das pesquisas sociolinguísticas no sentido de se ampliar o entendimento de repertórios linguísticos que se revelam cada vez mais híbridos, dinâmicos e complexos dada a superdiversidade que caracteriza os espaços onde pessoas e línguas entram em contato na atualidade. Argumentamos, ainda, que esta nova ordem sociolinguística demanda um reposicionamento epistemológico das ciências que buscam investigar fenômenos linguísticos que se manifestam no atual cenário da globalização, o qual é caracterizado por um grau de mobilidade sem precedentes, que torna anacrônicos conceitos que a Sociolinguística e a Linguística Aplicada adotaram por muito tempo em estudos sobre contatos e diversidade linguísticos.

Dessa forma, novos elementos têm sido propostos de modo a capturar estes fenômenos em suas atuais configurações, tais como multilinguismo (MAY, 2014), a noção de repertórios linguísticos constituídos a partir de recursos (BLOMMAERT, 2010; PENNYCOOK, 2010, CANAGARAJAH, 2013, 2017) e o entendimento de língua como prática (PENNYCOOK, 2010), todos focalizados através da chamada lente da superdiversidade (VERTOVEC, 2005, 2006; BUDACH e SAINT-GEORGES, 2017). Acreditamos ter, após esta revisão bibliográfica, bases teóricas suficientemente sólidas para entendermos de maneira mais aprofundada uma noção que se mostra central em nossa pesquisa: a **orientação translíngue** (CANAGARAJAH, 2013).

Conforme discutimos na seção 2.4, existe uma relativa dificuldade de se encontrar um termo em português que recupere a ambiguidade muitas vezes intencional por trás do uso da palavra *language*, a qual é usada tanto para “língua” quanto para “linguagem” em inglês. García nos mostra que a escolha lexical por *to language/languaging* revela um posicionamento teórico a partir do qual a língua(gem) é concebida como uma prática dinâmica, resultante de um “fazer linguístico” (2017, p. 1), para o qual ainda não parece haver muitas propostas de tradução em português.

Lee também discute as implicações do termo *language*. O linguista defende, à semelhança que propusemos apoiados em Pennycook (2010) na seção anterior, que

a expressão “uso linguístico” (em tradução nossa para *language use*), sugere

> uma estabilidade ontológica de ‘língua’ como um sistema que é usado por uma comunidade de pessoas. Por outro lado, *languaging* representa um processo emergente de interação social que não apenas se vale da língua(gem), mas constitui língua(gem) pelas maneiras nas quais ela é praticada pelos indivíduos. *Languaging*, em outras palavras, refere-se à prática de se fazer língua(gem)[82] (LEE, 2017, pp. 4-5).

Existe, ainda, uma outra dificuldade terminológica que observamos na literatura em língua inglesa sobre a chamada **virada translíngue** (LEE, 2017, em tradução nossa para *translingual turn*): inúmeros termos têm sido propostos nos últimos anos para esta crescente tendência dentro da Sociolinguística, e seus proponentes parecem ainda ter significativas divergências conceituais entre seus modelos, o que reflete na falta de uniformidade terminológica. Sobre estas propostas majoritariamente prefixadas por *trans-*, Lee, que adota *translingualism* em sua obra **The Politics of Translingualism: after Englishes (2017)[83]**, na qual faz uma análise crítica deste paradigma em ascensão, afirma que:

> esta virada é refletida em uma série de paradigmas conceituais que foram introduzidos nesta abordagem, incluindo *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013), *translingualism* BAKER, 2001; CREESE e BLACKLEDGE, 2010; GARCÍA, 2009; GARCÍA E LI WEI, 2014; WILLIAMS, 1994); *transglossic language practices* (SULTANA e DOVCHIN 2017; SULTANA et al. 2015), *translingual dispositions* (CANAGARAJAH 2013; HORNER et al. 2011; LEE e JENKS 2016) , *codemeshing* (CANAGARAJAH 2006; YOUNG, V. A., 2004), *polylingual languaging* (JØRGENSEN, 2008) , *fragmented multilingualism* (BLOMMAERT, 2010), *metrolingualism* (OTSUJI e PENNYCOOK 2010; PENNYCOOK, 2010; PENNYCOOK e OTSUJI, 2015), e *postmultilingualism* (GRAMLING, 2016) (LEE, 2017, p. 3).

Mantivemos os termos conforme originalmente propostos por seus autores pois foge ao escopo deste trabalho revisar cada um destes modelos, explicitar suas diferenças conceituais e metodológicas e propor traduções para seus diferentes rótulos. Focaremos, todavia, no que eles têm em comum, e de que maneira todas essas tentativas contribuem para o movimento:

---

[82] Do original: “The common expression “ language use ” suggests an ontological stability of “ language ” as a system that is used by a community of people . On the other hand , “ languaging ” represents an emergent process of social interaction that does not merely draw from “ language ” but constitutes the “ language ” through ways in which it is practiced by individuals . “ Languaging , ” put differently , refers to the practice of doing language.”

[83] LEE, J. W. **The Politics of Translingualism**: After Englishes. Nova York: Routledge, 2017.

> para além das epistemologias nas quais nos apoiamos para entender e avaliar práticas linguísticas 'diferentes', tais como 'diferentes' *Englishes*, e adotar novas maneiras de conhecer, e mesmo desconhecer, de modo a prever práticas linguísticas que ainda temos que encontrar, e imaginar aquelas que ainda estão por vir[84] (LEE, 2017, p. 3).

O prefixo *trans-* se refere, portanto, não apenas a práticas linguísticas que diferem daquilo que habitualmente entendemos por inglês, mas também aponta para muitas possibilidades a serem encontradas e investigadas de práticas linguísticas que desafiam nosso próprio entendimento de língua. Apoiado em Canagarajah (2013), o pesquisador afirma que a ideia de se olhar para *languaging* sob uma ótima *trans-* significa mais do que um simples movimento de ir e vir que aconteceria *entre* e *pelas* línguas, noção exemplificada pelo autor através de termos como *transportation* (transporte), *transition* (transição), ou *translation* (tradução), mas *para além* daquilo que se encontra tradicionalmente estabelecido, como numa espécie de "rompante epistêmico das categorias sendo atravessadas[85]" (LEE, 2017, p. 4), como observamos em *transgender, trans substantial, trans lingual*. Portanto, orientações *trans-* aos estudos da linguagem compartilhariam de uma mesma "preocupação explícita com a fluidez e a negociabilidade de fronteiras linguísticas, fundamentada na possibilidade de que a língua nunca é normativa, mas sempre negociável[86]", o que nos permite repensar a própria ontologia de língua (2017, p. 3). Apoiado em Horner *et al.* (2011), Lee conclui que:

> "*translingualism*, como um paradigma, enfatiza a necessidade de ver as tradicionais fronteiras linguísticas como dinâmicas e fluidas, em vez de estáticas e impermeáveis, e nos convida à busca de novo conhecimento, novos modos de saber, e relações mais pacíficas[87]" (LEE, 2017, pp. 3-4)

Feitas estas ressalvas sobre as implicações teóricas, metodológicas e ideológicas que a escolha lexical traz, adotaremos em nossa pesquisa, a partir de

---

[84] Do original: "This book argues that we must move beyond the epistemologies we have relied on to understand and evaluate "different" language practices, such as "different" Englishes, and adopt new ways of knowing, and indeed unknowing, in order to anticipate language practices that we have yet to encounter, and to imagine those that have yet to be."

[85] Do original: "… an epistemic upheaval of the categories being traversed, as in transgender, trans substantial, or, of course, trans lingual."

[86] Do original: "Nonetheless, one common characteristic among this scholarship , irrespective of the label used , is the explicit concern with the fluidity and negotiability of language boundaries , premised on the possibility that language is never normative but instead always negotiable."

[87] Do original: "Translingualism, as a paradigm, emphasizes the need to view traditional language boundaries as dynamic and fluid, rather than static and impermeable , and invites the " pursuit of new knowledge , new ways of knowing , and more peaceful relations"

agora, as propostas terminológicas de Rocha e Maciel (2015), que empregam de maneira intercambiável os termos translinguismo/translingualismo, que definem da seguinte maneira:

> ... o translinguismo é um conceito que tem ganhado força nos campos de estudos da linguagem e dos letramentos, enfatizando a ideia de zonas de contato e uma orientação mais aberta e dinâmica em relação às línguas, às linguagens e a outros recursos semióticos (ROCHA & MACIEL, 2015, p. 416).

Também manteremos a opção dos autores por "prática translíngue" como uma alternativa para *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013), cujos pressupostos teóricos apresentaremos a seguir. Aplicaremos mais especificamente esta noção ao inglês no capítulo 4 ao discutirmos nossos dados.

A orientação translíngue desenvolvida por Canagarajah surge como uma proposta de se compreender a maneira como as pessoas têm se comunicado na atual configuração global do mundo, cujo impacto nas questões linguísticas discutimos anteriormente. Neste contexto de superdiversidade (linguística inclusive), Canagarajah afirma que o "significado não emerge a partir de uma norma ou sistema gramatical em comum, mas sim através de práticas de negociação em situações localizadas" (2013, p. 1).

As interações que produzem estas novas formas de comunicação, cabe ressaltar, não estão restritas aos espaços físicos nos quais a superdiversidade é demograficamente mais visível, afinal, os próprios processos de globalização atualmente propiciam contatos transnacionais de formas inéditas, como nos mostra Canagarajah:

> Desenvolvimentos tecnológicos facilitaram interações entre grupos linguísticos e ofereceram novos recursos para a **mistura** de línguas com outros sistemas simbólicos (i.e., ícones, *emoticons*, gráficos) e modalidades (i.e., imagens, vídeos, áudio) na mesma 'página'. Todos estes desenvolvimentos trazem possibilidades e desafios interessantes para a comunicação entre fronteiras linguísticas. Eles estão engendrando novos modos comunicativos na medida em que as pessoas adotam estratégias criativas para se envolverem umas com as outras e representarem suas vozes[88] (CANAGARAJAH, 2013, p. 2)

[88] "Technological developments have facilitated interactions between language groups and offered new resources for meshing languages with other symbol systems (i.e., icons, emoticons, graphics) and modalities (i.e., images, video, audio) on the same "page." All these developments pose interesting possibilities and challenges for communicating across language boundaries. They are engendering new communicative modes as people adopt creative strategies to engage with each other and represent their voices."

A desvinculação de “língua” a um espaço é, inclusive, um pressuposto importante da Sociolinguística de recursos móveis com a qual a orientação translíngue se articula.

Conforme discutimos ao longo do capítulo, um dos reflexos desta alta mobilidade do atual estágio da globalização na maneira como as pessoas têm se expressado é a produção de formas linguísticas híbridas que desafiam entendimentos mais tradicionais de repertórios multilíngues e contatos linguísticos. Estas formas, argumenta Canagarajah, “violam nossa suposição de que um texto deve ser construído em apenas uma língua de cada vez e seu significado deva ser transparente” (2013, p. 1), o que, para o autor, corresponde a uma orientação “monolíngue” que por muito tempo norteou o entendimento de língua nos mais diversos campos do conhecimento. Também retornaremos à questão do significado ao analisarmos nossos dados no capítulo 4, e veremos como as noções de multivocalidade adotada por Higgins (2009) e *inscrutability* (LEE, 2017) permitem-nos seu entendimento de maneira mais ampla neste contexto.

Canagarajah desenvolve a noção de prática translíngue a partir de 3 conceitos fundamentais: *crossing*, *polyglot dialog* e *codemeshing* (2013, pp. 4-5). Apoiado em Rampton (1999), Canagarajah define c*rossing* como a “prática de se tomar emprestadas palavras de línguas faladas por membros de fora do grupo para fins de representação identitária temporária e solidariedade comunitária[89]”, o que nos permitira compreender melhor as motivações por trás de empréstimos linguísticos.

Polyglot dialog é uma noção recuperada de Posner (1991) por Canagarajah a afim de descrever uma estratégia conversacional observada em zonas de contato globais, a qual é possibilitada pelo multilinguismo receptivo[90] (BRAUNMÜLLER, 2006 *apud* CANAGARAJAH, 2013, p. 5) do qual, teoricamente, todos dispomos (CANAGARAJAH, 2013, p. 5). Sobre esta capacidade, o linguista afirma que:

> Entendemos mais línguas do que podemos falar. Ao usar nossas habilidades receptivas podemos entender a língua do interlocutor, da mesma maneira como o interlocutor usa sua competência para entender nossa própria língua. E a conversa procede. Além disso, a comunicação envolve mais do que palavras. Em muitos casos, falantes usam o contexto, gestos e objetos no cenário para interpretar as enunciações de seu interlocutor[91] (CANAGARAJAH, 2013, p. 5)

[89] Do original: “Such practice of borrowing words from the languages of out-group members for purposes of temporary identity representation and community solidarity.”
[90] Do original: “receptive multilingualism”
[91] Do original: “We understand more languages than we can speak. Using our receptive skills we can

O terceiro e último componente teórico das práticas translíngues é a noção de *codemeshing*, que tem emergido como "um importante modo de escrita usado por pesquisadores e estudantes multilíngues para representarem suas identidades em inglês[92]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 2). Para Canagarajah, a ideia de *codemeshing* "oferece uma posição intermediária entre dois extremos que são a desconsideração de normas dominantes e a supressão da voz autoral[93]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 113) e nos permite reconhecer a interação de múltiplos códigos dentro de um mesmo texto em vez de buscar segregá-los. Estas manifestações híbridas, informa-nos o autor,

> são encontradas não só na comunicação escrita e multimídia, mas também se apresentam em diálogos face a face do cotidiano. Conversar não precisa acontecer em apenas uma língua; os interlocutores podem usas as respectivas línguas nas quais são proficientes[94] (CANAGARAJAH, 2013, p. 4)

Dessa forma, a noção de *codemeshing* representa uma interessante alternativa aos conceitos adotados por uma orientação monolíngue para descrever situações de contatos linguísticos nos quais as fronteiras linguísticas eram vistas como sólidas e impermeáveis, a mistura dos códigos era entendida em termos de "interferências", *code-mixing/switching*, como se estas fossem práticas indesejáveis e representassem "um déficit na competência comunicativa do falante" (ROCHA & MACIEL, 2015, p. 426).

O termo "prática translíngue", portanto, funciona como um "conceito guarda-chuva que visa a abarcar os processos e orientações subjacentes comuns a estes modos comunicativos[95]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 6), e representa uma importante ferramenta da qual dispomos atualmente para a operacionalização da mudança de paradigma dentro das atuais "viradas" que a Sociolinguística tem buscado, por meio

---

understand the interlocutor's language, in the same way that the interlocutor uses his/her competence to understand our own language. And the conversation proceeds. Besides, communication involves more than words. In many cases, speakers use the context, gestures, and objects in the setting to interpret the interlocutor's utterances."

[92] Do original: "…an important mode of writing for multilingual scholars and students to represent their identities in English"

[93] Do original: "Codemeshing offers a middle position between the extremes of disregard for dominant norms and the suppression of the authorial voice."

[94] Do original: "...are found not only in written and multimedia communication, but they also feature in everyday face-to-face conversation. Talk doesn't have to be in a single language; the interlocutors can use the respective languages they are proficient in."

[95] Do original: "I adopt the umbrella term translingual practice to capture the common underlying processes and orientations motivating these communicative modes".

das quais relações entre línguas tem sido concebida em termos mais dinâmicos e fluidos. É precisamente com este intuito que propomos este trabalho: alinharmo-nos à demanda crescente por reflexões que suscitem um entendimento mais amplo dos complexos processos envolvidos na construção de normas e de significado a partir de manifestações linguísticas que desafiam concepções mais tradicionais de língua; no que diz respeito à língua inglesa mais especificamente, esperamos contribuir, a partir da adoção de uma perspectiva translíngue, para um compreensão mais aprofundada da competência e das práticas linguísticas de pessoas pelo mundo que "se apropriam de recursos do inglês de acordo com suas próprias normas e valores, acomodam-nos em seus repertórios linguísticos já existentes, e trocam entre o inglês e diversas línguas locais em sua comunicação[96]". (CANAGARAJAH, 2013, p. 12).

Esta é a base teórica a partir da qual buscaremos compreender as práticas translíngues investigadas neste trabalho, cujos caminhos metodológicos serão apresentados no próximo capítulo.

[96] Do original: "As people all over the world appropriate the resources of English according to their own norms and values, accommodate them into their existing language repertoires, and shuttle between English and diverse local languages for communication."

3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos os caminhos metodológicos que traçamos para a execução desta pesquisa. Inicialmente, discutiremos as bases teóricas e implicações metodológicas da perspectiva qualitativa adotada neste trabalho, cujo paradigma construtivista destacaremos. Na seção 3.2, teceremos algumas considerações sobre etnografia e, na seção seguinte, mostraremos como a paisagem linguística representa um campo fértil para investigações desta natureza. Por fim, na seção 3.4, detalharemos o processo de coleta de dados e os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam nossa análise.

3.1 As bases da pesquisa qualitativa

Denzin e Lincoln, ao analisarem o desenvolvimento da pesquisa qualitativa ao longo dos anos, afirmam que sua trajetória pode ser divida em alguns momentos, que no presente se sobrepõem e funcionam simultaneamente. O sétimo intervalo, o qual os autores chamam de “futuro” da pesquisa qualitativa, iniciado em 2000, “pede que as ciências sociais e as humanidades tornem-se terrenos para conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-Nações, da globalização, da liberdade, e da comunidade” (1994, p. 16). Apesar de nossa pesquisa incorporar ganhos teóricos e metodológicos de outros momentos da pesquisa qualitativa, como é o caso da própria abordagem etnográfica, é no sétimo momento que a discussão aqui proposta parece fazer mais sentido, pois buscamos olhar de modo crítico para fenômenos linguísticos que, conforme argumentamos no capítulo anterior, surgem no bojo dos desdobramentos mais recentes do processo de globalização.

Os autores afirmam, dessa forma, que qualquer tentativa de se definir o campo de atuação da pesquisa qualitativa deve ser localizada dentro de um momento histórico, mas não nos deixam sem uma definição ampla inicial que nos possibilita compreender os pilares desta perspectiva:

> A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Estas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN & LINCOLN, 1994, p. 17).

É exatamente nesses termos que concebemos nosso trabalho: uma atividade que nos coloca em contato com práticas linguísticas observadas no cenário natural (no nosso caso, na paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais) em que ocorrem. Como veremos mais detalhadamente na próxima seção, quando faremos algumas considerações sobre etnografia, buscamos não só registrar as práticas translíngues que desejamos discutir nesta pesquisa, mas também, e principalmente, aproximar-nos dos agentes nelas diretamente envolvidos de modo a descrevermos da maneira mais satisfatória possível os processos subjacentes a tais práticas.

Vários materiais empíricos podem ser produzidos como representações destes fenômenos observados no mundo, dentre os quais Denzin e Lincoln destacam:

> estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. (1994, p. 17).

Esta multiplicidade de materiais que podem ser coletados ao longo do trabalho de campo exige dos pesquisadores da área, portanto, “uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance” (DENZIN & LINCOLN, 1994, p. 17). Os autores entendem, ainda, que cada prática garante “uma visibilidade diferente ao mundo” e nos alertam, por consequência, para a importância do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (1994, p. 17).

Assumimos, portanto, a posição do pesquisador qualitativo *bricoleur*, que Denzin e Lincoln definem como “um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens” (1994, p. 18). Essa metáfora é bastante elucidativa na medida em que,

em uma pesquisa qualitativa, cabe ao pesquisador, no curso de suas investigações, recorrer a diferentes estratégias metodológicas que muitas vezes não podem ser previstas no início de sua jornada, mas se fazem necessárias a partir dos caminhos que a pesquisa toma uma vez que é iniciada. Este é o papel do *bricoleur* interpretativo, para os autores. Ele produz uma bricolagem, ou seja, uma construção emergente resultante do método do *bricoleur* (1994, p. 17), a qual "sofre mudanças e assume novas formas à medida que se acrescentam diferentes instrumentos, métodos e técnicas de representação e de interpretação a esse quebra-cabeça" (1994, p. 17).

Como pesquisadores do tipo *bricoleur*, os quais, segundo Denzin e Lincoln, buscam participar do processo de atribuição de significados a práticas observadas no mundo real, estamos vinculados a um paradigma, ou esquema interpretativo, que, apoiados em Guba (1990), os autores definem como a rede que contém nossas premissas epistemológicas, ontológicas e metodológicas, um "conjunto básico de crenças que orientam a ação" (1994, p. 34). Denzin e Lincoln nos mostram que todos os paradigmas à disposição da pesquisa qualitativa "trabalham dentro de ontologias relativistas (múltiplas realidades construídas), de epistemologias interpretativas (o conhecedor e o conhecido interagem e influenciam-se mutuamente) e de métodos interpretativos, naturalistas (1994, p. 34)". Neste ponto, a etnografia fornece-nos as ferramentas necessárias à seleção das premissas ontológicas e epistemológicas com as quais esta pesquisa opera.

Esta maneira de se fazer ciência como uma prática interpretativa, que surge inicialmente em oposição ao paradigma positivista, altera substancialmente a noção de verdade. Não esperamos alcançar, a partir de nossos achados, conclusões universais para todos os outros contextos nos quais práticas semelhantes àquelas que aqui descrevemos e analisamos possam ser encontradas – isto iria de encontro à própria natureza de nosso trabalho. Ao final do trabalho, esperamos elucidar possíveis caminhos para generalizações ou conclusões preliminares após termos analisado os relatos produzidos em nosso trabalho de campo. Por ora, enfatizamos que propomos esta pesquisa na expectativa de nos alinharmos a um movimento de ruptura epistemológica detonado por algumas "viradas" da Sociolinguística nos últimos 20 anos, e oferecemos, assim, mais um olhar para a realidade que se encontra socialmente construída diante de nós neste momento sócio-histórico.

Dessa maneira, concordamos com a noção de “verdade” proposta por De Grande que, apoiada em Santos (1989), define o termo como:

> o resultado momentâneo da negociação de sentidos numa comunidade científica, negociação esta que é intersubjetiva e discursiva. Nessa perspectiva, o fazer científico é um processo de persuasão retórica, sustentado em aspectos sócio-históricos (DE GRANDE, 2011, p. 13).

Como pesquisadores qualitativos dentro do esquema interpretativo do tipo construtivista, não nos isentamos, também, das predisposições que condicionam nosso olhar para o cenário natural a partir do qual coletamos nossos dados. Reconhecemos, apoiados em Hughes, que “todo instrumento ou procedimento de pesquisa encontra-se inextricavelmente permeado de compromissos para com versões particulares do mundo e modos de conhecimento do mundo adotados pelo pesquisador que os utiliza” (HUGHES, 1983 *apud* DE GRANDE, 2011, p. 12). Por este motivo explicitamos, na Introdução deste trabalho, as experiências que nos definem como sujeitos pesquisadores e influenciam, portanto, nosso lugar de fala, nossas predisposições e nossa visão de mundo, os quais configuram substancialmente nossa relação com o objeto estudado.

Não ignoramos, contudo, a importância de fomentarmos nesta pesquisa confiabilidade e rigor científico, e estamos cientes da necessidade ressaltada por De Grande de “pensar e agir estrategicamente, ao combinar preocupações intelectuais, filosóficas, técnicas, práticas e éticas para estar consciente das decisões tomadas e suas consequências” na coleta e análise de nossos dados, ainda que nosso fazer científico revele-se como uma “atividade social, histórica e não neutra” (DE GRANDE, 2011, p. 14).

3.2 A tradição etnográfica

Nesta seção, teceremos algumas considerações sobre etnografia e discutiremos sua aplicabilidade a este estudo. Orientar-nos-emos a partir das diretrizes gerais de Blommaert e Jie (2010) e Blommaert (2013), que, nesta última obra, apresenta a perspectiva etnográfica de modo mais aplicado a investigações sobre paisagens linguísticas no atual contexto de superdiversidade.

Os autores nos falam que, ao pensarmos em etnografia, e naturalmente em trabalho de campo, estamos nos referindo a uma tradição científica em particular (2010, p. 1), cujas origens podem ser encontradas na antropologia. A tradição etnográfica, afirmam, "é parte de um programa total de descrição e interpretação científicas, incluindo não apenas aspectos técnicos e metodológicos mas também, por exemplo, relativismo cultural e pilares teóricos behavioristas e funcionalistas[97]" desde as contribuições iniciais de Malinowski e Boas para a área (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 5). Recuperar suas origens implica reconhecer que

> *a arquitetura básica da etnografia é uma que já contém ontologias, metodologias e epistemologias* que precisam ser situadas dentro de uma tradição da antropologia e que não necessariamente se encaixam dentro dos esquemas das outras tradições[98] (BLOMMAERT e JIE, 2010, p. 6, grifo dos autores).

Portanto, há que se levar em consideração que, ao expandirmos uma tradição que surge dentro da antropologia para outros campos, tais como os estudos da linguagem, devemos reconhecer a centralidade da noção de **humanismo**, que os autores definem, a partir de Hymes (1964), como "a tarefa da antropologia de coordenar conhecimento sobre linguagem através do ponto de vista do *homem*[99]", e reconhecer que sua existência está intimamente ligada, condicionada ou determinada pela sociedade, pela comunidade, pelo grupo e pela cultura. Assim, mais do que "apenas" um método empregado com a finalidade de se descrever pessoas, fenômenos ou processos observados no mundo natural, a etnografia revela-se, quando aplicada à linguagem:

> um programa intelectual 'completo' bem mais rico do que apenas uma questão de descrição. Etnografia, defenderemos, envolve uma *perspectiva* sobre linguagem e comunicação, incluindo uma ontologia e uma epistemologia, ambas significativas para o estudo da linguagem na sociedade ou, melhor, da linguagem e também da sociedade[100] (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 5)

---

[97] Do original: "it was part of a total programme of scientific description and interpretation, comprising not only technical, methodical aspects (Malinowskian fieldwork) but also, for example, cultural relativism and behaviourist–functionalist theoretical underpinnings."

[98] Do original: "That means that *the basic architecture of ethnography is one that already contains ontologies, methodologies and epistemologies* that need to be situated within the larger tradition of anthropology and that do not necessarily fit the frameworks of other traditions."

[99] Do original: "It is anthropology's task to coordinate knowledge about language from the viewpoint of *man*."

[100] Do original: "… ethnography *can as well* be seen as a 'full' intellectual programme far richer than just a matter of description. Ethnography, we will argue, involves a *perspective* on language and communication, including ontology and an epistemology, both of which are of significance for the study of language in society, or better, of language *as well as* of society."

Com relação à nossa base ontológica, ou seja, a maneira como concebemos *língua* dentro desta tradição, nós a entendemos como "uma ferramenta socialmente avaliada e carregada à disposição das pessoas, cuja finalidade é permitir-lhes atuar como seres sociais"[101] (BLOMMAERT e JIE, 2010, p. 7). Aqui encontramos novamente, à semelhança do que discutimos na quarta seção do capítulo 2, a noção de língua como um "recurso a ser usado, acionado e explorado por seres humanos em sua vida social e, portanto, socialmente relevante para os humanos[102]" (BLOMMAERT e JIE, 2010, p. 7), ou seja, um instrumento de **ação social**.

Um outro desdobramento desta perspectiva é o fato de que, na tradição etnográfica, é impossível tratar a língua fora de contexto, pois, conforme destacam Blommaert e Jie, "há sempre uma função particular, uma forma concreta, um modo específico de operação, e um conjunto identificável de relações entre atos de linguagem e padrões mais amplos de recursos e suas funções[103]" (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 7). Cabe, novamente, atentarmo-nos para o fato de que ao falarmos em uso ou formas não estamos nos inclinando para uma perspectiva funcionalista sobre a linguagem; estamos, na verdade, mais interessados em explicitar o que o modo como tais recursos são empregados nas práticas linguísticas cotidianas dos falantes pode revelar, já que, conforme defendem os autores, recursos nunca são empregados de uma maneira ideologicamente neutra. (2010, p. 7)

Há que se tomar o cuidado, contudo, com as dificuldades envolvidas no processo de produção de dados etnográficos, pois as pessoas não se apresentam, recuperando os termos de Blommaert e Jie, como "catálogos linguísticos ou culturais". Isso quer dizer que muitas vezes aquilo que é etnograficamente produzido como dados sobre o comportamento cultural, social e linguístico das pessoas acontece sem que elas necessariamente reflitam sobre suas práticas e tenham consciência ativa de que é algo que elas, conscientemente, "fazem". Portanto, devemos nos atentar para o fato de que nem sempre as pessoas, ao serem abordadas sobre seus comportamentos, já trazem uma opinião formada ou sabem verbalizar sobre suas ações facilmente (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 3).

---

[101] Do original: "Language is typically seen as a socially loaded and assessed tool for humans, the finality of which is to enable humans to perform as social beings."
[102] Do original: "Language, in this tradition, is defined as a *resource* to be used, deployed and exploited by human beings in social life and hence socially consequential for humans."
[103] Do original: "To language, there is always a particular function, a concrete shape, a specific mode of operation, and an identifiable set of relations between singular acts of language and wider patterns of resources and their functions."

Esta questão traz implicações epistemológicas para a etnografia e deve ser levada em consideração durante o trabalho de campo, o qual Blommaert & Jie definem como:

> um modo de ação teorizado, no qual os pesquisadores ainda seguem certos procedimentos e têm que os seguir; algo em que um conjunto específico de ações precisa ser executado; e algo que precisa resultar em um montante de conhecimento que pode ser submetido novamente a disciplinadas e rigorosas táticas acadêmicas[104] (2010, p. 3)

Antes de explicitarmos tais implicações e compreendermos de que maneira o trabalho de campo nos permite produzir o conhecimento desejado dentro da perspectiva etnográfica, delinearemos nosso entendimento de **epistemologia** apoiados em Kumaravadivelu (2012) que, de modo breve, parafraseia Foucault e define *episteme* como

> práticas que dão origem a sistemas de conhecimento formalizados. Independentemente de suas restrições e limitações inerentes, tais sistemas de conhecimento são gradualmente impostos em discursos disciplinares. Praticantes de uma disciplina acadêmica trabalham dentro do discurso epistêmico para entender, expressar, e prever padrões de significado dentro de sua disciplina[105] (KUMARAVADIVELU, 2012, p. 14)

Conseguimos depreender, portanto, que o trabalho de campo, na condição de uma prática discursiva inserida dentro da tradição etnográfica, permite-nos "descobrir coisas que não são frequente vistas como importantes, mas pertencem às estruturas implícitas das vidas das pessoas[106]" (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 3) e por este motivo os autores destacam, apoiados em Fabian (1983, 1995), o caráter dinâmico deste processo e a necessidade de envolvimento ativo por parte do etnógrafo, cuja ignorância é um ponto de partida fundamental (FABIAN, 1995 *apud* BLOMMAERT & JIE, 2010, 10). Portanto, há que se considerar que o próprio processo de envolvimento do etnógrafo com os objetos e sujeitos pesquisados e a

---

[104] Do original: "Fieldwork is a theorised mode of action, something in which researchers still follow certain procedures and have to follow them; something in which a particular set of actions need to be performed; and something that needs to result in a body of knowledge that can be re-submitted to rigorous, disciplined academic tactics."

[105] Do original: "practices that give rise to formalized knowledge systems. Regardless of their inherent constraints and limitations, such knowledge systems are gradually imposed on disciplinary discourses. Practitioners of an academic discipline work within the epistemic discourse to understand, express, and predict patterns of meaning within their discipline."

[106] Do original: "Ethnographic fieldwork is aimed at finding out things that are often not seen as important but belong to the implicit structures of people's life."

coleta daquilo que ele espera transformar futuramente em “dados” já é parte do conhecimento produzido, como depreendemos de: “a construção do conhecimento *é* conhecimento, *o processo é o produto*” (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 10, grifos dos autores).

Este processo define a natureza indutiva da prática etnográfica. Partimos, portanto, dos dados, das experiências, das representações construídas para os fenômenos observados em seu cenário natural para a teorização. Os dados coletados nos fornecem importantes pistas das direções teóricas que devem ser seguidas, e não o contrário. Por este motivo, uma pesquisa como a nossa passa por uma contínua metamorfose na medida em que novos dados coletados trazem à tona novos desafios ao aparato teórico do qual dispúnhamos no início do trabalho.

Inicialmente não considerávamos, por exemplo, a própria natureza translíngue das práticas que buscávamos registrar na paisagem linguística. Com o avanço da pesquisa, percebemos que seriam necessários novos conceitos e modelos para analisarmos fenômenos que se revelaram mais ricos e complexos do que supúnhamos. Por este motivo, já próximos ao final deste percurso, buscamos contato com os responsáveis por algumas das práticas linguísticas registradas a fim de evidenciar seu potencial translíngue e compreender o que elas poderiam nos revelar sobre as identidades e ideologias de seus respectivos agentes.

3.3 A paisagem linguística como *locus* de pesquisa

As pesquisas a partir de paisagens linguísticas têm experimentado grande crescimento nos últimos anos. Pennycook *et al.* (2010) identificam alguns motivos que contribuem para tal fenômeno. Primeiramente, os autores destacam um movimento crescente de se “entender com maior aprofundamento o papel do espaço e do lugar em relação à linguagem[107]” (2010, p. xii). Além disso, há que se considerar o crescente interesse pela situação multilíngue observada em espaços urbanos, a qual, combinada com um maior destaque que pesquisas etnográficas ganharam recentemente, “aumentaram nossa consciência para a necessidade de

[107] Do original: “This was a move aimed to understand in much greater depth the role of space and place in relation to language.”

explorarmos a experiência linguística vivida nas cidades[108]" (PENNYCOOK *et al.*, 2010, p. ix) ao invés de focarmos somente na distribuição de variedades em termos demográficos. Por fim, os autores também mencionam as discussões sobre políticas linguísticas que têm sido necessárias em função dos desdobramentos mais recentes da globalização, que reconfiguram as relações de poder entre as línguas a partir do momento que determinados códigos (vistos como dominantes) são injetados no espaço público, como temos observado acontecer com o inglês há algum tempo, o que discutimos no primeiro capítulo. Acreditamos que os três motivos levantados pelos autores, em maior ou menor grau, justificam a relevância de nosso trabalho; contudo, o segundo é o que melhor sintetiza nossa motivação, afinal nossa pesquisa nasce precisamente da ambição de se compreender como a língua inglesa tem participado da experiência linguística local.

Por consequência, a paisagem linguística tem sido frequentemente vista como uma ramificação da Sociolinguística dado seu potencial de pesquisa de caráter tanto descritivo quanto analítico. O primeiro nos permite, por exemplo, realizar um "diagnóstico sociolinguístico" por meio do qual se revela, por exemplo, "o quão multilíngue" uma determinada área é. O segundo, por outro lado, resulta do entendimento do espaço físico também como um espaço social, cultural e político, o qual afeta diretamente comportamentos sociais (PENNYCOOK *et al.*, 2010).

Nossa pesquisa busca contemplar, ainda que em graus diferentes, ambos potenciais. Do ponto de vista descritivo, esperamos evidenciar, a partir da identificação e registro de práticas translíngues na paisagem linguística ao nosso redor, uma espécie de "multilinguismo latente" que se materializa frequentemente nos elementos constitutivos da paisagem linguística que nos cerca. E, dentro do escopo de uma pesquisa de mestrado, tocaremos também no seu potencial analítico, na medida em que buscamos explorar estruturas sociais, culturais e políticas que se encontram implícitas nas inscrições dispostas no espaço público.

Devemos também notar que o próprio termo **paisagem**, nossa opção de tradução para *landscape*, é empregado de modo a recuperar os dois significados comumente associados à palavra em inglês: "pedaço ou extensão de um cenário que pode ser visto em um dado instante a partir de um lugar[109]" ou "uma imagem

[108] Do original: "…increased our awareness of the need to explore the lived experience of languages…"
[109] Do original: "…the piece or expanse of scenery that can be seen at one time from one place."

representando a vista de um cenário terrestre natural, diferente de uma imagem do mar ou um retrato [de alguém][110]" (GORTER, 2006, p. 1). Gorter nos ajuda a entender de que maneira o termo paisagem deve ser compreendido quando empregado em estudos sobre a linguagem: o primeiro significado nos remete ao estudo das formas linguísticas tal e qual são encontradas nas placas e outros elementos constitutivos da paisagem ao nosso redor; o segundo refere-se à "representação das línguas, a qual é de particular importância na medida em que se relaciona com identidade e globalização cultural, com a crescente presença do inglês e com a revitalização de línguas minoritárias[111]" (GORTER, 2006, p. 1). Adotaremos, assim, a definição de paisagem linguística proposta por Landry e Bourhis (1997), a qual tem sido encontrada em grande parte dos trabalhos da área:

> A língua de placas viárias públicas, anúncios, nomes de ruas, nomes de lugares, letreiros comerciais, e placas públicas em prédios governamentais combinam-se para formar a paisagem linguística de um dado território, região ou aglomeração urbana[112] (LANDRY & BOURHIS, 1997 *apud* GORTER, 2006, p. 2).

A crescente presença de recursos associados à língua inglesa nas paisagens linguísticas mundo afora, por sua vez, tem sido descrita como "McDonaldização da passagem linguística" (HELLER, 2003), e sua investigação pode ser bastante esclarecedora do atual movimento da língua inglesa pelo mundo e dos processos através dos quais seus recursos têm sido incorporados aos repertórios linguísticos de falantes das mais diversas línguas, muitas vezes resultando em formas altamente híbridas que desafiam modelos mais tradicionais sobre os chamados *World Englishes*, os quais discutimos em maiores detalhes no primeiro capítulo. A escolha da paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora como *locus* de nossa pesquisa deve-se, portanto, ao fato de nela encontrarmos vestígios linguísticos que nos permitem um certo "diagnóstico sociolinguístico" local.

Com relação aos rumos que têm sido tomados ultimamente pelas pesquisas

---

[110] Do original: "…a picture representing such a view of natural inland scenery, as distinguished from sea picture or a portrait."
[111] Do original: ". On the one hand the literal study of the languages as they are used in the signs, and on the other hand also the representation of the languages, which is of particular importance because it relates to identity and cultural globalisation, to the growing presence of English and to revitalisation of minority languages."
[112] Do original: "The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration."

que se voltam à compreensão do "inglês como uma língua global", Huebner (2006) identifica duas direções: a primeira aponta para os aspectos políticos envolvidos neste processo e discute questões de identidade e poder. A segunda resulta de um movimento que busca compreender o uso da língua inglesa nos países integrantes do *expanding circle* (HUEBNER, 2006, p. 31). O autor afirma que poucos esforços, contudo, foram feitos no sentido de se compreender tais processos para além de questões relacionadas a *codeswitching* e empréstimos lexicais, e de se contemplar o efeito que a língua inglesa tem nos sistemas linguísticos com os quais entra em contato, o que buscamos com este trabalho. Todavia, ao contrário de Huebner, que em seu estudo sobre a paisagem linguística de Bangkok realiza uma densa descrição quantitativa das línguas encontradas na paisagem linguística da capital tailandesa, apoiamo-nos em Gorter ao afirmar que, descritivamente, nossos dados "não são destinados a indicar a composição linguística da cidade como um todo, mas apenas como uma ilustração da diversidade linguística[113]" (2006, p. 3).

Por fim, apoiamo-nos em Ben-Rafael *et al.*, que nos esclarecem de que maneiras investigações sobre a paisagem linguística nos permitem, além da tarefa de descrição linguística, a análise de alguns aspectos da realidade social observadas no atual cenário de globalização e multiculturalismo:

> As novas instituições, os ramos de atividade comercial, as identidades profissionais e os desenvolvimentos demográficos são vastos. Eles transformam o caráter, a composição e o *status* de quarteirões, vizinhanças e cidades onde relações entre grupos e também entre as autoridades públicas e a sociedade civil recebem novos contornos. Todos estes, por sua vez, encontram modos de expressão no campo da atividade linguística – modismos linguísticos, formas de falar, a expansão e a regressão de línguas entre as pessoas ou grupos delas, e inevitavelmente se imprimem na (re)modelagem da LL[114] (BEN-RAFAEL *et al.*, 2006, p. 9).

[113] Do original: "Still, as Huebner states, the data are not meant to indicate the linguistic composition of the city as a whole, but simply as an illustration of the linguistic diversity."

[114] Do original: "In this era of modernity, globalisation and multiculturalism new institutions, branches of commercial activity, professional identities and demographic developments are legion. They transform the character, composition and status of quarters, neighbourhoods and cities while relations between groups as well as between the public authority and the civil society receive new contours. All these, in turn, find expression in the area of language activity – linguistic fashions, forms of speech, the expansion or regression of languages within the public or among parts of it, and unavoidably imprint themselves in the (re)shaping of LL."

3.4 Coleta e análise de dados

Expostas as principais premissas que determinaram nossas escolhas metodológicas, detalharemos nesta seção como o trabalho de campo foi, de fato, conduzido. A partir de nossas leituras iniciais, conforme mostramos na Introdução, propusemo-nos a identificar na paisagem linguística ao nosso redor ocorrências de *lookalike English* (BLOMMAERT, 2012). Discutiremos a fundo esta noção no último capítulo ao analisarmos nossos dados, mas reforçamos, por ora, que este é um termo utilizado pelo linguista para descrever inscrições dispostas no espaço público que "se parecem suficientemente com inglês, ainda que o inglês que elas exibam linguisticamente não faça qualquer sentido[115]" (BLOMMAERT, 2012, p. 61).

Inúmeros registros fotográficos foram produzidos durante o primeiro ano do trabalho. Nossas primeiras imagens incluíam, em sua grande maioria, letreiros com nomes de estabelecimentos comerciais, mas também fotografamos rótulos de produtos, cardápios, placas e *banners* afixados em diversos suportes, assim como capturamos telas de aplicativos com conteúdo promocional e *delivery* de comida (tais como *iFood*, *MaisApp* e *Carta Curinga*), além de publicações em redes sociais feitas por estabelecimentos locais. Não poderíamos deixar de agradecer a todos que contribuíram com ocorrências registradas em diversas regiões da cidade e também no ambiente virtual.

Depois de compilado um banco de dados visuais inicial, e com o refinamento teórico que nossa pesquisa experimentou com o avanço de nossas leituras e o retorno em cima das conclusões preliminares apresentadas em eventos acadêmicos, filtramos, dentre as ocorrências inicialmente selecionadas como exemplos de *lookalike English*, aquelas que fossem potencialmente translíngues (CANAGARAJAH, 2013; LEE, 2017). Assim, além de exibirem algum tipo de *script* associado à língua inglesa (BLOMMAERT, 2012, p. 61), escolhemos analisar as práticas que revelassem um possível movimento não só *entre* as línguas (o inglês e o português), mas também *para além* delas (LEE, 2017, p. 3), num esforço de exemplificarmos os efeitos que globalização têm tido nas fronteiras linguísticas, que hoje se configuram "dinâmicas e fluidas" e nos convidam, portanto, para a "busca de novos conhecimentos, novas maneiras de saber, e relações mais pacíficas [entre as

[115] Do original: "… they sufficiently look like English, even if the English they display makes no sense at all linguistically."

línguas]" (HORNER *et al.*, 2011, p. 307 *apud* LEE, 2017, p. 3). Seguem algumas das ocorrências selecionadas em caráter ilustrativo. Outras serão apresentadas e discutidas no capítulo 4.



Fig. 2: embalagem do medicamento "Seakalm"



Fig. 3: fachada do salão de cabelereiro "Scissô", localizado no bairro São Mateus

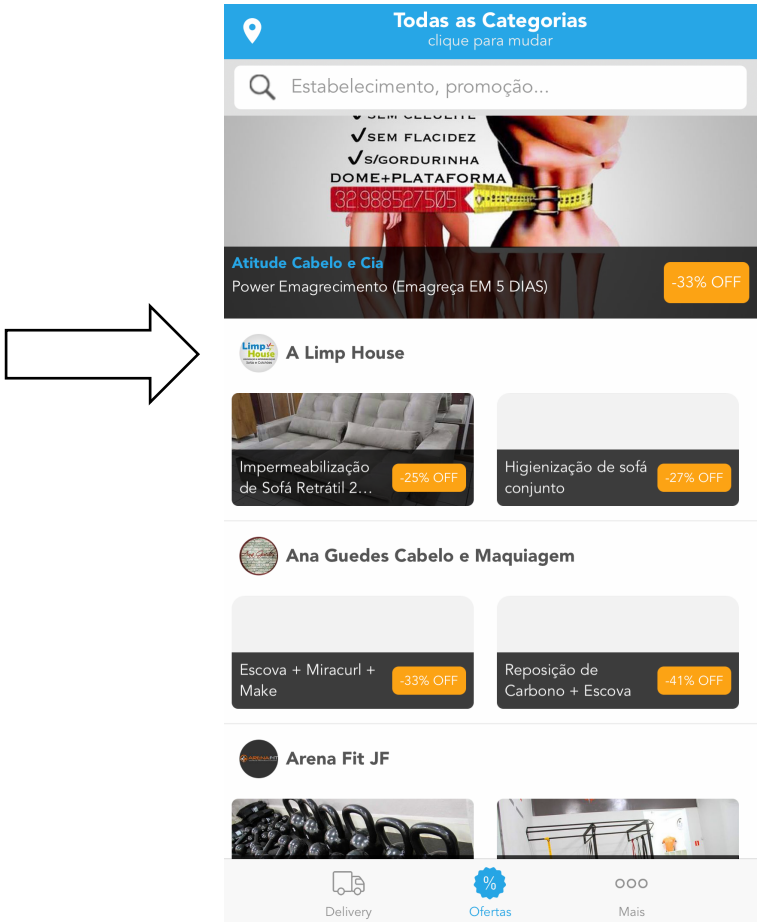


Fig. 4: captura de tela de aplicativo. Destaque para a empresa “A Limp House”, de conservação de estofados, localizada no bairro São Mateus



Fig. 5: portão do bar “Bucket Kickers”, localizado no bairro Alto dos Passos



Fig. 6: letreiro da loja de aluguel de equipamentos e utensílios para festas “Loc Fest”, localizada no bairro Vale do Ipê

Após a seleção das inscrições potencialmente resultantes de práticas translíngues que foram coletadas na primeira etapa do trabalho de campo, demos início à segunda fase. Buscamos, então, dar continuidade ao nosso trabalho etnográfico através de nosso envolvimento com o objeto e sujeitos pesquisados, na expectativa de dar visibilidade às suas práticas cotidianas e participar do processo de atribuição de significados a elas (DENZIN E LINCOLN, 1994).

3.4.1 Conversas etnográficas

Durante a segunda fase de nosso trabalho de campo, tomamos o cuidado de evitar o uso do termo “entrevista” ao abordar os agentes responsáveis pelas práticas linguísticas que nos propusemos a analisar. Partilhamos do posicionamento de Blommaert & Jie segundo o qual “perguntar, de fato, é frequentemente a pior maneira possível de tentar descobrir[116]”, pois o pesquisador nunca é um constituinte natural do campo que ele investiga, mas

> sempre um corpo estranho que causa ondas na superfície de processos rotineiros suaves. Há sempre um *efeito do observador*, e é essencial perceber que: você nunca está observando um evento como se você não estivesse lá. Você está lá, e isso o torna um evento diferente[117] (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 27).

Destacamos, ainda, que, apesar de um constituir um dos recursos mais comumente empregados em trabalhos desta natureza, “não há nada intrinsicamente

[116] Do original: “Asking is indeed very often the worst possible way of trying to find out.”
[117] Do original: “As a fieldworker, you never belong ‘naturally’ or ‘normally’ to the field you investigate, you are always a foreign body which causes ripples on the surface of smooth routinised processes. *There is always an observer’s effect*, and it is essential to realise that: you are never observing an event as if you were not there. You are there, and that makes it a different event.”

etnográfico em uma entrevista" (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 42). A etnografia constitui-se como tal pois "aceita um número de princípios e visões fundamentais sobre a realidade social" (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 42), e caso ignorem estes preceitos, entrevistas podem falhar completamente ao tentar dar conta do humanismo característico da tradição etnográfica. Portanto, ao invés de reduzir o trabalho de campo à coleta de dados através de entrevistas, devemos tratá-lo como um contínuo "processo de aprendizagem" (p. 26), durante o qual o etnógrafo pode e, caso necessário, deve interagir com os sujeitos como uma estratégia investigativa, mas sempre ciente dos desafios que este tipo de contato traz.

A partir das contribuições de Charles Briggs em **Learning How To Ask** (1986), obra frequentemente referenciada por estudos etnográficos, Blommaert e Jie destacam alguns pontos que devem ser levados em consideração ao se realizar uma entrevista. Os autores chamam nossa atenção, primeiramente, para a importância de se considerar não só o que é dito, mas, principalmente, a maneira como se diz. Além das gravações, observações sobre aspectos não-verbais que possam revelar a atitude do informante devem constar das anotações feitas pelo pesquisador. Os autores nos oferecem, ainda, uma síntese em quatro assertivas bastante esquemáticas das principais contribuições feitas por Briggs nesta obra, as quais usamos como diretrizes em nossos encontros.

Primeiramente devemos nos lembrar que "entrevistas são conversas[118]". Apesar de soar tautológica, essa afirmação suscita uma importante diferença discursiva entre as duas práticas. Os autores nos orientam a "não nos comportarmos como entrevistadores, [pois assim] as pessoas irão se comportar como entrevistados[119]" (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 44). Isso quer dizer que, ao conduzirmos estas interações como entrevistas rígidas – ou estruturadas, seguindo a classificação de Fontana e Frey (1994) – a maneira como as respostas serão formuladas será diretamente afetada, pois os participantes possivelmente estruturarão suas respostas em "frases declarativas factuais" e logo prosseguirão para a próxima pergunta. Apesar de entrevistas constituírem uma interação ordenada, no sentido de estarem organizadas a partir de perguntas ou tópicos a serem discutidos que normalmente são guiados pelo entrevistador, adotamos aqui o formato não-estruturado de Fontana e Frey (1994, p. 365), o qual se alinha melhor

[118] Do original: "Interviews are conversations."
[119] Do original: "Never behave like an interviewer: people will behave like interviewees."

às características de uma abordagem qualitativa. Apoiados nos trabalhos de Malinowski (1989), os autores afirmam, sobre este tipo de entrevista, que, ao contrário das estruturadas, as quais buscam dados de natureza codificável de modo a explicar comportamentos dentro de categoriais pré-estabelecidas, as entrevistas não-estruturadas são utilizadas para "entender comportamentos complexos de membros da sociedade sem impor qualquer categorização *a priori* que possa limitar o campo de perguntas".

Montamos, assim, um roteiro abrangente que nos permitisse (a) identificar sucintamente o agente (nome, faixa etária e origem); (b) descobrir informações sobre sua atuação profissional, considerando que a maioria das ocorrências que registramos foram nomes de estabelecimentos comerciais; (c) permitir que o agente fizesse suas considerações sobre sua construção, assim como a recepção e comentários por parte dos clientes; (d) refletir sobre a relação de sua construção com a língua inglesa e sua própria experiência com o idioma. Destacamos, contudo, que esta ordem nem sempre foi seguida em nossas interações com os agentes, pois tentamos permitir que as conversas ocorressem da maneira mais espontânea e dinâmica possível.

A segunda assertiva utilizada para Blommaert e Jie para sintetizarem as orientações de Briggs é: "você é parte da entrevista[120]". Com esta afirmação, somos lembrados que nossos turnos na interação também devem ser transcritos e analisados para que, posteriormente, o diálogo como um todo seja analisado, pois o entrevistador, especialmente em uma entrevista não-estruturada, exerce uma considerável influência no que é dito e na maneira como o entrevistado se comporta naquele momento (BLOMMAERT & JIE, 2010, p. 49). Este cuidado permite-nos, ainda, o refinamento de nossa técnica a partir da reflexão *a posteriori* sobre nossos próprios erros e acertos.

Uma terceira contribuição destacada por Blommaert & Jie está relacionada à importância das anedotas, as quais definem como "diamantes brutos em entrevistas de campo[121]", "frequentemente nossos melhores e mais valorizados 'fatos'[122]" (2013, p. 52). Isso se deve a alguns motivos. É através das anedotas que podemos compreender mais detalhadamente, por exemplo, o que as pessoas entendem por

[120] Do original: "You are part of the interview."
[121] Do original: "…raw diamonds in fieldword interviews."
[122] Do original: "[They are] often your best and most valued 'facts'."

um termo em específico, como nossas perguntas ressoam com seus mundos e como eles estão estruturados, quais influências seus posicionamentos carregam, entre outros, graças às funções cognitivas, afetivas e argumentativas das anedotas (BLOMMAERT & JIE, 2010, pp. 55-56). Portanto, digressões são bem-vindas em conversas de cunho etnográfico, desde que ofereçam ao pesquisador a oportunidade de revelar detalhes sobre nossos informantes que dificilmente anteciparíamos.

A última contribuição de Briggs recuperada por Blommaert e Jie está relacionada à qualidade das entrevistas. Os autores destacam que "não existem entrevistas ruins[123]". Ainda que as contribuições dos informantes possam não atender às expectativas iniciais do pesquisador etnógrafo, elas possivelmente, ao serem analisadas posteriormente, revelarão detalhes que no momento da entrevista podem ter sido ignorados. Além do mais, entrevistas consideradas improdutivas fornecem importantes pistas sobre as direções que o trabalho de campo deve tomar e, conforme discutido anteriormente, podem servir para o refinamento da técnica do entrevistador.

Face a todo o exposto até o presente, e apoiados na primeira contribuição de Briggs (1986), trataremos nossas entrevistas, portanto, como **conversas etnográficas**, de modo a tentarmos capturar a naturalidade, a espontaneidade e a abertura com a qual buscamos conduzir os encontros que tivemos com os agentes responsáveis por algumas das práticas que serão analisadas no próximo capítulo. Tentamos, por diferentes meios e diversas vezes, contato com o maior número possível dos agentes responsáveis pelas ocorrências exemplificadas na seção 3.4. Contudo, o acesso às pessoas que de fato estavam envolvidas na criação dos nomes dos estabelecimentos nem sempre era possível, e muitas vezes, as conversas não foram possíveis pela indisponibilidade dos agentes em nos receber. Além das conversas realizadas pessoalmente, realizamos contato por telefone, e-mail, redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, e até mesmo por mensagens no *WhatsApp*. Detalharemos o contexto de nossas interações ao analisarmos as práticas no próximo capítulo.

[123] Adaptação do original: "No such thing as a bad interview."

3.4.2 Análise das narrativas

Após concluída a segunda etapa do trabalho de campo, passamos à transcrição das gravações, que Gago define como uma "série de procedimentos interpretativos e seletivos são empregados, fazendo com que seja em si mesma uma atividade de análise e representação. Por isso, é uma atividade analítica plena" (GAGO, 2002, p. 91). Buscaremos preservar a linearidade e espontaneidade dos *accounts* produzidos, os quais serão transcritos de maneira corrida e simples.

A fim de analisarmos as narrativas produzidas pelos agentes em nossos encontros, apoiamo-nos nos trabalhos de De Fina (2009, 2015) e De Fina e Johnstone (2015). Estas afirmam, a respeito da relevância das narrativas ao saber científico, que elas

> têm sido um dos principais temas no pensamento humanístico e social-científico desde meados do século XX. A essência da humanidade, por muito tempo caracterizada como uma tendência de compreender o mundo através da racionalidade, tem sido cada vez mais descrita como uma tendência de se contar histórias, de compreender o mundo através da narrativa. Na linguística, a narrativa foi um dos primeiros gêneros discursivos a ser analisado, e continua figurando entre aqueles mais estudados[124] (DE FINA & JOHNSTONE, 2015, p. 152)

De Fina (2009) contribui de maneira ainda mais específica para a análise de narrativas produzidas a partir de entrevistas, como é o caso de nosso trabalho. Este tipo em particular, segundo a autora, tornou-se uma ferramenta central na pesquisa qualitativa, e

> a popularidade da *virada narrativa* nas pesquisas em ciências sociais está relacionada ao sucesso de seus proponentes ao afirmarem que gêneros como a história de vida e a narrativa de experiências pessoais são cruciais a um entendimento rico e minucioso de fenômenos sociais[125]" (DE FINA, 2009, pp. 233-234)

A pesquisadora afirma que o fato de algumas narrativas serem produzidas a

[124] Do original: "Narrative has been one of the major themes in humanistic and social-scientific thought since the mid-twentieth century. The essence of humanness, long characterized as the tendency to make sense of the world through rationality, has come increasingly to be described as the tendency to tell stories, to make sense of the world through narrative. In linguistics, narrative was one of the first discourse genres to be analyzed, and it has continued to be among the most intensively studied."

[125] Do original: "Narratives told in interview have become a central tool of qualitative research. Indeed, the popularity of the narrative turn in social science research is related to the success of its proponents in claiming that such genres as the life story and the narrative of personal experience are pivotal to a rich and nuanced understanding of social phenomena."

partir de entrevistas não as torna, necessariamente, histórias artificiais contadas sem um objetivo social real, mas apenas regidas por regras interacionais e relações sociais diferentes daquelas que se aplicam a conversas ordinárias em outros ambientes (DE FINA, 2009, p. 237), o que, por sua vez, acarreta implicações metodológicas no seu tratamento. A autora conclui, ainda, que "se os contextos da entrevista são considerados mais ou menos interessantes e dignos de análise vai depender dos tipos de perguntas que fazemos sobre a linguagem e as pessoas e dos objetivos da pesquisa[126]" (DE FINA, 2009, p. 237) e, portanto

> Não há nenhum contexto de coleta de dados que seja superior a outros por si só, mas é importante presumir o princípio de que nossas metodologias de análise não podem deixar de levar em consideração a maneira como narrativas moldam e são moldadas pelos diferentes contextos nos quais estão incorporadas[127] (DE FINA, 2009, p. 237)

A importância de se considerar o contexto em que tais narrativas são produzidas justifica, para a autora, a necessidade de uma abordagem interacionista que contemple aspectos para além daqueles exaustivamente detalhados desde as contribuições iniciais de Labov e Waletzy, que descreveram as narrativas de experiências pessoais em termos estruturais, tais como seus componentes narrativos (resumo, orientação, complicação, resolução, avaliação e coda), a existência de ordenamento temporal e a centralidade da "avaliação" como um mecanismo que guia a interpretação da história pela audiência (DE FINA, 2009, p. 235; DE FINA & JOHNSTONE, 2015, p. 154).

De Fina argumenta que, dadas as especificidades de sua estrutura e condições de produção, narrativas geradas em entrevistas são ***accounts***[128], ou seja, recapitulações de eventos passados os quais se definem em função de seu componente explicativo que é detonado por um questionamento avaliativo iniciado por um "como" ou um "por que" explícito ou implícito por parte do interlocutor (DE FINA, 2015, p. 240). Scott e Lyman, em obra basilar sobre *accounts*, assim os definem:

---

[126] Do original: "Whether interview contexts are deemed more or less interesting and worth while of analysis will depend on the kinds of questions that we ask about language and people and on the objectives of the research."

[127] Do original: "Thus, there are no data gathering contexts that per se are superior to others, but it is important to assume the principle that our methodologies of analysis cannot fail to take into account the way narratives shape and are shaped by the different contexts in which they are embedded."

[128] Manteremos o termo em inglês seguindo a tradição da literatura sobre o assunto.

> Um *account* é um dispositivo linguístico empregado sempre que se sujeita uma ação a uma indagação valorativa [...] Entendemos por *account*, portanto, uma afirmação feita por um ator social para explicar um comportamento imprevisto ou impróprio – seja este comportamento seu ou de outra pessoa, quer o motivo imediato para a afirmação parta do próprio ator ou de alguém mais (SCOTT & LYMAN, 1968, p. 140).

De Fina argumenta, ainda, que *accounts* são narrativas que emergem de intensa negociação entre os interlocutores, pois ambos estão empenhados a construírem significados a partir das reconstruções feitas pelo entrevistado, o qual, na posição de um interlocutor que não precisa prender a atenção de seu ouvinte, lança mão de uma variedade de formatos narrativos para descrever *como* e *por que* determinadas experiências aconteceram (DE FINA, 2015, p. 246). Por este motivo, *accounts* são, como vários gêneros orais, um "gênero emergente, um processo de construção de significado, realizado em diferentes formatos narrativos e pontuados por negociações entre o contador e a audiência[129]" (DE FINA, 2015, p. 246), que depende significativamente da relação entre os interlocutores. A este respeito, De Fina destaca que "*accounts* avaliados de maneira mais rica são comumente produzidos quando entrevistados estão mais relaxados e prontos para compartilhar suas experiências[130]" (2015, p. 246), o que determinou o tom que buscamos imprimir às nossas conversas de campo.

A natureza essencialmente interacional dos *accounts*, por sua vez, traz implicações para a maneira como a noção de identidade deve ser entendida e analisada a partir destas narrativas. De Fina desenvolve este ponto afirmando que "narrativas são vistas como o principal veículo para expressar a identidade, e analistas de narrativas chegam até mesmo a defender que as histórias que contamos nos moldam naquilo que somos[131]" (DE FINA, 2015, p. 351). Assim, se compreendemos *accounts* como práticas discursivas que emergem de uma tarefa de negociação, a mesma noção pode estendida às identidades, as quais também podem ser negociadas, por meio de narrativas, tanto individual quanto coletivamente (2015, p. 351).

De Fina aponta para dois processos por meio dos quais a negociação de

---

[129] Do original: "…narrative accounts are, as many oral genres, an emergent genre, a sense making process, realized in different narrative formats, punctuated by negotiations between teller and audience."

[130] Do original: "More richly evaluated accounts are often produced when interviewees are more relaxed and ready to share their experiences."

[131] Do original: "Narratives are seen as the prime vehicle for expressing identity and narrative analysts have gone so far as to argue that the stories we tell mold us into what we are."

identidades pode ocorrer durante um *account*: categorização e processos indexicais. O primeiro diz respeito à ideia introduzida por Sacks (1992, 1966) para explicar como "interlocutores criam e usam 'categorias de pertencimento[132]' e rotineiramente ligam certas atividades a elas[133]". Esta é uma noção que se revelará particularmente útil em nossa análise pois, como veremos no capítulo 4, as categorias apontadas nos *accounts* e suas respectivas características podem nos revelar informações relevantes sobre a construção identitária e posicionamentos ideológicos de seus agentes. Devemos, ainda, atentarmo-nos para o fato de que próprio entrevistador pode, por meio de suas perguntas, propor categorias aos entrevistados, os quais, por sua vez, podem assumi-las ou refutá-las (DE FINA, 2015, p. 361).

O segundo processo por meio do qual identidades podem ser construídas durante narrativas está relacionado à noção de indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976, 2006), que Budach e Saint-Georges (2017) exploram ao desenvolver o conceito "lente da superdiversidade", apresentado no capítulo 2, que compreendemos como

> maneira pela qual construtos linguísticos **indexam**, ou apontam para, elementos do contexto social sem evocá-los explicitamente. Através da indexicalidade, são criadas associações entre sons, palavras, construções discursivas ou estilos específicos e características sociais ou identidades. Portanto, estudos sobre narrativas orientados por uma perspectiva interacionista têm mostrado, por exemplo, como sotaques, palavras, estilos e outros construtos linguísticos podem ser manipulados para indicar afiliação a ou distanciamento de grupos específicos definidos por sua etnia (BUCHOLTZ, 1999) ou gênero (KIESLING, 2006). E processos indexicais são a fonte de grande parte da construção de identidade feita explicitamente por narradores e interpretado por suas audiências[134]" (DE FINA, 2015, p. 353).

Dessa forma, buscaremos, ao analisar nossos dados, evidenciarmos as referências implícitas nos *accounts* feitos pelos agentes que nos permitam compreender os significados sociais de suas práticas, e de que maneiras suas identidades nelas estão refletidas.

---

[132] Nossa tradução para "membership categories"

[133] Do original: "…interactants create and use "mem- bership categories" and routinely link certain activities to them."

[134] Do original: "The concept refers to ways in which linguistic constructs "index" (Silverstein 1976), or point to, elements of the social context without explicitly evoking them. Through indexicality, associations are created between specific sounds, words, discourse constructions or styles, and social characteristics or identities. Thus interactionally oriented narrative studies have shown, for example, how accents, words, styles, and other linguistic con- structs may be manipulated to indicate affiliation or distancing with respect to specific groups defined by ethnicity (Bucholtz 1999) or gender (Kiesling 2006). And indexical processes are the source of much of the identity work that is done explicitly by narrators and interpreted by audiences."

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os dados coletados ao longo de nosso trabalho de campo. Optamos pelo uso do termo “discussão” pois as considerações que aqui faremos são propostas em tom de diálogo com as contribuições de outros pesquisadores, muitos dos quais foram apresentados nos capítulos anteriores, cujos trabalhos também se voltam, de diferentes maneiras, à compreensão de práticas linguísticas das quais o inglês participa.

Conforme afirmamos no capítulo 3, mais do que chegarmos a generalizações universais a partir dos dados aqui analisados, a verdade pela qual orientamos nosso trabalho é uma prática discursiva momentânea e intersubjetiva, por meio da qual nos inserimos em um movimento sociolinguístico mais amplo que, em um primeiro momento, objetivou o reconhecimento e a legitimação de variedades emergentes da língua inglesa e que, atualmente, tem se beneficiado de esforços que o permitem repensar suas epistemologias frente aos novos desafios ocasionados pelos atuais processos de globalização, os quais reconfiguraram substancialmente a maneira como pessoas têm empregado recursos linguísticos ao se comunicarem tanto local quanto transnacionalmente. É neste sentido que propomos nossa pesquisa. Nossas considerações são, assim, resultado de um longo processo de reflexão sobre nossas leituras, nossas próprias observações feitas ao longo do trabalho de campo e, principalmente, alguns encontros que conseguimos viabilizar com agentes diretamente envolvidos nas manifestações coletadas a partir da paisagem linguística local, os quais foram essenciais a uma compreensão mais aprofundada dos processos subjacentes a tais práticas.

De modo a apresentarmos nossos resultados de maneira didática, inicialmente recuperaremos alguns conceitos fundamentais às nossas reflexões. Na seção 4.1, detalharemos o conceito *lookalike English* (BLOMMAERT, 2012) e buscaremos problematizar alguns aspectos por trás desta noção. Mostraremos, a partir de nossos dados, como uma orientação translíngue nos permite uma compreensão mais ampla de práticas linguísticas marcadas por algum tipo de hibridização. Nas duas últimas seções, recuperaremos as noções de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) e multivocalidade (HIGGINS, 2009), e apresentaremos o conceito de inescrutabilidade (LEE, 2017). Através destes construtos teórico-analíticos, traçaremos caminhos para a compreensão do significado de práticas

translíngues e mostraremos como importantes questões de identidade, legitimidade e ideologia podem ser discutidas a partir destas manifestações linguísticas.

4.1 De *lookalike* a *translingual*: parece, mas não é?

Conforme afirmamos no capítulo anterior, buscamos, no início de nossa pesquisa, identificar na paisagem linguística ao nosso redor exemplos do que Blommaert identifica como *lookalike English*. Ainda que sem este rótulo explícito, esta noção é conceitualmente desenvolvida no segundo capítulo da obra aqui já referenciada, **The Sociolinguistics of Globalization** (2010), a qual, parafraseando Mufwene em seu prefácio para o título, lança um novo olhar para as formas de multilinguismo social e individual que foram produzidas pela globalização e para a necessidade de concebermos os repertórios linguísticos das pessoas em termos mais dinâmicos. Sobre esta relação, Blommaert afirma:

> No contexto da globalização, no qual formas linguísticas estão talvez mais móveis do nunca, [tais] padrões de uso e valoração [de recursos linguísticos] tornam-se menos previsíveis e possíveis de serem pressupostos. Metáforas econômicas como aquelas desenvolvidas por Bourdieu (1991) são particularmente úteis para uma sociolinguística da globalização. Lembre-se que Bourdieu via a linguagem como um mercado de capital e poder simbólicos, com pessoas fazendo malabarismos por lucros e com algumas pessoas tendo menos capital do que as outras estruturalmente falando[135] (BLOMMAERT, 2010, p. 28).

No excerto acima, o linguista destaca as maneiras imprevisíveis como as pessoas têm se apropriado de recursos linguísticos de origens variadas e os têm empregado em sua comunicação cotidiana. Neste processo, Blommaert sustenta que novos valores podem ser atribuídos a estas formas, o que ocorre de um modo cada vez menos transparente ou, recuperando o adjetivo utilizado pelo próprio autor no título do segundo capítulo (*A messy new marketplace*), mais "confusa" ou "desordenada". Esta percepção, acreditamos, resulta das próprias dificuldades encontradas pelos estudos linguísticos ao tentarem capturar tais fenômenos valendo-se de teorias e métodos que, conforme argumentamos nos dois últimos

[135] In the context of globalization, where language forms are perhaps more mobile than before, such patterns of value and use become less predictable and presupposable. Economic metaphors such as those developed by Bourdieu (1991) are particularly useful for a sociolinguistics of globalization. Recall that Bourdieu saw language as a market of symbolic capital and power, with people juggling for profit and with some people structurally having less capital than others.

capítulos, têm revelado limitações epistemológicas refletidas nas muitas "viradas" propostas na literatura sociolinguística nos últimos anos.

O exemplo utilizado por Blommaert para ilustrar as práticas resultantes desta nova dinâmica sociolinguística, na qual recursos ganham formas e valores imprevisíveis, é o nome de uma sorveteria – *Nina's derrière* – encontrada dentro de uma loja de departamento de luxo em Tóquio, sobre a qual o autor faz a seguinte análise:

> Isto não era francês [em referência ao termo *derrière*]. [Ou] pelo menos: enquanto as origens de *derrière* são claramente francesas, e enquanto seu uso no nome da loja valia-se da "ideia de chique" indexada pelo francês, a palavra não funcionava como um signo linguístico. Linguisticamente ela era francesa em um sentido mínimo, como uma palavra cujas origens encontram-se no estoque de vocabulário da língua que convencionalmente chamamos de francês. Sua "qualidade francesa" era semiótica em vez de linguística: importante não era sua função linguística como um signo denotativo, mas a função emblemática que ela tinha ao sinalizar um complexo de significados associados, os quais eu capturei através do termo "chique francês"[136] (BLOMMAERT, 2010, p. 28)

A partir dessas reflexões, conseguimos depreender uma primeira característica daquilo que Blommaert chama de *lookalike language*: estas seriam construções que, apesar de indexarem valores socialmente estabelecidos, como é o caso de uma suposta associação entre "francês-chique", apresentariam um funcionamento problemático como signos linguísticos na medida em que, denotativamente, o significante "derrière" não remeteria ao seu significado convencionalmente estabelecido no código ao qual ele originalmente pertence. O autor, desta forma, sugere uma oposição entre **função linguística** x **função emblemática**, as quais trata como antagônicas ao desenvolver a noção de *lookalike language*, o que ficará mais evidente em artigo de 2012 no qual esta expressão é de fato cunhada, como depreendemos de: "As línguas, portanto, existem em áreas onde não são entendidas como signos linguísticos mas ainda assim têm aceitação e reconhecimento amplos como signos emblemáticos[137]" (BLOMMAERT, 2012, p. 62)

---

[136] Do original: "This was not French. At least: while the origins of 'derrière' are clearly French, and while its use in the shop's name drew on indexicals of French chic, the word did not function as a linguistic sign. Linguistically it was only French in a minimal sense, as a word whose origins lie in the stock vocabulary of the language we conventionally call French. Its Frenchness was semiotic rather than linguistic: important was not its linguistic function as a denotational sign, but the emblematic function it had in signalling a complex of associative meanings, the things I captured under the term French chic."

[137] Do original: "Languages, thus, exist in areas where they are not understood as linguistic signs but still have wide currency and recognizability as emblematic signs."

A relação supostamente problemática entre significante/significado destes signos resultaria, para o autor, da limitada competência na língua a partir da qual tais recursos são apropriados, como vemos em:

> O inglês é amplamente usado por pessoas que não têm competência ativa nele, ou cujo grau de fluência na língua impede um entendimento preciso do que eles têm impresso em seus corpos. Língua, então, não é 'língua' no sentido convencional de um sistema formal por meio do qual significados proposicionais são transmitidos[138] (BLOMMAERT, 2012, p. 60).

Aqui podemos identificar uma segunda propriedade de *lookalike language*, ou mais especificamente de *lookalike English*: o resultado de práticas linguísticas de falantes cuja competência é vista como deficitária, ou cujo "domínio" do idioma a partir do qual suas práticas se realizam é limitado e, por consequência, resulta em construções truncadas, incompletas ou deficitárias, as quais, ao serem examinadas através da lente das normas dominantes daquele idioma (ou seja, aquelas adotadas no *Inner Circle*), têm sua "função linguística" desprezada. Isto decorreria do comprometimento de sua propriedade referencial, a qual é adotada pelo autor, neste artigo, como critério para delimitar a noção de **língua**, e poderia resultar tanto de uma relação significante/significado equivocada ou imprecisa (como em *derrière,* que neste caso em particular produziria um efeito de significado "indesejavelmente" cômico ou escatológico, considerando o significado da palavra na língua francesa); ou poderia, ainda, decorrer de significantes mal formados que não seriam capazes, de acordo com um dado sistema de regras (possivelmente, as dominantes), de remeterem a significados claros no código ao qual são usualmente associados e, portanto, não fariam parte daquela língua; apenas se *pareceriam* com suas estruturas, o que explica o emprego do termo *lookalike*, como depreendemos de:

> Tais pedaços do inglês, como vimos, às vezes não são realmente inglês. Sua função não é expressar significados linguísticos coerentes através do sistema do inglês. Em vez disso, ela é mostrar uma consciência do possível capital social contido em formas e estruturas conectadas ao inglês[139] (BLOMMAERT, 2012, p. 61)

---

[138] Do original: "English is widely used by people who have no active competence in it, or whose degree of fluency in the language precludes an accurate understanding of what they have printed on their bodies. Language, then, is not 'language' in theconventional sense of a formal system by means of which propositional meanings are transmitted."

[139] Do original: "Such bits of English, as we saw, are sometimes not really English. Their function is not to express coherent linguistic meanings through the system of English. It is, rather, to show and display an awareness of the potential social capital contained in forms and shapes connected to English".

No trecho destacado, encontramos novamente a polarização entre as funções "linguística" e "emblemática" de tais construções. Esta última, para Blommaert, realizar-se-ia na medida em que tais "pedaços do inglês" apenas simbolizariam a posse de um **capital linguístico**, em diálogo com as metáforas econômicas de Bourdieu, socialmente atrelado a estas formas, mas não constituiriam signos por meio dos quais significados pudessem ser efetivamente transmitidos.

Alguns dados coletados para o projeto **A mobilidade social e suas implicações na paisagem linguística de Juiz de Fora/MG** permitiram-nos, num primeiro momento, questionar se de fato tais funções se encontravam em uma relação de oposição, pois as manifestações de *lookalike English* registradas pareciam não funcionar apenas como um "item semiótico que acrescenta novas camadas de exclusividade a sistemas sociolinguísticos já marcados por profundas desigualdades em seus padrões de distribuição e acessibilidade[140]" (BLOMMAERT, 2012, p. 61), mas representavam autênticas tentativas por parte dos agentes de negociarem significados "linguísticos", ainda que de acordo com regras ou normas que não se encontravam previamente estabelecidas, mas passíveis de co-construção por parte do público ao qual suas práticas eram destinadas.

Em **A economia das trocas linguísticas[141]** (2008), encontramos importantes considerações de Bourdieu que nos ajudam a compreender melhor a relação entre os potenciais "linguístico" e "emblemático" da linguagem, conforme vemos em:

> Sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no ciframento e no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca lingüística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital lingüístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também *signos de riqueza* a serem avaliados, e *signos de autoridade* a serem acreditados e obedecidos. A língua raramente funciona, na existência ordinária, como puro instrumento de comunicação, a não ser em casos de usos literários (sobretudo, os poéticos) da linguagem (BOURDIEU, 2008, p. 59).

Parece-nos razoável afirmar, a partir das considerações do sociólogo francês

---

[140] Do original: "…, a semiotic item that adds new layers of exclusiveness to sociolinguistic systems already marked by profound inequality in their patterns of distribution and accessibility."

[141] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüisticas**: O que Falar Quer Dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

sobre a força simbólica carregada por signos linguísticos, que tais funções não se encontram, *a priori*, numa relação de oposição ou exclusão; pelo contrário, estas duas camadas parecem estar intimamente associadas nas trocas que ocorrem em um dado mercado linguístico. Em Bourdieu também encontramos argumentos suficientemente fortes para estender esta lógica às contribuições individuais que falantes fazem às línguas através de seu uso concreto e criativo de recursos linguísticos, como depreendemos de:

> O que circula no mercado lingüístico não é "a língua", mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para *produzir* a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva (BOURDIEU, 2008, p. 25).

Percebemos, portanto, que a perspectiva monolíngue (CANAGARAJAH, 2013), segundo a qual línguas são entendidas como sistemas cujas regras precisam ser partilhadas *a priori* entre interlocutores em suas trocas linguísticas, não nos parece ser uma premissa necessária ao funcionamento do mercado linguístico para Bourdieu, na medida em que as contribuições individuais tanto do produtor quanto do receptor de discursos e mensagens que circulam num dado mercado são vistas como elementos constituintes destas trocas.

A partir deste entendimento, parece haver boas razões para repensar a própria noção de *lookalike English* e as implicações ideológicas que a expressão encerra, a qual, numa tentativa de descrever a maneira como falantes das mais diversas línguas têm empregado recursos oriundos do inglês de maneira concreta, acaba por descreditar tais práticas ao destituí-las de seu “potencial linguístico” em prol de sua força simbólica ou emblemática e lhes atribui o rótulo de “*lookalike*”, como se tais construções fossem *language* apenas num sentido restrito. Por este motivo, acreditamos que a orientação translíngue desenvolvida por Canagarajah (2013) coloca à nossa disposição as ferramentas necessárias à uma compreensão mais ampla destas práticas, que as reconhece como autênticas e complexas manifestações linguísticas.

O autor destaca dois aspectos fundamentais sobre os quais a mudança de paradigma pretendida pela orientação translíngue se apoia. Primeiramente, deve-se

levar em consideração que "a comunicação transcende línguas individuais[142]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 6), e que falantes tratam todos os códigos que têm à sua disposição como parte de seus repertórios ao se comunicarem no dia a dia, e não separados de acordo com os rótulos que lhes são atribuídos sócio-politicamente. O próprio termo *lookalike English* acaba por contribuir para a reificação de um construto que se convencionou chamar de inglês, e parte de um entendimento que o idioma existe no mundo como uma entidade demarcada, una, monolítica e indivisível, com a qual determinadas construções até podem se assemelhar, mas por não funcionarem de acordo com as mesmas normas seguidas por falantes cujas práticas são consideradas legítimas, não adquirem o mesmo *status* de *língua*. Lee afirma que, ao reconhecer a fluidez das fronteiras linguísticas, a orientação translíngue também nos permite reconhecer a validade e a legitimidade de práticas linguísticas *plurilíticas*[143], ou seja, construídas a partir de recursos cujas origens podem ser remetidas a diversos códigos (LEE, 2017, p. 27), como é o caso das práticas que registramos em nosso trabalho de campo.

Um segundo pilar que sustenta a orientação translíngue e que nos motiva a olhar para manifestações de *lookalike English* como práticas linguísticas plenas é o entendimento de que "a comunicação transcende palavras e envolve diversos recursos semióticos e possibilidades ecológicas[144]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 6), o que implica considerar elementos paralinguísticos tão relevantes às práticas comunicativas quanto os recursos verbais, os quais não são, necessariamente, primários em uma troca linguística, conforme nos mostra Canagarajah em:

> Recursos não-verbais não são um suplemento à fala ou ao pensamento. Eles mediam e modelam o uso linguístico. Linguistas aplicados que abordam estes recursos como "multimodalidade" tradicionalmente trataram gestos, recursos visuais e outros recursos paralinguísticos como compensatórios – ou seja, recursos que auxiliam quando a língua não é adequada ao propósito. Considere a orientação do grupo de Douglas Fir (2016): 'Recursos semióticos multimodais, não-linguísticos são usados para fazer o pareamento entre uma forma e um significado socialmente disponível durante interações em desdobramento. Eles não são periféricos ou complementares ao aprendizado da língua. Ao invés disso, oferecem pistas cruciais para a gramática[145]" (CANAGARAJAH, 2017, p. 9)

[142] Do original: "communication transcends individual languages"
[143] Tradução nossa para *plurilithic language practices*
[144] Do original: "… communication transcends words and involves diverse semiotic resources and ecological affordances."
[145] Do original: What this example illustrates is that the non-verbal resources are not a supplement to talk or thinking. They mediate and shape language use. Applied linguists who address these resources as 'multimodality' have traditionally treated gestures, visuals, and other paralinguistic

A partir dessas contribuições, podemos discutir algumas questões preliminares. Primeiramente, postulemos o entendimento de que, ao adotarmos uma orientação translíngue, devemos reconhecer que recursos semióticos e linguísticos são partes igualmente relevantes que compõem os repertórios dos falantes, e se reforçam quando usados em conjunto em uma prática linguística qualquer. Além disso, devemos procurar conceber a relação entre recursos que tradicionalmente são associados a "línguas" diferentes em termos mais dinâmicos, pois "textos e conversas não apresentam apenas uma língua de cada vez; eles são misturados e mediados por diversos códigos, os quais nem sempre estão evidentes na superfície[146]" (CANAGARAJAH, 2013, p. 6).

Em decorrência destas duas assunções, entendemos que aquilo que Blommaert chama de *lookalike English* não só *parece*, mas *é* língua. Talvez não seja língua não numa perspectiva estruturalista que a entenda estritamente como sistema de regras, um conjunto de signos ou formas às quais se mapeiam funções com alguma previsibilidade, ou tão somente como um conjunto de recursos semióticos, mas sim como uma atividade linguística complexa e dinâmica, conforme vimos anteriormente como o uso proposto por García para a palavra *language* como verbo, *to language* (2017, pp. 1-2), que desafia estes entendimentos, pois resulta de "uma prática social envolvida holisticamente com possibilidades ecológicas e contextuais" (CANAGARAJAH, 2013, p. 6), sem as quais não se realiza nem pode ser entendida em sua totalidade.

Tentaremos tornar estas considerações iniciais mais claras a partir da discussão de dois exemplos:

---

resources as compensatory—that is resources that help when language is not adequate for the purpose. Consider the orientation of the Douglas Fir Group (2016: 29): 'Nonlinguistic, multimodal semiotic resources are used to make the coupling of a form and a meaning socially available during unfolding interactions. They are not peripheral or complementary to language learning. Instead, they provide crucial social cues to grammar'.

[146] Do original: "Texts and talk don't feature one language at a time; they are meshed and mediated by diverse codes, which may not always be evident on the surface."



Figura 7: Estabelecimento comercial localizado na Avenida Presidente Itamar Franco. Registro feito em 20 de julho de 2014 por SOARES (2018).

A figura acima mostra a fachada de um estabelecimento comercial chamado PERSOMBRINK. Este é um estabelecimento que, conforme a legenda abaixo do nome sugere, vende brinquedos elétricos e acessórios, além de oferecer serviços de reparo. Este significante não remete, se tentarmos compreendê-lo a partir de uma lente pré-configurada com normas dominantes da língua inglesa, a um significado preciso. Não existem entradas lexicais para PERSOMBRINK em inglês, e mesmo ao tentarmos entendê-lo fracionando o lexema, seu significado ainda não é suficientemente transparente, pois o termo PERSOM não corresponde exatamente à ortografia do substantivo *person* (pessoa), e o substantivo *brink* parece não fazer sentido se considerarmos a proposta do estabelecimento, pois significa, de acordo com o dicionário Oxford, "a borda extrema de um terreno antes de uma encosta íngreme ou um corpo de água[147]", ou, ainda, "o momento no qual algo, tipicamente algo indesejável, está prestes a acontecer[148]".

É necessário um considerável poder de abstração para sermos capazes de relacionar, com algum sucesso, algum destes dois significados ao substantivo "pessoa" e associá-los à ideia de se vender ou consertar brinquedos. Mas PERSOMBRINK não é um significante, como veremos, a ser compreendido *apenas* através das lentes da língua inglesa. Sua compreensão envolve as mesmas estratégias translíngues que foram adotadas em sua produção.

[147] Do original: The extreme edge of land before a steep slope or a body or water.
[148] Do original: "A point at which something, typically something unwelcome, is about to happen; the verge." Disponível em : <https://en.oxforddictionaries.com/definition/brink> Acesso em 29 jan. 2018.



Fig. 8: *Facebook* do bar BUCKET KICKERS, localizado no bairro Alto dos Passos[149]

Caso semelhante encontramos no nome do bar ilustrado nas figuras 5 e 8. *Bucket Kickers*, aparentemente, remete-nos a dois significantes claros em inglês: os substantivos *bucket* (balde) e o substantivo *kickers* ("chutadores"). O nome do estabelecimento remete à expressão "chutar o balde" em português, a qual é comumente empregada para descrever situações nas quais as pessoas "perdem o controle" ou "ultrapassam limites", o que estaria alinhado à proposta de um bar direcionado a jovens adultos.

Contudo, a expressão idiomática "to kick the bucket", em inglês, é empregada como um eufemismo para "morrer", o que definitivamente não representa a proposta do estabelecimento. É razoável considerar a consciência das normas dominantes da língua inglesa pelo agente responsável pela elaboração deste nome na medida em que sua construção não apresenta quaisquer desvios da norma padrão no nível morfossintático: *bucket* encontra-se anteposto a *kicker*, termo bem formado a partir do verbo *kick* acrescido do sufixo agentivo *–er*; aqui percebemos que a mistura de códigos opera no nível semântico, hipótese que confirmamos em uma breve interação com os proprietários do estabelecimento pelo aplicativo *WhatsApp*. Ao perguntarmos a B., homem de 25 anos natural de Belo Horizonte sobre a origem do nome, fomos informados que: *Um amigo colocou esse nome em um grupo nosso do facebook, pq a galera estava saindo muito pra beber e meu sócio gostou do nome*, o qual foi então apropriado para o estabelecimento comercial.

PERSOMBRINK e *Bucket Kickers* são bem mais do que meras "sopas de palavras", como Blommaert descreve alguns exemplos de *lookalike English*, ou

[149] Disponível em: < https://www.facebook.com/bucketkickersjf> Acesso em 15 jun. 2018.

formas completamente destituídas de significado, cujo propósito seja tão somente funcionar como um recurso semiótico que indexa valores comumente associados à língua inglesa. Estas duas ocorrências parecem-nos bons exemplos do que Canagarajah define como uma das noções básicas por trás de sua orientação translíngue: a ideia de *codemeshing*, que introduzimos brevemente no capítulo 2. Optaremos por não traduzir o termo de modo a evitar perder a imagem criada pelo substantivo *mesh*: uma trama, uma malha resultante do entrelaçamento de fios de diferentes materiais, tais como plástico ou arame, que formam uma rede cujo arranjo e resistência são característicos, conforme vemos na figura 9. Como verbo, o termo suscita uma ação de entrelaçamento harmônico, de encaixe. Este modelo tem sido proposto, Canagarajah nos explica, como uma alternativa teórica aos tradicionais conceitos de *codeswitching/mixing* (2013, p. 10), os quais, conforme vimos em Rocha e Maciel, "percebe[m] as misturas [de código e recursos semióticos, comentário nosso] como uma forma de uso incompleto, deficiente ou indevido de uma língua" (2015, p. 425).



Figura 9: ilustração do arranjo característico de *mesh*

Por meio do modelo *codemeshing*, podemos conceber práticas translíngues que revelam em sua superfície algum tipo de hibridização (tal como PERSOMBRINK) como a tomada de uma posição intermediária entre os dois extremos de um contínuo no qual poderíamos representar a atitude do falante com relação à alternância ou mistura de códigos: a total desconsideração das normas dominantes de um lado e a supressão completa de sua voz autoral de outro (CANAGARAJAH, 2013, p. 109). Em PERSOMBRINK vemos, por exemplo, como

escolhas ortográficas podem revelar a consciência de uma regra prevista na norma padrão do português segundo a qual a consoante *m* deve ser empregada antes das bilabiais [p] e [b], à qual o agente adere, ainda que sua prática seja construída a partir de recursos tradicionalmente vinculados a um código no qual esta mesma regra não é válida, como ocorre no inglês (em que observamos palavras como *com*fort ou *un*popular).

Além disso, o uso do termo BRINK não é aleatório. Ele surge como uma opção criativa por parte do agente de se grafar o verbo *brincar*, cujo significado articula-se melhor com a proposta do estabelecimento do que o significado original de *brink* em inglês. Contudo, o agente segue uma suposta estrutura silábica desta língua (observada em itens lexicais encontrados com maior frequência na paisagem linguística, como *drink*, *pink* e *link*) que, acidentalmente (ou não!), remete a uma entrada lexical já existente na língua inglesa, mas que possivelmente não será recuperada pela maioria dos receptores desta prática. Estes, através de suas contribuições individuais no processo de "deciframento" deste signo, recuperando os termos de Bourdieu (2008), possivelmente reconhecerão não só a função emblemática desta construção ao lhes atribuir valores associados à língua inglesa, mas também darão continuidade ao processo de co-construção e negociação de significado que é iniciada por esta prática.

Este é apenas um primeiro exemplo do que uma orientação translíngue pode nos revelar a respeito das inúmeras inscrições encontradas na paisagem linguística, permitindo-nos discutir os complexos processos linguísticos por trás de tais construções e os dinâmicos jogos de vozes que estas construções encerram. Infelizmente a primeira loja foi fechada há alguns anos, e não possível entrar em contato com os proprietários ou responsáveis pela elaboração de PERSOMBRINK de modo a ouvir suas considerações a respeito do nome do estabelecimento e compreender mais detalhadamente as motivações e expectativas materializadas nesta prática. Com relação ao bar Bucker Kickers, até conseguimos entrar em contato, depois de inúmeras tentativas, com um dos proprietários do estabelecimento. Como nossa interação ficou restrita à troca de mensagens pelo aplicativo *WhatsApp* e as respostas de *B.* foram bastante sucintas, não coletamos elementos suficientes para uma análise mais aprofundada de sua prática. Contudo, outras ocorrências semelhantes serão analisadas ao longo deste capítulo.

4.2 Infinitos significados... Ou nenhum!

Buscamos ilustrar, com os exemplos anteriores, que em construções resultantes de práticas translíngues, que revelam em sua superfície algum tipo de hibridização entre o português e o inglês, as funções emblemática e linguística identificadas por Blommaert não se encontram, necessariamente, em relação de oposição, mas se constituem mutuamente. Nesta seção, analisaremos outras ocorrências de modo a exemplificar que a questão do significado em tais práticas demanda novos paradigmas de compreensão, o qual esperamos construir a partir das noções de multivocalidade e inescrutabilidade.

4.2.1 Multivocalidade

A respeito do primeiro conceito, Higgins nos mostra que, ao tentarmos compreender o significado de formas marcadas por algum tipo de hibridização, tais como as práticas aqui analisadas, devemos levar em consideração o complexo jogo de vozes que são articuladas pela linguagem, as quais resultam em uma multiplicidade de significados possíveis. Isto corresponde à ideia de multivocalidade, definida pela autora nos seguintes termos:

> um conjunto de conceitos interligados detalhados nos escritos de Bakhtin sobre voz assim como as múltiplas perspectivas, ou posições de fala, articuladas através da linguagem. O termo descreve a qualidade de enunciações linguísticas como "terrenos disputados" (HOLQUIST, 2002, p. 24) nos quais múltiplos significados de enunciações podem ser vozeados, e nos quais um número infinito de interpretações é possível[150] (HIGGINS, 2009, p. 6)

Tais conceitos refletem, de acordo com Higgins, os esforços de Bakhtin em dar conta da pluralidade da linguagem ordinária, a qual não era suficientemente explicada a partir de uma perspectiva "objetivista abstrata" característica de abordagens mais estruturalistas como a de Saussure. Higgins nos mostra que Bakhtin destaca a indeterminação e o aspecto "não finalizável[151]" da linguagem,

[150] Do original: "… set of interlinked concepts detailed in Bakhtin's writings on voice as well as the multiple perspectives, or speaking positions, articulated through language. The term describes the quality of linguistic utterances as 'contested terrains' (Holquist, 2002: 24) in which multiple meanings of utterances can be voiced, and where an inde nite number of interpretations are possible."
[151] Nossa opção de tradução para "unfinalizable"

noções que se articulam com a maneira como o teórico russo, de acordo com Baxter, concebe a vida social e a existência humana "como um diálogo em aberto caracterizado pela multivocalidade e inerente indeterminação [da linguagem] quando múltiplas vozes interpenetram-se[152]" (BAXTER, 2004, p. 108 *apud* HIGGINS, 2009, p. 7).

Higgins diferencia duas perspectivas sob as quais aborda a noção de multivocalidade. Estas duas perspectivas correspondem, sugere a autora, a um nível micro e macro de análise sociolinguística. O primeiro se refere às diferentes "vozes" (noção de *polifonia*) que determinadas construções podem carregar em função de sua natureza sincrética. Sobre estas, Higgins afirma:

> Formas linguísticas criativas são frequentemente produzidas quando falantes entremeiam línguas e variedades linguísticas que circulam em seu dia a dia. Os resultados desta prática multilíngue são variados e podem assumir a forma de assimilação (tais como empréstimos linguísticos), mistura de línguas (o uso de duas ou mais línguas não produz efeito pragmático), e *codeswitching* (o uso de duas ou mais línguas produz efeito pragmático, conforme Auer, 1999)[153] (HIGGINS, 2009, p. 7)

A distinção feita por Auer entre *codemixing/switching* e *borrowing* recuperada por Higgins não traz grandes contribuições à discussão que aqui propomos, pois acreditamos que o modelo *codemeshing* de Canagarajah (2013), aqui adotado como alternativa teórico-metodológica em nossa análise, concebe a relação entre diferentes línguas de maneira mais dinâmica e nos permite discutir mais satisfatoriamente os processos subjacentes à mistura de códigos.

Um outro resultado possível dessa mistura são formas descritas por Woolard (1998 *apud* HIGGINS, 2009, p. 7) como bivalentes, ou seja, formas que pertencem simultaneamente a duas línguas ou mais. Tais formas, argumenta Higgins, "permitem aos falantes permanecerem nos interstícios da multivocalidade ao invés de terem que escolher entre um código ou outro[154]" (2009, p. 7). Estas formas

---

[152] Do original: "'an open dialogue characterized by multivocality and the indeterminacy inherent when those multiple voices interpenetrate' (Baxter, 2004: 108)."

[153] Do original: "Creative language forms are frequently produced when speakers intermingle the languages and language varieties circulating in their daily lives. The results of this multilingual practice are varied and can take the form of assimilation into a language (i.e. borrowing), language mixing (the use of two or more languages that produces no pragmatic effect), and codeswitching (the use of two or more languages that does carry a pragmatic effect, *cf*. Auer, 1999)"

[154] Do original: "Bivalent forms allow speakers to remain in the interstices of multivocality, rather than having to choose one code or another."

possibilitam vários usos marcados pela presença simultânea de “duas vozes”, como paródias, trocadilhos e duplos sentidos.

A ideia de multivocalidade pode, ainda, ser empregada “para explorar como várias línguas são expressas (e censuradas) em sociedades multilíngues em resposta a forças centrípetas e centrífugas[155]” (HIGGINS, 2009, p. 7). Este macronível de análise permite-nos, por exemplo, perceber construções individuais como resultados de movimentos globais de centralização ou descentralização de línguas, como ocorre com o inglês, cujos recursos, impulsionados por forças centrífugas, são apropriados de modo localizado e acabam resultando em uma grande variedade de construções caracterizadas pela mistura de recursos oriundos da língua inglesa com recursos dos sistemas sociolinguísticos locais, como é o caso, em maior ou menor grau, de todos as ocorrências que registramos na paisagem linguística local que foram apresentados no capítulo anterior.

As considerações de Higgins sobre multivocalidade são particularmente interessantes à nossa análise na medida em que nos permitem ponderar como falantes, ao “habitarem” formas linguísticas previamente existentes na língua inglesa, podem retrabalhá-las e ingressarem, assim, no jogo de vozes que nelas pode se manifestar. A autora identifica este processo como a noção bakhtiniana de assimilação, assim compreendida:

> Um processo no qual nosso discurso, ou seja, todas nossas enunciações (incluindo produções criativas), está cheio de palavras dos outros, graus variados de alteridade ou graus variados “daquilo que é nosso mesmo”, variados graus de consciência e desprendimento. Estas palavras dos outros carregam consigo sua própria expressão, seu próprio tom avaliativo, os quais assimilamos, retrabalhamos e enfatizamos novamente[156]” (BAKHTIN, 1986 *apud* HIGGINS, 2009, p. 8)

Um exemplo que nos permite ilustrar este processo de apropriação de recursos linguísticos “do outro” e sua adaptação criativa de maneira consciente é o nome da clínica veterinária especializada em felinos “Espaço soulcat”.

---

[155] Do original: “Secondly, at a more macrolevel, I use the term multivocality to explore how various languages are voiced (and censured) in multilingual societies in response to centripetal and centrifugal forces.”

[156] Do original: “a process in which our speech that is, all our utterances (including creative works), is filled with others’ words, varying degrees of otherness or varying degrees of ‘our-own-ness’, varying degrees of awareness and detachment. These words of others carry with them their own expression, their own evaluative tone, which we assimilate, rework and reaccentuate.”



Fig. 10: Fachada da clínica

Originalmente em inglês, a expressão “soul cat” é empregada para se referir à uma “paixão verdadeira ou amor por algo ou alguém”, conforme vemos nas definições propostas por usuários do dicionário colaborativo online *urbandictionary.com*:



Fig. 11: captura de tela do site *urbandictionary.com*[157]

[157] Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Soul%20Cat> Acesso em 16 fev. 2018.

Esta mesma definição é fornecida no site da clínica, como vemos na imagem abaixo:



Fig. 12: captura de tela do site da clínica “Espaço soulcat”[158]

Nos exemplos encontrados no site *urbandictionary.com*, vemos que *soul cat* funciona como um sintagma nominal formado a partir do termo *soul*, na posição de um adjetivo, e do substantivo *cat* na posição de núcleo. Essa mesma estrutura é mantida na explicação encontrada no site da clínica, o que indica a consciência sobre a forma original da expressão. Contudo, em todos os demais usos, como no letreiro disposto na fachada do prédio, material publicitário impresso e disponibilizado *online*, os dois termos aparecem justapostos compondo um único item lexical, que é usado para descrever, conforme vemos na nota explicativa encontrada no site, um espaço especializado em cuidados para felinos por pessoas que são apaixonadas por estes animais, conhecidos como “gateiros”. É interessante destacar que, originalmente, a expressão não faz qualquer referência literal a gatos e poderia ser considerada um exemplo de *lookalike English* na medida em que a propriedade referencial deste significante aparentemente malformado parece-nos, face ao aqui exposto, imprecisa. O termo *soulcat* também parece receber a influência do português em função da proximidade fonética entre o substantivo *soul* e o verbo “ser” na primeira pessoa do presente do indicativo – *sou.* Vemos que este

[158] Disponível em: <https://www.soulcat.com.br> Acesso em 16 fev. 2018.

trocadilho é suscitado pelo nome de usuário da empresa em sua página no *Facebook*, "@eusoulcat", conforme ilustra a imagem a seguir:



Fig. 13: captura de tela da página da clínica no *Facebook*[159]

Este caso nos parece um exemplo da noção de assimilação, o qual nos permite entender como uma mesma expressão linguística pode encerrar diferentes vozes, pois ao retrabalharem a forma e o significado de *soul cat* e utilizarem-na de maneira criativa para o nome de sua clínica, as proprietárias ingressam num jogo de vozes que envolve a apropriação de recursos linguísticos "do outro" mantendo sua voz autoral e refletindo sua identidade – pessoas apaixonadas por gato, conforme vemos também no imagem de capa da página do *Facebook* mostrada na figura 12. De modo a compreendermos mais detalhadamente como este processo ocorreu, buscamos contato com as veterinárias responsáveis pela clínica e conseguimos conversar pessoalmente com uma delas, T., de 29 anos, médica veterinária natural de Juiz de Fora que, inicialmente, formou-se em Enfermagem e ao longo dos 5 anos em que trabalhou em UTI hospitalar, estudou Medicina Veterinária para então se reposicionar profissionalmente.

T. foi extremamente atenciosa ao nos receber em um dos consultórios da clínica. Ao mesmo tempo que se comportou de maneira relaxada e à vontade em nossa conversa, o que percebemos pela riqueza de seus *accounts* e por sua eloquência, mostrou-se preocupada com as informações que nos fornecia a respeito da empresa, articulando suas frases de maneira cuidadosa e assertiva.

[159] Disponível em: <https://www.facebook.com/eusoulcat/> Acesso em 16 fev. 2018.

Ao ser questionada sobre o nome da clínica, T. menciona uma outra médica veterinária com quem trabalha e de quem é amiga, P. T. afirma que ela e P. tiveram apoio financeiro de uma terceira pessoa, um empresário que atuava no ramo há mais tempo, e que todo o processo de idealização do espaço resultou de um trabalho conjunto no qual foram assessoradas por profissionais de *marketing* e arquitetura. Ao perguntá-la explicitamente sobre a origem do nome *soulcat*, T. produz o seguinte *account*[160]:

> P: E por que *soulcat*? Por que esse nome?
> T: Na verdade a gente testou vários nomes assim... E soou legal *soulcat*. Mas assim... A gente... Na época a gente foi testando... Não queríamos em inglês, mas é muito difícil... As clínicas no Brasil que são especializadas em felinos... Tem "The Cat Paradise", "The Cat from Ipanema"... Então assim... A maioria mistura os nomes em inglês com português, e os outros que são associados de gatos... Tem um que chama "Gatos", tem uma que chama "Gato Leão Dourado" e "Gatos e Gatos". Então assim... Você vê que as pessoas têm dificuldade em trabalhar as palavras pra fazer em português. E aí a gente pensou em *soulcat* e gostou. Quando a gente procurou uma pessoa da área de publicidade e que a gente procurou desenhar a marca, as coisas da marca, que às vezes as pessoas acham que é franquia, mas tudo a gente mandou fazer, de papelaria, de desenho. Aí a própria pessoa falou assim: "Vocês sabiam que *soulcat* também significa estar apaixonado, ser apaixonado... Aí casou."

T. inicialmente afirma que a escolha por *soulcat* acontece depois de vários testes, e com seu comentário avaliativo "E soou legal *soulcat*" indica que a sonoridade do nome parece ter sido um fator importante na decisão. T. afirma, ainda, que os responsáveis pela escolha do nome não queriam um termo em inglês, mas avalia que é "muito difícil" evitar tal escolha ao exemplificar a categoria "clínicas no Brasil que são especializadas em felinos" com os estabelecimentos "The Cat Paradise", "The Cat from Ipanema" (ela pronuncia o nome do bairro da cidade do Rio de Janeiro de acordo com fonética do português) e conclui que a maioria destas clínicas "mistura os nomes em inglês com português", que sinaliza a frequência com que tais práticas se estruturam a partir de alguma hibridização entre códigos. Após este comentário explicativo, T. exemplifica outros espaços especializados em felinos, como as clínicas "Gatos", "Gato Leão Dourado" e "Gatos e Gatos", cujos nomes ela avalia negativamente com o comentário "As pessoas têm dificuldade em trabalhar as palavras pra fazer em português."

[160] Utilizaremos a inicial *P* para representar nossas falas nas interações transcritas e a inicial dos nomes dos agentes com quem conversamos para representar suas respectivas falas.

T. reforça seu papel autoral na elaboração do nome da empresa ao lembrar que o nome já havia sido pensado antes da ajuda que tiveram para “desenhar a marca”, uma expressão que utiliza para se referir ao processo de elaboração da identidade visual da empresa. Pelo que nos conta, a informação sobre o significado da expressão em inglês foi posterior à criação de *soulcat*, e o significado “estar ou ser apaixonado” “casou” com a proposta do estabelecimento. Deduzimos, portanto, que o significado original da expressão não parece ter sido a principal motivação para a elaboração do nome, o que nos permite afirmar o aspecto criativo desta prática, como é possível depreender da seguinte interação:

> P: São aquelas informações que tem no site, né?
> T: É! E aí casou, e aí foi também a ideia de por que a logo tem um coraçãozinho também.
> P: Uhum. Então o nome *soulcat*, pelo que eu entendi, ele foi escolhido antes mesmo de..
> T: [interrompendo] Antes de saber que tinha essa expressão em inglês.
> P: Entendi. Ótimo... É... Vocês já tinham visto esse nome em algum outro lugar antes?
> T: Não.

T. faz referência ao “coraçãozinho” que envolve a ilustração de um gato na “logo” da empresa, o que funciona, conforme defende Canagarajah (2013), como mais um item semiótico para colocado à disposição de possíveis clientes para a compreensão do que o nome da marca representa. Nossa interação ainda me permite confirmar o trocadilho que o nome de usuário “@eusoulcat” parece sugerir:

> P: É... Eu acho que é, pelo que eu tava olhando nas redes sociais de vocês também, eu não sei se a página do *Facebook* ou alguma outra rede social, é... que o “username” é @eusoulcat, né?
> T: Aham!
> P: Então também tem um pouco esse trocadilho do “soul” com “sou”, né?
> T: Com certeza!

Pergunto a T. a respeito das motivações envolvidas na escolha de um nome que traz influências da língua inglesa, e a seguinte interação decorre desta pergunta:

> P: Vocês mesmas propuseram e criaram... Entendi. E por que um nome em inglês?
> T: Pela dificuldade de tentar montar alguma coisa que ficasse harmônico em português. A gente inicialmente... A P. que é minha sócia é formada em administração, então ela tinha um pouco, a primeira grad... ela fez administração, tinha um pouco de receio de pegar um nome em inglês...
> P: Uhum...

> T: A prioridade era a gente tentar escolher alguma coisa em português, mas a gente teve muita dificuldade e aí quando a gente soou o *soulcat* que é o que falou, as duas gostaram e aí ficou.
> P: Por que você acha que ela tinha essa preocupação em colocar um nome em inglês? Ela chegou a verbalizar alguma coisa nesse sentido pra você?
> T: Então, na verdade, porque a clínica de gatos é uma coisa muito nova no mercado.
> P: Sim...
> T: E a gente achou que a... que a marca fosse fixar melhor porque não é um público que é só "A", a gente atende classe C, B, a gente tem um projeto com castração de prefeitura, então a gente acaba atendendo pessoas que são mais carentes mesmo. Então pela dificuldade das pessoas em pronunciarem, gravar a marca, gravar o nome... Tanto que chega muita gente aqui e que pronuncia o nome errado, vem escrito o nome errado. Até empresa de distribuição de medicação, quando vem, você vê que o nome tá escrito "sou": s-o-u, do verbo "ser", as pessoas têm dificuldade mesmo. Então a gente como sabia que aquela classe... que ia abranger uma classe grande, e um público grande, então a gente queria um nome em português.

T. avalia a ideia de que criar um nome "harmônico" em português que se alinhasse à proposta do estabelecimento e à identidade das sócias era difícil, e justifica o receio de P., com sua formação em administração, ao "pegar um nome em inglês" pela suposta indisponibilidade deste código às classes B e C, o que poderia afetar a maneira como a empresa é percebida pelos clientes. T. exemplifica o posicionamento socioeconômico pretendido pela clínica ao mencionar um projeto de castração com a prefeitura e ressaltar que pessoas mais carentes frequentam o espaço. Concluímos, portanto, que apesar da consciência de que um nome em inglês possivelmente restringiria o público-alvo da empresa, esta não parece ter sido uma motivação que levou as sócias a esta escolha.

Pergunto-lhe, ainda, sobre sua experiência com a língua inglesa, e T. me responde que tanto ela quanto sua sócia têm uma experiência formal considerável com o idioma, como vemos em:

> P: Você fala inglês?
> T: É... Tanto eu quanto a P., a gente formou no curso de inglês em nível avançado e a gente às vezes vai pra fora do país, ela até vai mais do que eu. Mas... É... Coisa de curso mesmo. De Brasas, de, de... Cursos de inglês.
> P: Mas tem uma experiência com o inglês?
> T: Aham!

Esta informação nos é relevante pois inferimos que os repertórios linguísticos das sócias não só as permitiram a criação do nome *soulcat*, mas também sua posterior comparação à expressão *soul cat* e uma certa segurança ao ingressarem no jogo de vozes que estas formas podem carregar a partir de sua assimilação.

Concluímos, portanto, que seu emprego é motivado e consciente, carrega a identidade das sócias e é sensível aos possíveis efeitos de seleção do público-alvo que um nome associável à língua inglesa poderia acarretar, embora este não seja um objetivo pretendido.

4.2.2 Inescrutabilidade

Investigar os possíveis significados de práticas translíngues não se limita, contudo, a tão somente reconhecermos, a partir da noção de multivocalidade, a polifonia ou caráter não finito da linguagem de modo a trazer à superfície os múltiplos significados que podem ser construídos a partir de um mesmo significante. É necessário atentarmo-nos para o fato de que muitos dos esforços nesse sentido têm sido feitos a partir de perspectivas normativas e hegemônicas que tradicionalmente aferem práticas linguísticas, translíngues ou não, com um termômetro calibrado a partir das variedades faladas no *Inner Circle*.

É nesse sentido que Lee, em **The Politics of Translingualism:** After Englishes (2017)[161], propõe um novo paradigma de compreensão de práticas translíngues no qual a ideia de **inescrutabilidade** ocupa uma posição central, e assim é entendida:

> Inescrutabilidade [...] não é necessariamente um problema ou uma falha de compreensão no sentido em que o termo "inescrutável" é normalmente posto. Em vez disso, ele se refere à inabilidade de ser entendido, interpretado e avaliado de acordo com maneiras de saber institucionalizadas, normativas ou *mainstream*. Inescrutabilidade, nessa perspectiva, refere-se, acima de tudo, à condição de evadir a própria possibilidade de ser avaliado como legítimo ou ilegítimo na medida em que legitimidade e ilegitimidade são parâmetros avaliativos baseados em uma epistemologia normativa que até agora tem sido hostil ou indiferente à "diferença"[162] (LEE, 2017, pp. 52-53)

Vemos que a proposta de Lee oferece-nos uma perspectiva teórico-metodológica ainda mais arrojada para as práticas linguísticas que nos propomos a analisar como translíngues na medida em que o autor desafia as próprias

[161] WON LEE, Jerry. **The Politics of Translingualism**: After Englishes. Nova York: Routledge, 2017.
[162] Do original: "Inscrutability, as I will describe below, is not necessarily a problem or a failure to understand in the sense of that which is inscrutable is typically positioned. Instead, it refers to an inability to be understood, interpreted, and evaluated according to institutionalized, mainstream, or normative ways of knowing. Inscrutability, from this perspective, refers to the condition of evading the very possibility of being evaluated in the first place, whether as illegitimate or even as legitimate, insofar as illegitimacy and even legitimacy are evaluative parameters based on a normative epistemology that has hitherto been hostile or otherwise indifferent to 'difference'."

"ontologias metadiscursivas através das quais conceituamos, interpretamos e codificamos tais práticas[163]". Estas, para Lee, "têm em grande parte se limitado em reconhecer a pluralidade entre os diferentes *englishes* através de modelos hermenêuticos dominantes de legitimidade linguística" (LEE, 2017, p. 58), como vimos acontecer não só com rótulos que foram atribuídos ao inglês "global" discutidos no capítulo 1, mas até mesmo com algumas das abordagens *trans*- que foram propostas mais recentemente (LEE, 2017, p. 4)

Esta é a tendência que identificamos no tratamento destas práticas como *lookalike English*. O reconhecimento de sua função estritamente emblemática em detrimento da linguística fundamenta-se em critérios estipulados a partir de uma perspectiva hegemônica baseada em variedades do *Inner Circle*, como se o inglês nos demais países estivesse, nos termos de Blommaert, além do alcance da maioria da população mundial (2012, p. 60), e como se os agentes envolvidos nas construções assim rotuladas pelo linguista estivessem necessariamente em busca de legitimação de suas práticas pelos mesmos critérios que lhes são impostos externamente pelos esforços científicos que buscam analisá-las, o que nem sempre parece ser o caso conforme vimos em nosso trabalho de campo.

Assim, destituir *derrière* de algum significado para além do uso ornamental da língua francesa no nome da sorveteria no Japão ou considerar *brink* ou s*oulcat* como significantes imprecisos e reduzi-los à categoria de *lookalike* revela que ainda estamos operando dentro das limitações epistemológicas que a orientação translíngue visa a superar, como nos mostra Lee em:

> Um caminho adiante é reconceituar radicalmente a própria prática de ler, interpretar e avaliar práticas linguísticas, tanto translíngues quanto "não-translíngues", ou variedades do inglês tidas como padrão ou periféricas, na direção de um paradigma no qual a inescrutabilidade não é presumida como um defeito, mas sim como constituinte do saber. Precisamos levar a sério a possibilidade de que o problema de sermos incapazes de entender o Outro não é um problema na língua do Outro propriamente dita, mas um problema que decorre de nos negarmos a renunciar ou desabitar uma epistemologia normativa de interpretar práticas linguísticas. Como sugerido mais cedo, a orientação translíngue para a linguagem oferece a oportunidade de tal reconceituação dos *Englishes*, incluindo uma reconceituação do que conta como uso "bom" ou "mau" do inglês[164] (LEE, 2017, p. 58)

[163] Do original: "a failure to read translingual practices is not a failure on the part of the language practices themselves but a failure on the part of the metadiscursive ontologies by which we conceptualize, interpret , and codify such language practices."

[164] Do original: "One way forward is to radically reconceptualize the very practice of reading, interpreting, and evaluating language practices, whether translingual practices or "nontranslingual" practices, whether standardized or peripheralized Englishes, toward a paradigm in which inscrutability

Este paradigma de compreensão foi um dos principais achados teórico-metodológicos de nossa pesquisa na medida em que abriu novas possibilidades de análise das ocorrências de *lookalike English* que havíamos originalmente selecionado a partir de nossa visão de falantes que aspiram a uma variedade padrão da língua inglesa. Foi necessário, portanto, "desabitarmos" a epistemologia normativa adotada inicialmente e buscar novas ferramentas para a conceituação das práticas linguísticas do *outro* envolvendo o olhar do *outro* neste processo, e por este motivo foi fundamental alinhar nosso trabalho de campo à tradição etnográfica.

Um dos casos identificados com frequência na paisagem linguística que nos levou a esta reflexão é a marcação de posse em inglês através do apóstrofo seguido da consoante *s*, recurso amplamente adotado por estabelecimentos comerciais na cidade.



Fig. 14: "Sobrinho's Bar", localizado no bairro São Mateus

---

is not presumed to be a defect of knowing but rather constitutive of knowing. We need to take seriously the possibility that the problem of being unable to understand the Other is not a problem of the Other's language practice per se but a problem that derives from a refusal to relinquish or uninhabit a normative epistemology of interpreting language practices. As suggested earlier, the translingual orientation to language presents an opportunity for such a reconceptualization of Englishes, including a reconceptualization of what counts as a "good" or a "bad" usage of English."



Fig. 15: Loja “PRIMU’S LAMINADOS E ACABAMENTOS”, localizada no bairro Industrial



Fig. 16: “PADARIA E LANCHONETE EDUARDO’S”, localizada no bairro Vitorino Braga

Vemos, nos exemplos acima, diferentes estratégias de emprego da suposta marcação de posse. Com relação ao estabelecimento mostrado na figura 13, poderíamos supor que o bar pertenceria ao "sobrinho" de alguém (o que por si já evidenciaria o processo de *meshing* entre códigos) ou a alguma pessoa cujo nome ou sobrenome fosse "Sobrinho". Ocorrência semelhante é observada no nome da loja "PRIMU'S LAMINADOS E ACABAMENTOS". Esta ocorrência é um pouco menos transparente à primeira vista pois a forma *primu* não corresponde, exatamente, a um item lexical em português, mas sim à forma fonética do substantivo *primo* ['pri.mu], a quem poderíamos atribuir a posse do estabelecimento. Também seria possível, ainda, associá-la à forma *primus* em latim, que significa "primeiro". Visitamos a loja de modo a obtermos mais informações sobre a escolha do nome. Fomos recebidos pelo gerente D., que nos informou que o estabelecimento havia sido vendido pelos donos originais, responsáveis pela idealização do nome, e que não dispunha de informações que nos pudessem ajudar na localização destas pessoas. Contudo, D. nos informou que tais donos eram dois primos que abriram a loja em sociedade, e afirmou que o nome do estabelecimento havia sido escolhido para expressar esta ideia de plural. O atual proprietário, afirmou, não tinha qualquer envolvimento familiar com os donos anteriores, mas resolveu manter o nome do estabelecimento considerando sua popularidade na cidade. A terminação *–'s*, neste caso, funcionava mais como uma desinência de número do substantivo *primo* em sua forma estilizada *primu* do que uma marcação de posse, que, em se tratando de plural, deveria figurar como *PRIMOS'* ou até mesmo *PRIMUS'*, caso a mesma representação fonética fosse pretendida, de acordo com normas dominantes da língua inglesa.

Continuamos coletando ocorrências desta natureza até encontrarmos a padaria e lanchonete ilustrada na figura 15. Apesar de os termos "PADARIA E LANCHONETE" aparecerem antepostos ao nome próprio "Eduardo", esta ocorrência se aproximava mais das regras originais de emprego da terminação possessiva *-'s*, e por este motivo buscamos contato com o proprietário do estabelecimento. Conseguimos conversar com H., homem de 37 anos, natural do Rio de Janeiro, após contato prévio por telefone com sua mãe. Nosso contato foi bastante breve pois o proprietário estava bastante ocupado no momento de nossa visita atendendo seus clientes.

Naturalmente, supomos que seu nome corresponderia ao nome do estabelecimento, e lhe perguntamos:

> P: Bem, eu imagino então que seu nome é Eduardo.
> H: É, H. Eduardo da S.

Eduardo era, na verdade, seu segundo nome, e perguntamos-lhe, na expectativa de receber alguma informação a respeito do uso de tal terminação, sobre a origem do nome do estabelecimento:

> P: E você já tinha visto esse nome em algum outro lugar antes?
> H: Esse nome aí é o seguinte... Meu avô, o pai do meu pai, na família dele todo mundo tem Eduardo. O nome dele era Raimundo Eduardo, aí começou... O meu pai que é o filho mais velho, Sérgio Eduardo, um outro irmão... Aí continuaram nos netos. Agora a explicação já não sei te dizer o porquê.

Deduzimos que pelo fato de o nome Eduardo ser comum na família, a ideia de número possivelmente motivava o emprego do *–'s* junto ao nome próprio. Buscamos, contudo, tentar fazer uma referência mais explícita ao emprego do apóstrofo, o qual sinalizamos através de um gesto com o dedo indicador no ar e pronúncia enfatizada da consoante *s*:

> P: Esse nome, Eduardo's, com o "apóstrofo s"...
> H: É porque eu sou Eduardo e meu pai também, quando eu comecei aqui era sociedade eu e ele, aí [inaudível] Eduardo's, entendeu?

H. reitera o mesmo comentário explicativo em seu breve *account*, e refere-se novamente ao seu pai, "que também era Eduardo", no sentido de enfatizar a ideia de plural. Perguntamos-lhe de maneira explícita, finalmente, sobre uma suposta influência da língua inglesa na adoção daquele recurso gráfico, e H. responde:

> P: Nesse nome que você escolheu, tem alguma influência do inglês?
> H: Não, não... Tem não... Por causa disso mesmo que eu te falei, era eu e meu pai...
> P: Você sabe inglês, você fala inglês?
> H: Muito pouco... Muito pouco.

H. nega de maneira veemente qualquer relação do recurso *–'s* empregado no nome de seu estabelecimento com a língua inglesa, e, novamente, faz um comentário explicativo mencionando seu pai pela terceira vez, já um pouco

impaciente. Ao ser perguntando sobre seu conhecimento da língua inglesa, ele o avalia como “muito pouco”.

Em nenhum dos três casos em que conseguimos, em nosso trabalho de campo, maiores informações a respeito do emprego da terminação –*’s*, observamos, portanto, o uso deste recurso de acordo com sua finalidade original de marcação de posse conforme ocorre na língua inglesa. A partir destas interações e de outras ocorrências registradas, acreditamos que tal recurso tem sido frequentemente combinado com formas estilizadas de palavras em português ou funciona como uma desinência de número para nomes próprios, cuja pluralização em português varia amplamente.

Observamos, ainda, ocorrências que desafiam até mesmo estas conclusões preliminares, tais como:



Fig. 17: *Banner* retirado da página do *Facebook* da empresa “Luciano Gesso’s” localizada no bairro Poço Rico[165]

[165] Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100010459845582> Acesso em 14 mar. 2018.



Fig. 18: “Trailler do Raffa’s Lanches”, localizada no bairro São Mateus

Na impossibilidade de conseguirmos contato com os agentes responsáveis pelas duas ocorrências acima, poderíamos até supor, a partir de nossa própria análise, um uso estritamente semiótico de tal terminação. Com relação à empresa LUCIANO GESSO’S, temos um emprego que desafia ainda mais nossa compreensão de tal prática na medida em que o recurso para marcação de posse é empregado após o substantivo comum “gesso”, que possivelmente se refere, pelas imagens no *banner*, ao produto ou serviço oferecido por um homem chamado Luciano, o que nos permite concluir com alguma segurança que, novamente, não se trata *apenas* de uma marcação de posse, já que neste caso a terminação acompanharia o substantivo próprio. Na figura 17, novamente encontramos uma ocorrência que possivelmente aponta para algum outro significado que não apenas o de posse, pois esta já é indicada através do uso da preposição “de” no nome do

estabelecimento (*Trailler **do** Raffa's Lanches)*, e observamos novamente o emprego do apóstrofo indicando plural após o termo *hamburguer*, que aparece grafado sem o acento em português. Nesta ocorrência, podemos ainda destacar a grafia do termo *trailer* como *trailler*, com o emprego duplo da consoante *L*, sequência que não ocorre em palavras do português e possivelmente sinaliza uma consciência a respeito do anglicismo e um esforço de registrá-lo de maneira ortograficamente adequada, mas que acaba resultando em uma construção que Blommaert possivelmente identificaria como *lookalike* se considerarmos a grafia original da língua inglesa.

Um levantamento quantitativo, que foge ao escopo e ao intento desta pesquisa, seria útil para que chegássemos a conclusões empiricamente mais generalizáveis sobre o emprego da terminação *–'s* em particular; esperamos, todavia, ilustrar com nosso trabalho a complexidade dos processos envolvidos na adoção de recursos linguísticos como este e sugerir, apoiados em Lee (2017), que tais práticas translíngues podem estar em processo de sedimentação, que Canagarajah define nos seguintes termos:

> Pennycook apoia-se em teóricos performativos tais como Judith Butler (1990) e Michel de Certeau (1984) para teorizar como a forma e o significado nascem em e por meio de práticas sociais. Ele defende que forma e significado tornam-se sedimentados na medida em que recursos linguísticos são usados de maneira repetida e habitual em contextos locais específicos[166] (CANAGARAJAH, 2013, p. 28)

Outras ocorrências que também parecem ser resultados de práticas translíngues em processo de sedimentação são amplamente observadas na paisagem linguística da cidade, conforme vemos com o item lexical "*fest*", presente no nome da loja de aluguel de equipamentos e artigos para festas "LOC FEST", ilustrada na figura 6 no capítulo anterior, e em vários outros estabelecimentos relacionados a festas, como vemos nas próximas figuras:

[166] Do original: "Pennycook (2010) borrows from performative theorists such as Judith Butler (1990) and Michel de Certeau (1984) to theorize how form and meaning arise in and through social practice. He argues that form and meaning get sedimented, as language resources get used repeatedly and habitually in specific local contexts."



Fig. 19: salão de festas “FEST POINT”, localizado no bairro Santa Luzia



Fig. 20: *Facebook* da empresa “FEST PARK”, localizada no bairro Vila Ozanan[167]



Fig. 21: entrada do salão de festas “HAPPY FEST”, localizado no bairro Estrela Sul

[167] Disponível em: <https://www.facebook.com/festparkfestas.com.br> Acesso em 14 mar. 2018.

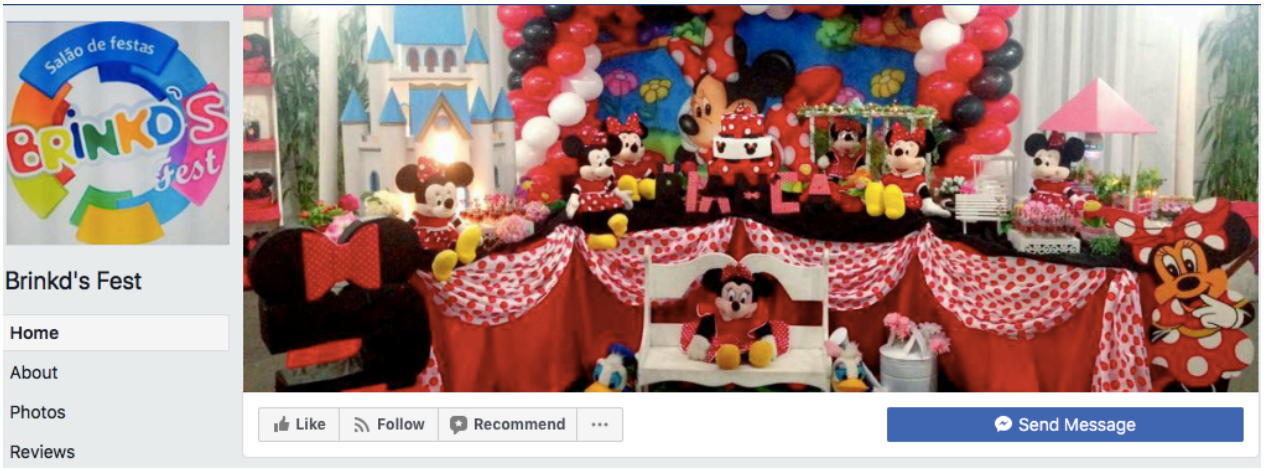


Fig. 22: *Facebook* da empresa "BRINKD'S FEST", localizada no bairro Bandeirantes[168]



Fig. 23: *Facebook* da empresa "FEST BRINQ", localizada no bairro Santa Terezinha[169]

O morfema *–fest*, de acordo com o dicionário Macmillan, é um sufixo informalmente "usado com substantivos para descrever uma ocasião em que pessoas fazem alguma atividade em excesso[170]", como no exemplo: "*What started as a serious meeting became nothing more than a talkfest"* ("O que começou como uma reunião séria tornou-se nada mais que um 'falatório'", em tradução nossa). Percebamos que nas ocorrências ilustradas nas figuras 18, 19 e 20, o suposto sufixo é usado como um substantivo comum possivelmente significando "festa" dada sua semelhança fonética com o termo em português. Nas três ocorrências, há uma variação do uso do termo como adjetivo ou substantivo, mas nunca como um sufixo em sua forma e significado originais. Em 18 e 19, teríamos, respectivamente, algo

[168] Disponível em: <https://www.facebook.com/Brinkds-Fest-1028796607155033> Acesso em 14 mar. 2018.
[169] Disponível em: <https://www.facebook.com/salaodefestafestbrinq> Acesso em 14 mar. 2018.
[170] Do original: "Used with some nouns to describe an occasion when people do a lot of a particular activity". Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/fest_2> Acesso em 5 abril 2018.

como “Ponto das Festas” e “Parque das Festas”, construções nas quais o item lexical “*fest*” funcionaria como um adjetivo”. Nesta última, destacamos também o emprego do substantivo “PARK” que é comumente pronunciado como “parque”, o que exemplifica as formas bivalentes às quais se refere Woolard (1998 *apud* HIGGINS, 2009, p. 7). Em 20, teríamos algo como “Festa Feliz”, e percebemos a observância da regra gramatical que prevê a anteposição do adjetivo na língua inglesa. Mais uma vez, nestes três exemplos, temos claros exemplos de *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013) entre português e inglês, em que os agentes tomam posições intermediárias entre o extremo da total desconsideração de normas dominantes e a supressão completa de sua voz autoral, retrabalhando a forma e o significado de recursos amplamente disponíveis na paisagem linguística.

Em 20 e 21, percebemos, além do termo “*fest*”, a presença de um item lexical semelhante à forma BRINK vista na figura 7 (PERSOMBRINK): BRINKD’S FEST e FEST BRINQ, nas quais as formas BRINKD’S e BRINQ possivelmente são empregadas como opções criativas que remetessem à ideia de “brincar, brincadeira ou brinquedo”, o que também sugere a possibilidade de sedimentação deste item lexical. Suspeitamos, ainda, que em BRINKD’S possa existir uma referência implícita à palavra “*kid*”, a qual estaria alinhada ao tipo de festas oferecidas pelo espaço, destinadas ao público infantil.

Com os exemplos discutidos nesta seção, esperamos ter demonstrado que, ao abordarmos práticas translíngues, é necessário abandonar as epistemologias normativas com as quais tradicionalmente manifestações multilíngues têm sido abordadas e reconhecer o direito do outro de permanecer num estado de inescrutabilidade, no sentido de que ao analisar práticas linguísticas a partir de normas dominantes, as pesquisas sociolinguísticas vão de encontro ao próprio compromisso da orientação translíngue com o reconhecimento da fluidez entre fronteiras linguísticas e a atenuação de distinções hierárquicas entre diferentes *englishes*, conforme vemos em:

> Inescrutabilidade, portanto, não é meramente a recusa de ser lido ou a recusa de ser interpretado. Inescrutabilidade, ao invés disso, é tanto uma prática quanto uma epistemologia: uma maneira de se olhar para um mundo que prevê a diferença e que não insiste imediatamente em avaliar ou desdiferenciar a diferença[171]. (LEE, 2017, p. 61)

[171] Do original: “Inscrutability, thus, is not merely a refusal to be read or a refusal to be interpreted. Inscrutability, instead, is both a practice but also an epistemology: a way of viewing the world that

Conforme vimos nas ocorrências analisadas nesta seção, os processos que resultam nestas práticas são complexos e determinados pelas sutis escolhas feitas pelos agentes a fim de representarem suas identidades através de seus complexos repertórios linguísticos. Estes se encontram repletos de recursos oriundos da língua inglesa que, pelo fato de frequentemente estarem em processo de sedimentação em outros sistemas sociolinguísticos, muitas vezes nem mesmo são reconhecidos como pertencentes ou exclusivos àquele código, mas sim como recursos linguísticos adotados de maneira criativa pelas pessoas em suas atividades linguístico cotidianas. Todo este dinamismo sociolinguístico é ignorado quando, por exemplo, aferimos tais práticas a partir de uma orientação monolíngue que parece permear em alguns momentos o rótulo *lookalike*.

Mais uma vez, encontramos fortes argumentos para defendermos, apoiados em Lee, que "no estudo de práticas translíngues, é importante reconhecer como usuários tradicionalmente vistos como 'não autorizados' se apropriam do inglês e o adaptam de maneiras que contradizem normas dominantes[172]" (2017, p. 63). Na próxima seção, discutiremos como a ideia de inescrutabilidade suscita importantes questões relacionadas à legitimidade das práticas linguísticas de pessoas que tradicionalmente não são reconhecidas como usuários legítimos da língua inglesa, as quais têm se apropriado de recursos associados a este idioma de modo a representarem suas identidades e posicionamentos ideológicos.

4.3 Reflexões sobre identidade e legitimidade

Nesta última seção discutiremos, a partir da análise de duas conversas particularmente produtivas com os agentes responsáveis pelas ocorrências registradas, a maneira como línguas e recursos linguísticos podem ser reconstituídos e reconfigurados a partir das práticas concretas de falantes reconhecidos (e que se reconhecem) como multilíngues ou não. Esta premissa, defende Lee, "é uma maneira útil de se começar a pensar sobre translinguismo" (2017, p. 6), que o autor explica como:

---

anticipates difference and that does not immediately insist on evaluating or undifferentiating difference p. 61"

[172] Do original: "In the study of translingual practices, it is also important to recognize how users traditionally understood as unauthorized appropriate and adapt English in ways that contradict mainstream norms."

> Em outras palavras, translinguismo, independente se você celebra o rótulo ou o rejeita por uma razão ou outra (ver Gilyard 2016; Matsuda 2014), representa uma oportunidade para se pensar não somente sobre a pluralidade dos recursos linguísticos em uma certa enunciação, artefato, ou local, mas também sobre a permissividade da pluralidade de maneiras nas quais uma língua em particular, como o inglês, pode ser encontrada[173] (LEE, 2017, p. 6).

Buscaremos mostrar como indivíduos frequentemente não consideradas como falantes autorizados ou legítimos de inglês empregam recursos linguísticos associados à língua de modo a representarem suas identidades e demarcarem seus posicionamentos ideológicos a partir do potencial simbólico destes recursos, que discutiremos a partir da noção de **indexicalidade** (BLOMMAERT, 2010). A primeira destas duas ocorrências é o salão de cabelereiros abaixo:



Fig. 24: Salão “SCISSÔ”, localizado no bairro São Mateus

O *account* produzido por W., homem, 32 anos, natural de Juiz de Fora, proprietário do estabelecimento, foi um dos primeiros que coletamos em nosso trabalho de campo e motivou em grande parte nosso movimento de desafiar a ideia de *lookalike* em prol de uma orientação translíngue. W. nos recebeu de maneira atenciosa em seu estabelecimento e mostrou-se à vontade e seguro ao responder nossas questões.

[173] Do original: “The possibility that a language can be reconstituted through the usage of individuals who are not traditionally imagined to be authorized users of the language is a useful way to begin thinking about translingualism. Put differently, translingualism, regardless of whether you celebrate the label of reject it for one reason or the other (see Gilyard 2016; Matsuda 2014), represents an opportunity to think not only about the plurality of language resources in a given enunciation, artifact, or space, but also about the permissiveness to the plurality of ways in which a particular language, such as English, can be encountered.”

Ele nos informa que atua no ramo há aproximadamente 8 anos, e avalia sua opção por esta atividade profissional como “natural” como vemos na interação abaixo:

> P: De onde você é, W.?
> W: Sou de Juiz de Fora.
> P: Você sempre atuou nesse ramo de negócios?
> W: Sim.
> P: Você já trabalha com salão há muito tempo?
> W: Há uns 8 anos.
> P: E por que a opção por um salão e não um outro estabelecimento?
> W: É... Veio de família. Minha mãe é cabeleireira, cresci no ambiente do salão e foi muito natural.

W. produz o seguinte *account* ao lhe perguntarmos sobre a escolha do nome:

> P: E por que Scissô?
> W: Então... É... Scissô é meu segundo salão, o primeiro salão era uma sociedade com uma amiga, e desde o primeiro salão eu buscava nomes que não eram muito convencionais. Nunca quis que fosse “salão-alguma-coisa”... Então te corrigindo no início, você falou “Salão Scissô”, não é “Salão Scissô”, é “Scissô”. Então numa primeira instância, no antigo salão, era “Studio VW”, tinha as iniciais tanto do meu nome quanto do nome da minha sócia...

W. avalia sua escolha por Scissô como uma alternativa a nomes que avalia como “muito convencionais”, uma preocupação que também motivou a escolha do nome de seu primeiro estabelecimento, “Studio VW”. Como W. realiza foneticamente o nome deste estabelecimento como “estúdio”, pergunto-lhe, de modo a evidenciar de que maneira esta opção lhe permitia afastar-se do “convencional”, como o nome era grafado, e o seguinte *account* é produzido:

> P: E como é que você escrevia esse “estúdio”, W.?
> W: É “studio” com o “s” mudo... Numa época em que não se usava tanto, hoje em dia muitos salões são “studio”. Mas numa época que não era muito usual, a gente usou o “studio”. E quando eu rompi a sociedade e fui montar o meu salão, eu procurava algum nome, de preferência que fosse curto, que não fosse “salão” ou que não fosse, que não fosse tão comum, como a gente vê “Salão Espaço VIP”, “Salão Não-Sei-O-Quê”... Eu particularmente acho muito comum e o ambiente eu já queria que remetesse a alguma coisa diferente e eu gosto dessas brincadeiras assim, então eu fiquei pensando alguma coisa que eu pudesse usar com “SCISSOR” (sic). E ao mesmo tempo que eu não queria um nome em inglês, então foi uma brincadeira, assim... Eu falo que hoje em dia a gente usa muito... Brasileiro gosta de usar nome em inglês, então foi uma brincadeira. Tanto é uma brincadeira que na sequência de Scissô bem um “beauty/beer”, então foi uma brincadeira assim, eu “abrasileirei” uma palavra, aí logo depois eu descobri que a pronúncia de tesoura em francês é “Scissô”, da mesma pronúncia que a minha, então...

No *account* anterior, W. menciona alguns elementos envolvidos no processo de escolha do nome "SCISSÔ". Inicialmente destaca a grafia escolhida para "estúdio", com "o 's' mudo", que equivale à forma em língua inglesa do termo. Reitera, ainda, que esta escolha atendia à sua busca por um "nome curto que não fosse 'salão'", numa tentativa de afastar-se de nomes avaliados como convencionais para estabelecimentos desta natureza. Considera novamente o termo "salão" como comum e destaca que ele não estaria alinhado à imagem pretendida para o atual estabelecimento, que foi aberto após o rompimento de sua sociedade anterior. W. ainda afirma que "não queria um nome em inglês" e descreve sua escolha por SCISSÔ como uma "brincadeira" a partir do termo "SCISSORS", nome plural em língua inglesa que ele pronuncia como "SCISSOR", possivelmente a partir de uma associação ao uso corriqueiro da forma singular "tesoura" em português. W. evidencia sua consciência sobre sua "brincadeira" linguística pois se refere aos nomes "BEAUTY/BEER" que seguem o termo "SCISSÔ", as quais são grafadas conforme as normas dominantes do inglês. Sua referência à tal prática como uma "brincadeira" suscita diretamente as contribuições de Pennycook (2007) sobre *ludic English* (ou "inglês lúdico"), a qual Blommaert define como "um ato de linguagem divertido, jocoso, revelando tanto competência e letramento avançados em inglês quanto um posicionamento político crítico específico[174]" (2010, p. 11).

A respeito da referência feita às palavras *beauty/beer*, destacamos que não há elementos visuais no salão que o associem exclusivamente ao público masculino, o que tem sido prática comum de alguns estabelecimentos do ramo que buscam captar este público ao oferecerem, por exemplo, cerveja e sinuca nestes espaços.

W. suscita a categoria (DE FINA, 2015) "brasileiro" e lhe atribui a propriedade de "gostar de usar nome em inglês". Contudo, revela um processo conflituoso de representação identitária na medida em que se mostra inicialmente contrário ao uso de um termo em língua inglesa para seu estabelecimento, mas o faz mediante um suposto processo de "abrasileiramento" do termo. Por outro lado, sua competência poderia ser questionada como "avançada" não só pelo emprego da forma singular "*scissor"*, mas pela própria avaliação que W. faz de si próprio como falante de inglês, que fica explícita na interação abaixo:

---

[174] Do original: "This is a playful language act, a case of 'ludic' English (Pennycook 2007: 30ff), revealing advanced competence in English and in literacy as well as a particular critical political stance."

> P: E você fala inglês?
> W: Não! (risos)
> P: Um pouco você fala!
> W: Lendo eu entendo alguma coisa...
> P: Até pelo uso de “beauty and beer” que aparece logo ali depois, então...
> W: Ah, a gente circula, assim... A gente lê alguma coisa, rótulo e tal, mas é quase nada!

Fazemos outras perguntas a W. de modo a compreender melhor como este processo de “abrasileiramento” ocorre linguisticamente, e a seguinte interação decorre:

> P: Existe então uma influência do inglês?
> W: Sim! Completamente, completamente.
> P: Mas existe também, pelo que eu entendi, uma tentativa sua de aportuguesar esse termo?
> W: Sim, sim... Abrasileirar, tem gente que fala “amineirar” por causa do “sô” no final...
> P: Exatamente. E esse “sô” no final?
> W: Inicialmente eu não tinha pensado nisso, nessa questão do mineiro não... Algumas pessoas remetem a isso, mas até então eu não tinha pensado nisso não.
> P: E por que essa tentativa, ou essa iniciativa, de pegar um elemento do inglês e transformá-lo em algo mais local? Esse uso do inglês, esse emprego do inglês, ele é motivado a partir de quê?
> W: Poxa, o inglês, ele acaba sendo muito fácil, né? Então é engraçado que da mesma forma que você me procurou, você identificou, e quem tem contato com o inglês, quem fala a língua fluentemente, faz essa referência. Então a logo é uma tesoura e tal, então nesse caso específico, eu achei que era muito... De uma certa forma muito explícito. Nesse caso eu achei muito explícito. Explícito à medida que você tem um conhecimento.

O processo de *codemeshing* envolvido nesta prática translíngue é nitidamente ilustrado na interação acima. Percebemos o exercício da voz autoral de W. na medida em que ele assume a influência da língua inglesa em sua construção e sua iniciativa em aportuguesar o termo, resultando numa prática que, para algumas pessoas chega a ser compreendida como uma referência a um elemento linguístico muito característico da variedade do português falada em Minas Gerais (o “mineirês”): a interjeição “sô”, corruptela de “senhor”. Esta prática translíngue profundamente impregnada de elementos locais ilustra o conceito de “*deep locality*” desenvolvido por Pennycook, o qual Rocha afirma surgir a fim de se

> enfatizar a importância de observarmos os processos ativos e seletivos de (re)construção da localidade, ou seja, de apropriação crítica de discursos, línguas sociais, linguagens e práticas globais ou alheias, na terminologia bakhtiniana, que transformam e tonalizam esses elementos localmente, evidenciando um exercício complexo, conflituoso, singular, situado e dinâmico de mobilidade, de construção de tempo e de espaço. (ROCHA, 2013 *apud* ROCHA & MACIEL, 2015, p. 423).

A respeito de suas motivações para utilizar um termo que recebe influência do inglês, W. tece o comentário explicativo “o inglês acaba sendo muito fácil”, possivelmente referindo-se à ampla presença de recursos associados à língua no dia a dia dos brasileiros, mas destaca um elemento visual no letreiro de seu estabelecimento (“a logo é uma tesoura”) que pode ser empregado como um recurso à disposição para a elucidação da finalidade comercial de seu estabelecimento, tornando este processo “muito explícito”, de acordo com sua avaliação. Essas considerações, assim como seu comentário explicativo “brasileiro gosta de usar nome em inglês”, parecem estar alinhadas a um dos outros pilares conceituais sobre os quais a orientação translíngue de Canagarajah se fundamenta: a noção de *polyglot dialog*, estratégia conversacional proposta por Posner (1991) possibilitada pelo “multilinguismo receptivo” (BRAUNMÜLLER, 2006 *apud* CANAGARAJAH, 2013, p. 5) com o qual todos contamos:

> Nós entendemos mais línguas do que podemos falar. Usando nossas habilidades receptivas, podemos entender a língua do interlocutor da mesma maneira que o interlocutor usa sua competência para entender nossa própria língua. E a conversa procede. Além disso, a comunicação envolve mais do que palavras. Em muitos casos, os falantes usam o contexto, gestos e objetos no cenário para interpretar as enunciações de seu interlocutor[175]” (CANAGARAJAH, 2013, p. 5).

A respeito da identidade pretendida com a elaboração do nome do estabelecimento e sua recepção por parte dos clientes, W. nos informa:

> P: E seus clientes fazem comentários sobre o nome do estabelecimento?
> W: Muito!
> P: Como é a recepção deles?
> W: É muito boa! É muito boa... Eu acho que, igual eu já falei, eu acho que casou muito bem com o ambiente que a gente conseguiu criar, que é um salão que tem barbearia, então aqui em Juiz de Fora, hoje em dia a gente tem o ramo de barbearia crescendo muito, o que é muito legal... Tem os salões que são convencionais, que geralmente, esteticamente têm um perfil bem parecido, e aqui a gente tem salão, tem barbearia, tem cerveja, tem serviço de estética...
> P: Então eu imagino também que não seja a proposta do salão, me corrija por favor se eu estiver errado, se vincular a nenhum público específico?
> W: Não, não, não, não! Muito pelo contrário! Eu acho que até em uma das minhas descrições da página do *Facebook*, isso fica muito claro, que é um ambiente que a gente queria criar o mais plural possível, tanto às vezes na música, no comportamento. Às vezes você pode chegar, pode estar tocando um samba de gafieira, você pode chegar e estar tocando *black*

[175] Do original: “We understand more languages than we can speak. Using our receptive skills we can understand the interlocutor’s language, in the same way that the interlocutor uses his/her competence to understand our own language. And the conversation proceeds. Besides, communication involves more than words. In many cases, speakers use the context, gestures, and objects in the setting to interpret the interlocutor’s utterances.”

> *music*, pode estar tocando um rock... A gente tenta diversificar bastante isso, e automaticamente, pelo perfil dos profissionais, já torna a clientela muito plural também. Você pega a clientela de barbearia, eu sou cabeleireiro, faço masculino e feminino, e a minha clientela... Eu tenho clientes que já são clientes mesmo, crianças que só cortam cabelo comigo, tem cliente que tem 7 anos que corta cabelo comigo há 5; tem clientes de 80 anos; tem minha mãe que tem uma clientela que já está com ela há mais de 20 anos... Então todo mundo conversa bem.

W. mais uma vez menciona o sucesso que acredita ter obtido ao distanciar seu estabelecimento de outros semelhantes num setor que se encontra em expansão. Seu *account* permite-nos, ainda, elucidar alguns valores que são mobilizados por meio de suas práticas, o que corresponde à ideia de indexicalidade, construto teórico-analítico que evidencia como

> nossas performances discursivas locais na enunciação sinalizam Discursos construídos social, histórica e coletivamente que permeiam o mundo social" (OCHS, 1992; BLOMMAERT, 2006) ou, nas palavras de Rocha (2013, p.127), o fenômeno da indexicalidade nos indicaria que "não há cisão entre escalas micro [discurso] e macrossociais [Discursos], principalmente porque essa classificação por vezes se dá a partir de convenções estabelecidas na teoria social (MELO & MOITA LOPES, 2014, pp. 660-661)

Apoiado na noção de ordens de indexicalidade desenvolvida por Blommaert a partir das contribuições de Silverstein (2003), Melo e Moita Lopes nos mostram como índices linguísticos podem funcionar como recursos semióticos na mobilização de valores indexicais de dois modos: "o primeiro deles, pela ordem indexical, um construto que nos permite entender como os sujeitos sociais em suas performances narrativas indexicalizam ideologias e/ou Discursos das grandes narrativas que orientam nossas vidas sociais." Em sua narrativa. W. nos mostra, por exemplo, que a identidade pretendida para seu estabelecimento através da elaboração do nome SCISSÔ representa um esforço no sentido de constituir um espaço "o mais plural possível", o qual exemplifica a partir dos diferentes gêneros musicais que são tocados no salão, no comportamento de clientes e profissionais, e na amplitude da faixa etária atendida no estabelecimento.

O segundo modo pelo qual recursos linguísticos operam a indexicalidade, de acordo com Melo e Moita Lopes,

> é verificado pela ordem de indexicalidade que de acordo com Blommaert (2010) são os valores, as crenças ou normas que são hierarquizados, estratificados e apontados no processo de indexicalização de Discursos (BLOMMAERT, 2010), por meio de escalas locais e translocais (2014, p. 661)

Podemos concluir, portanto, que o nome “SCISSÔ” não funciona, neste caso, como um índice semiótico que, por se assemelhar à língua inglesa, “marca itens ou lugares como elegantes, caros, melhores do que a média, novos, internacionais e destinados aos abastados e jovens[176]” (2012, p. 61), valores apontados por Blommaert ao desenvolver a ideia de *lookalike English*. Pelo contrário, W. se vale da inescrutabilidade do resultado de sua prática translíngue para permanecer num estado de “indefinição linguística e identitária” que não exclui possíveis clientes ao marcar seu estabelecimento com os valores enumerados acima, mas se vale desta indeterminação de modo a capturar a atenção de possíveis clientes que possam se sentir instigados pelo nome do salão:

> P: E quando você elaborou “Scissô” e resolveu colocar logo ali na placa “beauty and beer”, em algum momento você não teve receio de que talvez o uso dessas palavras que não nos remetem a algo claramente em português pudesse causar um certo estranhamento no seu cliente? Ou o seu cliente poderia não identificar do que se trata esse estabelecimento?
> W: Sim, mas eu acho isso bom. Muitas vezes as pessoas param na porta, falam que não parece salão, e a ideia era que fosse essa mesmo, que não parecesse salão ou que não fosse tão convencional... Cria um olhar... Chama uma atenção... Acho que a intenção era essa.

Uma outra ocorrência que nos permite discutir a indexicalidade envolvida em práticas translíngues é o nome da empresa de conservação de estofados “*A Limp House*”, ilustrada na figura 4. Este exemplo nos chamou atenção pela presença do termo *limp*, o qual, de acordo com o dicionário Oxford, é empregado como um adjetivo para descrever coisas “sem força interna ou estrutura, não duras ou firmes”[177]. O mesmo termo é utilizado para descrever um andar dificultado, marcado por claudicação. Supomos, dada a proposta do estabelecimento, que este dificilmente seria o significado pretendido, e assim como observamos em outros exemplos tais como *fest* e *brink*, deduzimos que uma suposta estrutura silábica associada ao inglês possa ter motivado a criação deste termo como uma opção lexical em inglês para o adjetivo “limpo”.

Nossa hipótese foi confirmada a partir do nosso contato com D., homem de 49 anos proprietário da empresa, que atua no ramo há aproximadamente 10 anos.

---

[176] Do original: “We find them whenever items or places need to be flagged as posh, expensive, better-than-normal, new, international and aimed at the affluent and the young.”
[177] Do original: “Lacking internal strength or structure; not stiff or firm”. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/limp> Acesso em 15 jun. 2018.

Ao perguntarmos sobre o processo que resultou na criação no nome do estabelecimento, a seguinte interação ocorreu:

> P: E por que vocês deram esse nome de “A Limp House” pra empresa de vocês?
> D: É porque a ideia era passar um nome de que... Casa limpa, entendeu, casa bem higienizada, no caso é uma casa *limp*, entendeu, através do sofá.
> P: Entendi... Através do sofá... Então é pra dar essa ideia mesmo de limpeza, né? De casa higienizada...
> D: Exato.
> P: Certo... E esse nome foi uma criação sua ou você já tinha visto esse nome em outro lugar antes?
> D: Não, foi uma criação minha mesmo.

Neste trecho, confirmamos não só o significado pretendido para o termo *limp* como também o exercício autoral de D., que confirma ser o responsável pela elaboração do nome, cujas motivações tentamos elucidar em nossa interação:

> P: Entendi... E por que que vocês fizeram uma opção por um nome que parec.., que lembra do inglês?
> D: Ah, porque o nosso público na verdade, ele é o público classe média-alta, né?
> P: Entendi...
> D: Né? E assim, um nome mais sofisticado, dando um certo ar de maioridade pra empresa, uma coisa nesse sentido, entendeu?
> P: Entendi, de passar essa imagem de um serviço *premium*, né? Um serviço mais sofisticado...
> D: Correto.

Nesta interação, D. nos explica que sua escolha foi motivada pelo tipo de público atendido pela empresa (classe média-alta), o que deixa implícita sua percepção da maior disponibilidade do inglês para este segmento. D. afirma, ainda, que a escolha pelo inglês torna o nome “mais sofisticado” e confere um “ar de maioridade” para seu estabelecimento. Perguntamos-lhe também sobre sua experiência com a língua inglesa, e D. reforça a suposta relação existente entre a categoria de “brasileiros”, à qual W., proprietário do salão “SCISSÔ”, também havia se referido anteriormente, e a propriedade de “gostar desses termos [em] inglês, ou americanizados”, como vemos abaixo:

> P: Entendi. E como é que é sua experiência com o inglês, você fala inglês, você já estudou...?
> D: Não, na verdade, nada... É porque a gente sabe que o brasileiro gosta desses termos ingles..., esses termos americanizados, né? Eu particularmente não gosto também, mas a gente ouve muitos termos em inglês no nosso dia a dia e as pessoas gostam de ver isso e gostam de pronunciar.

Ao contrário do *account* produzido por W., que se afasta dos valores indexados por recursos linguísticos em inglês citados por Blommaert, percebemos que D. se vale da distribuição desigual destes recursos para linguisticamente restringir seu público-alvo, o que revela seu posicionamento ideológico. A respeito de sua constituição identitária através da narrativa, é interessante destacar a maneira conflituosa como este processo ocorre, na medida em que, apesar de empregar um termo supostamente em inglês para selecionar seus clientes, D., que é brasileiro, sinaliza um afastamento desta categoria como o comentário "Eu particularmente não gosto também", mas reforça a presença abundante de recursos oriundos da língua no dia a dia das pessoas, as quais, acredita, gostam de ver tais construções e pronunciá-las. Seu comentário explicativo ilustra a maneira como De Fina entende o processo de construção identitária, que a linguista não analisa como "conjuntos de características que podem ser atribuídas a indivíduos ou manifestações de essências individuais, mas emergem por meio de processos semióticos nos quais as pessoas constroem imagens de si mesmas e dos outros[178]" (2015, p. 351)

D. ainda afirma que não se percebe como falante de inglês, e esta informação nos é particularmente interessante na medida em que sua resposta ilustra a complexa questão de legitimidade discutida por Lee ao desenvolver a noção de inescrutabilidade. Apesar de negar com veemência seu *status* como falante de língua inglesa, o que possivelmente se justifica pela falta de contato formal com o idioma, D. sente-se suficientemente seguro para construir um sintagma em língua inglesa no qual um dos elementos é, inclusive, uma criação sua a partir de recursos que compõem seu repertório, como é caso do adjetivo *limp*. Estas não seriam razões suficientes para o considerarmos falante de inglês?

Os dois exemplos discutidos nesta seção permitem-nos ilustrar a complexa questão de legitimidade linguística discutida por Lee, que afirma que os limiares que determinam aquilo que é considerado linguisticamente legítimo são construtos ideológicos elásticos definidos largamente por instituições e falantes privilegiados (LEE, 2017, pp. 26-27). Assim, ao adotarmos um entendimento de suas práticas translíngues como inescrutáveis, ou seja, práticas que não se pretendem ser

[178] Do original: "…sets of characteristics that can be ascribed to individuals or manifestations of individual essences, but emerge through semiotic processes in which people construct images of themselves."

acomodadas por normas e critérios dominantes a fim de serem validadas, conseguimos, de fato, alinharmo-nos com o compromisso da orientação translíngue em reconhecer a fluidez de fronteiras linguísticas e defender práticas linguísticas plurilíticas (LEE, 2017, p. 27).

Encerramos este capítulo com um quadro-resumo das principais ocorrências analisadas aqui, a fim de demonstrarmos como uma orientação translíngue nos permite adotar uma perspectiva mais sensível a diferenças linguísticas, a qual busca compreender, no caso específico deste trabalho, usos emergentes da língua inglesa em relação aos contextos específicos em que eles ocorrem, evitando imprimir-lhes rótulos e submetê-las a construtos ideológicos marcados por desigualdades que definem falantes como proficientes ou não e variedades linguísticas como legítimas ou não.

Lookalike English	Prática translíngue
PERSOMBRINK: a palavra não corresponde a um significante claro em inglês; o lexema *persom* apresenta problemas de ortografia e o termo *brink* coincide com um significante cujo significado não se alinha à proposta do estabelecimento.	O termo é criado a partir de um processo de *codemeshing* que explora a semelhante fonética entre o termo *brink* e o verbo "brincar" em português, o que se alinha à proposta do estabelecimento. Há uma tomada de posição intermediária pelo agente desta prática ao se observar, durante a criação de um termo "em inglês", regras ortográficas do português, o que é evidenciado pelo emprego da consoante "m" antes do "b".
BUCKET KICKERS: apesar de aparentemente bem formado em termos morfossintáticos, o nome do bar é semanticamente impreciso, na medida em que a expressão idiomática "to kick the bucket" é empregada como um eufemismo para "morrer". É interessante destacar que nas redes sociais do bar, conforme ilustrado na figura 8, encontramos o slogan "Seja você também um **bucket**!", termo pelo qual os clientes do estabelecimento são chamados, e não o substantivo *kicker* que, de fato, refere-se ao agente da ação.	O nome do estabelecimento em inglês é motivado pela expressão "chutar o balde" em português, o que evidencia o processo de *codemeshing* em nível semântico.

Quadro 1: quadro-resumo 1 (análise comparativa das principais ocorrências analisadas)

SOULCAT: o termo é um significante que apenas se assemelha à expressão *soul cat*; originalmente a expressão não está relacionada, exclusivamente, a felinos; sua propriedade referencial, portanto, é imprecisa.	O termo *soulcat* é proposto a fim de representar a identidade das sócias ("pessoas apaixonadas por gatos"), que mesmo ao descobrirem o significado original da expressão *soul cat*, retrabalham sua forma e significado auxiliadas por outros itens semióticos (tais como a logomarca e demais elementos visuais da empresa) e exploram a proximidade fonética com a forma verbal *sou* na expectativa de elaborarem um nome para um segmento em ascensão no Brasil, cujos exemplos avaliados como bem sucedidos são em inglês.
PRIMU'S e EDUARDO'S: o uso da terminação *–s* é impreciso nestes dois casos, considerando as regras ortográficas do inglês no primeiro caso e a inversão da ordem substantivo próprio-substantivo comum no segundo.	Os encontros com os donos destes estabelecimentos revelaram que o uso desta terminação, amplamente encontrada na paisagem linguística da cidade, não está necessariamente relacionada à noção de posse, mas sim surge como uma desinência de número para nomes próprios ou formas estilizadas de substantivos comuns.
LOC FEST, FEST PARK, HAPPY FEST, FEST BRINQ, BRINKD'S FEST: o morfema *–fest* corresponde a um sufixo na língua inglesa cujos posicionamento e significado não são mantidos nestas ocorrências. Aqui, temos o uso da termo "fest" como opção de tradução para a palavra "festa", para a qual existe "party" em inglês.	Dada sua semelhança ortográfica e fonética com a palavra "festa" em português, este termo tem sido amplamente adotado por estabelecimentos deste setor, o que ilustra o processo de assimilação, segundo o qual recursos linguísticos podem ser apropriados e retrabalhados localmente, resultando eventualmente na sedimentação desta prática.
SCISSÔ: a ortografia da palavra não corresponde ao termo *scissors*, em inglês. A opção pelo termo no singular revela uma influência da forma *tesoura* em português.	O responsável pela criação do nome nos informa que retrabalhou a palavra *scissors* de modo a tonalizá-la de acordo com o sistema sociolinguístico local, que para muitos receptores remete à interjeição "Sô", popularmente empregada em Minas Gerais. Apesar de não se ver como um usuário de competência avançada em língua inglesa, o proprietário do salão se vale desta prática para representar sua identidade e afastar seu estabelecimento de salões convencionais.

Quadro 1: quadro-resumo 2 (análise comparativa das principais ocorrências analisadas)

A LIMP HOUSE: apesar de ser um sintagma aparentemente bem formado pelo determinante *A* seguido de adjetivo anteposto ao substantivo, o termo *limp*, opção do agente para "limpo", não remete ao significado pretendido em inglês, código no qual significa "flácido, mole, fraco, hesitante, manco".	O adjetivo suscita uma semelhante fonética com "limpo", em português, e assim deve ser compreendido, o que está relacionado com os serviços oferecidos pela empresa. O uso do inglês ocorre a fim de se selecionar o público-alvo da empresa, que deseja clientes de maior poder aquisitivo.

Quadro 3: quadro-resumo 3 (análise comparativa das principais ocorrências analisadas)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos “puchado o zum” ao máximo dentro do escopo e das limitações desta pesquisa, acreditamos ter encontrado elementos suficientes que nos permitam articular uma resposta à mesma questão formulada por Crystal com a qual abrimos o nosso texto: *why English*? Parece-nos inquestionável, neste ponto, que o inglês tem ocupado por muito tempo uma posição destacada como a língua de contato entre diferentes povos e culturas em função de vários fatores, alguns dos quais apontamos no capítulo 1. É fundamental ressaltar que o próprio idioma é formado a partir de contatos linguísticos, conforme nos mostra Lee em:

> O inglês, como o conhecemos, não é uma língua que se desenvolveu em uso isolado por uma comunidade de fala homogênea, mas sim através de contínuo contato resultando em uma língua que pouco se assemelha a suas raízes anglo-saxônicas[179] (2017, p. 24).

Uma língua marcada por significativo dinamismo desde sua gênese não poderia, acreditamos, ser compreendida de outra maneira. Por este motivo recuperamos, no primeiro capítulo, algumas abordagens que buscaram, desde a segunda metade do século XX, período que coincide com a intensificação da expansão global do inglês, descrever variedades emergentes do idioma a partir de seu uso por falantes de fora do *Inner Circle*, mas vimos que estas propostas mostraram-se limitadas na medida em que abordaram um fenômeno essencialmente dinâmico e mutável a partir de perspectivas estáticas que preconizavam estrutura e estabilidade de normas.

Percebemos, então, que qualquer tentativa de se descrever condições contemporâneas de contatos linguísticos e culturais nas quais recursos linguísticos associados ao inglês podem ser encontrados devem ser compreendidos como práticas linguísticas em relação aos contextos locais nos quais ocorrem. Para isso, observamos um movimento significativo das pesquisas sociolinguísticas nos últimos dez anos, o qual tem sido descrito na literatura como a virada multilíngue e tem gerado novos conceitos e modelos teóricos que nos permitem repensar não só o papel desempenhado pelo inglês em uma sociedade marcada por uma globalização

[179] Do original: “English, as we know, is not a language that developed in isolated usage by a homogeneous speech community but rather through ongoing contact resulting in a language that bears little resemblance to its Anglo-Saxon roots.”

sem precedentes, mas as próprias bases ontológicas sobre as quais construímos nosso entendimento de “língua”.

Assim, parece-nos bastante razoável defender que, em uma sociedade frequentemente descrita como superdiversa, a noção de “língua” como um código ou sistema de regras a ser dominado com proficiência parece fazer cada vez menos sentido, já que a mobilidade de pessoas e recursos linguísticos detonada pelos episódios mais recentes da globalização torna os repertórios linguísticos complexos e imprevisíveis. É nesse sentido que Lee defende ser óbvio, neste ponto, afirmar que não existem tipos de inglês pelo mundo, mas sim maneiras “plurilíticas” nas quais o idioma pode ser encontrado em contextos globais (2017, p. 26). A diferença, afirma o autor, está relacionada à legitimidade política que estes diferentes amálgamas linguísticos recebem.

Foi precisamente para este entendimento que procuramos contribuir com nosso trabalho. Buscamos evidenciar, na paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora/MG, vestígios desta complexa e desafiadora nova ordem sociolinguística global, assim como demonstrar a complexidade dos repertórios linguísticos a partir dos quais tais práticas são concretizadas. Através da análise de ocorrências que foram inicialmente coletadas como exemplos de *lookalike English*, buscamos problematizar esta própria noção ao mostrar que uma orientação translíngue nos fornece elementos teórico-analíticos que nos permitem discutir de maneira mais esclarecedora os processos que resultam em formas linguísticas marcadas por algum tipo de hibridização.

É nesse sentido que uma abordagem que se ancora nos preceitos da tradição etnográfica pode nos ajudar a revelar, por exemplo, a importância de se considerar aquilo Blommaert chama de “normatividade periférica” (2005 *apud* LEE, 2017, p. 32) noção empregada “para descrever as maneiras nas quais recursos desviados do inglês [normativo] em contextos periféricos são comuns e sistêmicas”[180]. Nestes contextos, como é o caso de Juiz de Fora, cidade supostamente monolíngue localizada no *Expanding Circle*,

[180] Do original: “to describe the ways in which deviational features in English in periphery contexts are commonplace and systemic.”

> ideias totalizantes de língua(gem) e letramento não são úteis; precisamos de uma sensibilidade etnográfica para as maneiras como, nesta comunidade, as pessoas organizaram seus recursos semióticos de acordo com as restrições locais, com vistas à criação de oportunidades localmente válidas para eles[181] (LEE, 2017, p. 33)

Esta perspectiva nos permite, por exemplo, combater uma "patologização" de práticas linguísticas, translíngues ou não, à qual é submetido o suposto uso "indevido" do inglês por falantes não-nativos (LEE, 2017, p. 33), como é o caso do chamado "*engrish*", termo pejorativo comumente empregado para se designar o uso do inglês por falantes asiáticos, ou o próprio rótulo *lookalike*, o qual, conforme argumentamos através de nossos dados, falha em capturar as estratégias e processos que devem ser localmente compreendidos se desejamos compreender práticas translíngues de maneira mais ampla e satisfatória. É nesse sentido que a etnografia pode funcionar como uma ponte que, a partir da atenção dada àquilo que é local, pode se conectar com o global e nos permitir algum tipo de generalização sobre os fenômenos investigados (DE FINA, 2015, p. 363).

Algumas noções foram centrais à operacionalização desta mudança de paradigma ao tentarmos compreender as práticas que então passamos a analisar sob o viés translíngue, dentre as quais destacamos a noção de multivocalidade e inescrutabilidade. A primeira, conforme mostrou-nos Higgins, é usada para descrever como recursos linguísticos podem, quando apropriados por falantes de diferentes línguas, serem retrabalhados localmente e adquirirem novos significados e usos, resultando, muitas vezes, em formas marcadas por algum tipo de hibridização. A segunda noção, proposta por Lee, está relacionada à prerrogativa de falantes evadirem a avaliação de suas práticas translíngues de acordo com epistemologias normativas (LEE, 2017, p. 59). Ao adotarmos a inescrutabilidade como um paradigma de compreensão destas práticas translíngues, reconhecemos o direito de falantes de não se submeterem às mesmas regras que se aplicam a *englishes* considerados legítimos, noção esta que argumentamos se tratar de um construto ideológico definido amplamente por instituições e falantes privilegiados.

Exercitamos, assim, um novo olhar para o movimento *entre* línguas e *para além* daquilo que tradicionalmente concebemos com língua, o que corresponde, para Lee (2017), ao grande desafio das empreitadas *trans-* que têm ocupado

[181] Do original: "Totalizing ideas of language and literacy are not helpful here; we need an ethnographic sensitivity to the ways in which in this community , people have organized their semiotic resources within local constraints and in view of creating locally valid opportunities for them."

posição destacada na agenda sociolinguística há algum tempo. Este entendimento nos revela, por exemplo, como práticas translíngues que não se estruturam a partir das normas hegemônicas do inglês permitem a seus falantes a representação de suas identidades e posicionamentos ideológicos, os quais devem, novamente, ser compreendidos em termos locais de modo a evitarmos generalizações que reafirmam ideologias dominantes. Tais práticas podem, com o passar do tempo, tornarem-se sedimentadas e dar origem a novas formas, significados e regras, o que nos permite explicar, por exemplo, o emprego do termo “zum” que despertou inicialmente nossa curiosidade como pesquisadores e nos motivou a embarcar nesta jornada.

Ao confeccionarmos esta colcha de retalhos a partir de nossas leituras, trocas, experiências, impressões e contribuições de tantos colaboradores, não pretendemos em qualquer hipótese esgotar o assunto. Pelo contrário: este trabalho é apenas mais um esforço que busca se alinhar cientificamente a um movimento sociolinguístico que, comprometido com uma pauta de justiça social, propõe-se a desconstruir fronteiras entre pessoas e línguas e noções como certo e errado. As possibilidades de continuação deste movimento são inúmeras, e podem se voltar, por exemplo, para a maneira como contextos instrucionais português-inglês podem ser pensados como espaços essencialmente translíngues, o que abre interessantes caminhos de análise das interações observadas em sala de aula e suas implicações em termos linguísticos e pedagógicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, P.; HAMMERSLEY, M. Ethnography and Participant Observation. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (orgs.) **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994.

BEN-RAFAEL et al. Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The Case of Israel. In*:* GORTER, D. (org.) **Linguistic Landscape**: A New Approach to Multilingualism. [S.l.]: Multilingual Matters, 2006. P. 7-30.

BLOMMAERT, J. Language and Superdiversity. **Diversities***,* vol. 3, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.mmg.mpg.de/fileadmin/user_upload/Subsites/Diversities/Journals_2011/20 11_13-02_art1.pdf. Acesso em 10 jan. 2017.

_____. Lookalike language. **English Today 110**, vol. 28, n. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 60-62. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S0266078412000193> Acesso em 10 jan. 2017.

_____. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes.** [S.l.]: Multilingual Matters, 2013.

_____. 2010. **The Sociolinguistics of Globalization.** Nova York: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT & JIE 2010. **Ethnographic Fieldwork**: A Beginner's Guide. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

BOURDIEU, P. **A economida das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 1991.

BRIGGS, C. **Learning how to ask:** A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BUDACH, G; SAINT-GEORGES, I. Superdiversity and language. In: CANAGARAJAH, S. (org.) **The Routledge Handbook of Migration and Language.** Nova York: Routledge, 2017. p. 63-78.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, vol. 2. [S.l.]: De Gruyter, 2011. p. 1-28. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279558643_Translanguaging_in_the_Classroom_Emerging_Issues_for_Research_and_Pedagogy> Acesso em 8 jan. 2018.

_____. Lingua Franca English, Multilingual Communities, and Language Acquisition. **The Modern Day Journal**, vol. 91, 2007. p. 923-939. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4781.2007.00678.x> Acesso em 15 fev. 2017

CANAGARAJAH, S. Introduction: the nexus of migration and language: the emergence of a disciplinary space. In: _____. (org.) **The Routledge Handbook of Migration and Language.** Nova York: Routledge, 2017.

_____. **Translingual Practices**: Global Englishes and Cosmopolitan Relations. Nova York: Routledge, 2013.

CATANI, A. et al. (orgs.) Vocabulário Bourdieu. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?** e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CRYSTAL, D. **English as a global language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DE FINA, A. Narratives in interview. The case of accounts: For an interactional approach of narrative genres. **Narrative Inquiry**, vol. 19, n. 2. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 233-258. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233513251_Narratives_in_interview_The_case_of_accounts_For_an_interactional_approach_to_narrative_genres> Acesso em 5 abril 2018.

_____. Narrative and Identities. In: DE FINA, A; GEORGAKOPOULOU, A. (orgs.) **The Handbook of Narrative Analysis**. 1. ed. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2015. p. 351-368.

DE FINA, A; JOHNSTONE, B. Discourse Analysis and Narrative. In: TANNEN, D. et al. (orgs.) **The Handbook of Discourse Analysis**. vol. 1. 2. ed. [S.l.]: Wiley Blackwell, 2015. cap. 7, p. 152-167.

DE GRANDE, P. B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada. In: **Eletras**, v. 23, n. 23, pp. 11-27, dez. 2011.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In: _____. **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994.

FONTANA, A; FREY, J. Interviewing: The Art of Science. In: In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (orgs.) **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994, p. 105.

GAGO, P. Questões de transcrição em Análise da Conversa. In: **Veredas**. vol. 6, n. 2. 2012, p. 89-113.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century**: A Global Perspective. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, O. et al. **The Translanguaging Classroom**: Leveraging Student Bilingualism for Learning. Philadelphia: Caslon Inc, 2017.

GARCÍA, O.; KLEIFGEN, J. **Educating Emergent Bilinguals**: policies, programs, and practices for English language learners. Nova York: Teachers College, 2010.

GORTER, D. (org.) **Linguistic landscape**: A New Approach to Multilingualism. [S.l.]: Multilingual Matters, 2006

GUBA, E.; LINCOLN, Y. Competing Paradigms in Qualitative Research. In: _____. (orgs.) **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994. p. 105-117.

HARPER, D. On the Authority of the Image: Visual Methods at the Crossroads. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y (orgs.) **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994. p. 403.

HELLER, M. Globalization, the new economy, and the commodification of language and identity. **Journal of Sociolinguistics**, vol. 4, n. 4. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 473-492.

HIGGINS, C. **English as A Local Language**: Post-colonial Identities and Multilingual Practices. Bristol: Multilingual Matters, 2009.

HUEBNER, T. Bangkok's Linguistic Landscapes: Environmental Print, Codemixing and Language Change. In: GORTER, D. (org.) **Linguistic landscape**: A New Approach to Multilingualism. [S.l.]: Multilingual Matters, 2006. p. 31-51.

JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. **Englishes in Practice**, vol. 2, n. 3. [S.l.]: De Gruyter, 2015. p. 49-85. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/9e9d/ace9e6b31e5397c4e77f6b39008f54ef83a1.pdf> Acesso em 10 jan. 2018.

_____. Current perspectives on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca. **TESOL** Quarterly, v. 40, n. 1. 2006. p. 157-181.

_____. English as a Lingua Franca: interpretations and attitudes. In: **World Englishes**, vol. 28. n. 2. 2009. pp. 200–207. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227663650_English_as_a_Lingua_Franca_interpretations_and_attitudes> Acesso 10 jan. 2018.

KACHRU, B. World Englishes and Applied Linguistics. In: TICKOO, M. L. (org.). **Languages & Standards**: Issues, Attitudes, Case Studies, vol. 347. 1991. p. 178-205. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED347805> Acesso 5. mar. 2017.

KIRKPATRICK, A. **World Englishes**: Implications for International Communication And English Language Teaching. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

KUMARAVADIVELU, B. Individual Identity, Cultural Globalization, and teaching English as an International Language: The Case for an Epistemic Break. In: ALSAGOFF, L. et al. (orgs.) **Teaching English as an International Language**: Principles and Practices. Nova York: Routledge, 2012. p. 9-27. Disponível em: <http://www.bkumaravadivelu.com/articles%20in%20pdfs/2012%20Kumaravadivelu%20Epistemic%20Break.pdf> Acesso em 15 jan. 2017.

LEE, J. W. **The Politics of Translingualism**: After Englishes. Nova York: Routledge, 2017.

MAKONI, S. & PENNYCOOK, A. Desinventing and (Re)constructing Languages. **Critical inquiry in language studies:** an international journal, vol. 2, n. 3. p. 137-156, 2005.

MAURANEN, A. Conceptualising ELF. In: JENKINS et al. (org.) **The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca**. Oxon: Routledge, 2017.

MAY, S. (org.) **The Multilingual Turn**: Implications for SLA, TESOL and Bilingual Education. Nova York: Routledge, 2014.

MELO, G; MOITA LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. In: **Linguagem em Discurso**. vol. 14, n. 3, p. 653-673. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00653.pdf> Acesso em 15 abril 2018.

MYERS-SCOTTON, C. **Multiple voices:** an introduction to bilingualism. Oxford: Blackwell, 2006.

PENNYCOOK, A. Translingual English. **Australian Review of Applied Linguistics**, vol. 31, n. 3. [S.l.]: Monash University Epress, 2008. p. 30.1-30.9. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250079429_Translingual_English> Acesso em 15 jan. 2017.

_____. The myth of English as an international language. In: MAKONI, S. & Pennycook, A. (orgs.). **Disinventing and reconstituting languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

_____. Preface. In: HIGGINS, C. **English as A Local Language**: Post-colonial Identities and Multilingual Practices. Bristol: Multilingual Matters, 2009. p. ix-xii.

_____. Language as a Local Practice. Nova York: Routledge, 2010.

PENNYCOOK, A. **Metrolingualism:** Language in the City. Nova York: Routledge, 2015.

PENNYCOOK, A. et al. Preface and Acknowledgements. In: BLOMMAERT, J. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes.** [S.l.]: Multilingual Matters, 2013.

RAJAGOPALAN, K. World English or World Englishes? Does it make any difference? **International Journal of Applied Linguistics**, vol. 22, n. 3. [S.l.]: Blackwell Publishing, 2012. p. 374 – 391. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1473-4192.2012.00316.x> Acesso em 15 jan. 2017.

ROCHA, C. **Propostas Para o Inglês no Ensino Fundamental I Público**: Plurilinguismo, Transculturalidade e Multiletramentos. 2010. 231 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 09 abr. 2010.

ROCHA, C.; MACIEL, R. Ensino de língua estrangeira como prática translíngue: articulações com teorizações bakhtinianas. **DELTA**, vol. 31, n. 2. São Paulo, 2015. p. 411-445. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n2/1678-460X-delta-31-02-00411.pdf> Acesso em 15 jan. 2017.

ROCHA et al. (orgs.) **Diálogos sobre Tecnologia Educacional**: Educação Linguística, Mobilidade e Práticas Translíngues. Campinas: Pontes, 2017.

SCHWANDT, T. Constructivist, Interpretivist Approached to Human Inquiry. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994, p. 105.

SCOTT, M; LYMAN, S. Accounts. Tradução de Ana Beatriz Duarte. **American Sociological Review**. vol. 33, n. 1, 1968, pp. 46-62.

SEIDLHOFER, B. English as a lingua franca. **ELT Journal**, vol. 59, n. 4. [S.l.]: Oxford University Press, 2005. p. 339-341. Disponível em: < http://didattica.uniroma2.it/assets/uploads/corsi/143781/Seidlhofer.English_as_a_lingua_franca_.ELT_Journal_copy_.pdf> Acesso em 6 mar. 2018.

SIGNORINI, I. (org.) **Língua(gem) e Identidade**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistics life. **Language and Communication**, vol. 23. [S.l.]: Elsevier, 2003. p. 193-229. Disponível em: <http://www.glasgowheart.org/media/media_200300_en.pdf> Acesso em 15 jan. 2017.

SOARES, M. **"Só barulho do spray foskando algum tom"**: os grafismos urbanos na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG. 2018. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de For a, Juiz de Fora. 15 mar. 2018.

VERTOVEC, S. **Super-diversity revealed.** 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/4266102.stm> Acesso em 17 maio 2017.

_____. **The Emergence of Super-Diversity in Britain.** Oxford: Universidade de Oxford. 2006.